UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARIA LUIZA CÁCERES RODRIGUES DA SILVA

CONVERSA COM O HOMEM DO CAMPO:

análise da abordagem à comunicação e ao jornalismo rural nos Cursos de Jornalismo em Campo Grande - MS

CAMPO GRANDE – MS
JUNHO DE 2018

MARIA LUIZA CÁCERES RODRIGUES DA SILVA

CONVERSA COM O HOMEM DO CAMPO:

análise da abordagem à comunicação e ao jornalismo rural nos Cursos de Jornalismo em Campo Grande - MS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Mídia e Representação Social.
Linha de Pesquisa: Mídia, Identidade e Regionalidade

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares

CAMPO GRANDE – MS

JUNHO DE 2018

MARIA LUIZA CÁCERES RODRIGUES DA SILVA

CONVERSA COM O HOMEM DO CAMPO:

análise da abordagem à comunicação e ao jornalismo rural nos

Cursos de Jornalismo em Campo Grande – MS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Comissão Examinadora:

_____

Prof. Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares (Orientador)
Doutor pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, Brasil
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
(Presidente e Orientador)

_____

Profº Dr. Mário Luiz Fernandes
Doutor em Comunicação Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul - PUC/RS (membro titular)

_____

Prof. Dr. Oswaldo Ribeiro
Doutor pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, Brasil
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
(membro titular)

Campo Grande - MS, 12 de junho de 2018

Dedico este trabalho aos meus avós, Honorina e Orcírio Cáceres,
que sempre foram esteio e referência para toda minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me manter à sua luz todos os dias de minha vida.

Sinceros agradecimentos à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT, cuja bolsa de estudos tornou possível o sonho de me dedicar ao mestrado.

Agradeço a todos os professores que me guiaram até aqui. A começar por minha mãe, Luciene Cáceres, professora na escola e na vida que nunca mediu esforços para que eu e meus irmãos nos tornássemos boas pessoas.

"Tia Ieda", que com toda paciência no mundo iniciou minha alfabetização e marcou para sempre a minha história. Professora Ana Cristina Ramos, a quem devo tudo que sei sobre língua portuguesa, ler e interpretar principalmente. Mestres que tive a oportunidade de conhecer desde muito cedo na Escola Raul Sans de Matos, em Campo Grande.

Aos professores da graduação em jornalismo, hoje colegas de profissão, por terem sempre acreditado naquele "bando" de adolescentes que não tinha muito rumo na vida. Aos professores Paulo Sanchez, Renata Farinelli, Rosangela Araújo e Rosane Bacha, que mesmo sem saber, foram apoio e inspiração para que eu chegasse até aqui.

Agradeço em especial aos meus irmãos, que são tudo em minha vida: Jannaína, que nos deu de presente Juliana e Antônio, nossos maiores tesouros e por quem me esforço para ser cada dia um pouquinho melhor; Juliano por toda amizade e amor que me dedica desde sempre; e Wendril, que trouxe um pouco mais de alegria para nossas vidas. À Carolina Yume, que me apoiou desde o início, leu e releu meus projetos, e mesmo nos dias mais difíceis esteve ao meu lado incentivando e me apoiando em todas as decisões.

Agradeço aos amigos que sempre acreditaram em mim, mesmo naqueles momentos em que nem eu mesmo acreditava. Não posso deixar de agradecer imensamente aos colegas jornalistas que toparam participar da pesquisa e aos acadêmicos, que gentilmente responderam ao questionário.

Por fim, agradeço aos meus colegas de mestrado e aos professores do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que compartilharam suas vidas, suas experiências e conhecimentos conosco, em especial aos professores Marcelo Cancio, meu orientador nesta dissertação, Oswaldo Ribeiro e Ana Maria Dantas de Maio que participaram desta, até o momento, breve trajetória acadêmica.

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu
- Meus oito anos

RESUMO

O presente trabalho teve por finalidade analisar a abordagem da comunicação e do jornalismo rural nos cursos de Jornalismo em Campo Grande – MS, e ainda conhecer o perfil e a visão dos profissionais que atuam no mercado de trabalho voltado para o segmento rural. A pesquisa foi desenvolvida com coordenadores, acadêmicos e profissionais. Ao tratar do tema o trabalho pontua questões sociais, econômicas, históricas e culturais do estado de Mato Grosso do Sul, voltadas ao meio rural e agrícola. Foram reunidas, por meio de levantamento bibliográfico, informações relacionadas ao agronegócio no Brasil e no estado, além de conceitos e discussões sobre comunicação e jornalismo rural. A necessidade de criar um ambiente de diálogo entre jornalistas e público segmentado foi o que motivou a pesquisa, considerando a importância do agronegócio e das atividades ligadas ao meio rural. Analisar como o agronegócio e os diversos temas que o permeiam são trabalhados nas escolas de comunicação é fundamental no intuito de preparar os jornalistas para atuar nesse setor e conscientizá-los que ao dialogar com o meio rural estarão contribuindo para o seu crescimento e consequentemente para o desenvolvimento econômico e social do país. A pesquisa apontou que a comunicação e o jornalismo rural não têm uma abordagem efetiva nas Universidades. Existe um certo preconceito ao se tratar dos assuntos referentes ao campo, falta debate dentro das salas de aula e conscientização da importância dos problemas enfrentados pelo homem do campo.

Palavras-chave: Ensino em Jornalismo. Comunicação Rural. Jornalismo Rural. Agronegócio. Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze the communication approach and rural journalism in journalism courses in Campo Grande-MS, and, still know the profile and the vision of the professionals who work in the market focused on the rural segment. The research was developed with coordinators, academics and professionals. In dealing with the theme the work points to social, economic, historical and cultural issues of the state that are geared towards rural and agricultural environments. Information related to agribusiness in Brazil and in the state, were gathered through a bibliographical survey, as well as concepts and discussions on rural communication and journalism. The need to create an environment of dialogue between journalists and the segmented public was what motivated the research, considering the importance of agribusiness and activities related to the rural environment. Analyzing how agribusiness, and the various themes that permeate it are worked in the schools of communication is fundamental to prepare the journalists to work in this sector and to make them aware that when dialoguing with the rural environment they will be contributing to its growth and consequently to the development economic and social of the country. The research pointed out that communication and rural journalism do not have an effective approach in Universities. There is a certain prejudice when dealing with field issues, there is a lack of debate within the classrooms and awareness of the importance of the problems faced by the rural man.

Keywords: Journalism Education. Rural Comunication. Rural Journalism. Agribusiness. Mato Grosso do Sul

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Universidade Cursada 70
Gráfico 2 - Interesse no meio rural 71
Gráfico 3 - Disciplinas voltadas à questão rural 72
Gráfico 4 - Preparação das Univer sidades para a questão rural no jornalismo 74
Gráfico 5 - Universidade onde cursou comunicação Social / Jornalismo 77
Gráfico 6 - Disciplina cursada sobre a questão rural durante a graduação 78
Gráfico 7 - Influência das disciplinas voltadas à questão rural no mercado de trabalho 79
Gráfico 8 - Conhecimento acerca do conceito de "Comunicação rural" 83
Gráfico 9 - Preparo das universidades para o segmento rural 87
Gráfico 10 - Opinião sobre o nível de informação da população acerca das questões do campo 89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Demonstrativo da produção e exportação de MS.....29

LISTA DE SIGLAS

ALAIC	Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación
APROSOJA/MS	Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CAND	Colônia Agrícola Nacional de Dourados
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
CRMV/MS	Conselho Regional de Medicina Veterinária de Mato Grosso do Sul
ECA	Escola de Comunicações e Artes
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAMASUL	Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso Do Sul
FENAJ	Federação Nacional de Jornalistas
FNPJ	Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo
GRAER	Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INTERCOM	Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
IMASUL	Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso Do Sul
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MAPA	Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PIB	Produto Interno Bruto
SAI	Serviço de Informação Agrícola
SBA	Sistema Brasileiro do Agronegócio
SEAD	Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD)

SEDESC	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e de Ciência e Tecnologia
SEMAGRO	Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SBPJOR	Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

1. CAPÍTULO I - MATO GROSSO DO SUL: HISTÓRIA, CULTURA E ECONOMIA LIGADAS AO CAMPO 26

1.1 Jornalismo e Mercado de Trabalho Segmentado 29

2. CAPÍTULO II - PROCESSO COMUNICATIVO COM O HOMEM DO CAMPO 34

2.1 Comunicação Rural 36

2.2 Jornalismo Rural 42

3. CAPÍTULO 3 - ENSINO DE JORNALISMO 46

3.1 As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo 50

3.2 Perfil das Universidades Pesquisadas 54

3.2.1 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul 54

3.2.2 Universidade Católica Dom Bosco 55

3.2.3 Universidade Anhanguera Uniderp 55

4. CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 57

4.1 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS 58

4.2 Universidade Católica Dom Bosco – UCDB 61

4.3 Universidade Anhanguera Uniderp 64

4.4 Pesquisa 67

4.5 Acadêmicos 67

4.6 Perguntas Realizadas 70

4.7. Profissionais 75

4.8 Análises e Discussões 90

CONSIDERAÇÕES FINAIS 96

REFERÊNCIAS 99

ANEXOS 103

ANEXO A – Questionário Respondido Pelos Acadêmicos. 103

ANEXO B – Questionário Respondido pelos Profissionais 111

INTRODUÇÃO

A evolução humana ocorreu por diversos fatores e a agricultura foi um marco na história da humanidade. Os processos de iniciar plantações, cultivo de vegetais, colheita possibilitaram que o homem tivesse mais condições de se fixar em determinadas regiões. Além da agricultura, a domesticação de animais e a pecuária fizeram com que a necessidade de caçar não fosse mais constante. Desde os primórdios da existência do homem, o trabalho com a terra e os animais foi fundamental para sua subsistência, evolução e manutenção da vida.

O domínio de técnicas de cultivo, a utilização de novas ferramentas e a possibilidade de produzir o seu próprio alimento garantiu ao homem mais tempo para se dedicar à outras atividades. A partir desses acontecimentos, resultantes da interação homem e natureza, começam a surgir grupos que passam a dividir seus espaços de convivência. O papel da agricultura e da pecuária na evolução foi muito além da subsistência. O desenvolvimento gerado a partir de atividades agrícolas deixou marcas em toda história da humanidade.

A agricultura, no início, era voltada apenas para a subsistência das comunidades que buscavam, de alguma forma, cultivar seu alimento. Com o passar do tempo, essas comunidades passaram a explorar áreas maiores e conforme a população crescia, aumentava também a necessidade de produzir mais para atender a demanda. O desenvolvimento da agricultura permitiu a passagem do nomadismo para o sedentarismo, os indivíduos começaram então a se fixar em determinados lugares e a produção alimentar permitiu melhores condições de reprodução humana, resultando em crescimento demográfico.

> No início das civilizações, os homens viviam em bandos, nômades de acordo com a disponibilidade de alimentos que a natureza espontaneamente lhes oferecia. Dependiam da coleta de alimentos silvestres, da caça e da pesca. Não havia cultivos, criações domésticas, armazenagem e tampouco trocas de mercadorias entre bandos. Com o passar dos tempos, descobriram que as sementes das plantas, devidamente lançadas ao solo, podiam germinar, crescer e frutificar e que animais podiam ser domesticados e criados em cativeiro. É o começo da agropecuária e é também o início da fixação do homem a lugares predefinidos. (ARAÚJO, 2005, p.10).

Esse contexto, que se iniciou com a descoberta da agricultura, deu base para o surgimento de uma civilização agrícola, que posteriormente facilitou o desenvolvimento das relações comerciais. As civilizações agrícola e comercial serviram de base para a revolução industrial. É importante contextualizar a relação do homem com a atividade agrícola, pois é a

partir daí que sugiram novas formas de viver em comunidade, negociar, empreender, buscar aperfeiçoamento técnico sempre com o objetivo de evoluir. No contexto atual e das últimas décadas muitas mudanças impulsionaram ainda mais a agricultura. Dando um salto na evolução humana e da agricultura chegou-se à modernização do campo, ao incentivo às pesquisas, ao domínio de técnicas e a utilização da tecnologia, que trouxeram um significativo aumento da produção agrícola.

As atividades rurais e agrícolas têm papel importante no desenvolvimento e manutenção da sociedade atual. Todo o sistema criado e gerado pelas atividades agrícolas foi denominado na década de 1950, de “agronegócio”. Os professores de Harvard, Jonh Davis e Ray Goldberg constataram que as atividades rurais e aquelas ligadas a ela não poderiam viver isoladas, construíram uma metodologia para o estudo da cadeia agroalimentar e criaram o termo *agribusiness*, traduzido para o português com “agronegócio” (MEGIDO; XAVIER, 2003).

O agronegócio é um sistema integrado, uma cadeia de negócios, pesquisa, estudos, ciências, tecnologia, informação, desde a origem vegetal e animal até os produtos finais com valor agregado. Agronegócio é a prática agrícola desde a produção e distribuição de insumos, as novas tecnologias agrícolas, a produção, o armazenamento, o transporte, até o processamento dos produtos agrícolas e seus derivados. Jonh Davis e Ray Goldberg (1957) o definem como a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, do processamento e da distribuição dos produtos agrícolas e dos itens produzidos a partir deles (ARAÚJO, 2007). Eles perceberam que não se podia mais analisar a economia com base em setores isolados, como nos modelos tradicionais, induzindo ao início da estruturação da cadeia do agronegócio.

> O termo *agribusiness* atravessou praticamente toda a década de 1980 sem tradução para o português e foi adotado de forma generalizada, inclusive por alguns jornais, que mais tarde trocaram o nome de cadernos agropecuários para *agribusiness*. Não eram raras as discussões sobre a utilização do termo em inglês ou a tradução literalmente para o português para agronegócios, ou ainda os termos complexo agroindustrial, cadeias agroeconômicas e sistema agroindustrial. Todos com a intenção de um mesmo significado (ARAÚJO, 2007, p.17).

Com o sucesso da cadeia produtiva do agronegócio outros conceitos mais amplos e detalhados foram criados, porém neste trabalho, que tem por objetivo analisar a comunicação

e o jornalismo rural na universidade, esses conceitos não serão contemplados. No entanto, para essa dissertação é importante situar o conceito de agronegócio e o seu surgimento.

Muitos assuntos ligados ao agronegócio merecem destaque, entre eles o grande volume financeiro gerado pelo setor. De acordo com informações do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - MAPA, a agropecuária se mantém como um dos principais motores para a economia brasileira. Reafirmando a importância que o agronegócio representa para a economia nacional vale destacar que em 2017 o agronegócio foi responsável por quase 22% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. As informações foram divulgadas pelo Relatório PIB Agro-Brasil, desenvolvido pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP[1], e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

O PIB do agronegócio é a quantidade de riqueza que esse setor pode gerar em um ano. Quando se soma os valores desse ramo com o de outros, como indústria, comércio e serviços, além de ganhos com exportações e outros fatores, chega-se ao PIB nacional. Ainda de acordo com informações do MAPA, toda essa força do setor é explicada pela produtividade. Os produtores rurais brasileiros estão entre os que conseguem tirar mais resultado de um mesmo pedaço de terra.

O Ministério da Agricultura destaca ainda que o bom desempenho econômico do setor e a oferta crescente de empregos na cadeia produtiva não podem ser atribuídos apenas à vocação agropecuária brasileira. O desenvolvimento científico-tecnológico e a modernização da atividade rural, obtidos por intermédio de pesquisas e da expansão da indústria de máquinas e implementos, contribuíram igualmente para transformar o país numa das mais respeitáveis plataformas mundiais do agronegócio. A adoção de programas de sanidade animal e vegetal, garantindo a produção de alimentos saudáveis, também ajudou a alcançar essa condição.

Todos esses fatores destacam o agronegócio positivamente, porém alguns outros temas igualmente relevantes e diretamente ligados ao setor rural também merecem destaque. A questão fundiária indígena é extremamente relevante, considerando as questões históricas e sociais do Brasil. Com o crescimento do agronegócio, as terras têm sido alvo de grandes discussões e manifestações, uma vez que devido à grande expansão do agronegócio brasileiro, gerou-se uma disputa entre os interesses econômicos e a tentativa de demarcar os territórios indígenas. Questões como: trabalho escravo, situação do trabalhador rural, conflito com

[1] Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo.

quilombolas, agrotóxicos, desmatamento e transgênicos também caracterizam o agronegócio brasileiro.

A realidade da agricultura familiar no país é igualmente importante e merece espaço quando se fala de meio rural. Dados da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD), vinculada à Casa Civil, demonstram que a agricultura familiar brasileira é responsável pela produção de mais de 50% dos alimentos da cesta básica nacional e que existem, em todo o país, cerca de 4,4 milhões de famílias agricultoras, sendo que o setor responde por sete em cada dez postos de trabalho no campo. O estado de Mato Grosso do Sul, por sua vez, conta atualmente com aproximadamente 80 mil famílias de agricultores familiares.

Dados do último Censo Agropecuário revelam que os principais alimentos produzidos pelos pequenos agricultores no estado são mandioca (77%), café (68%) e feijão (56%). Ainda, conforme informações da SEAD, a agricultura familiar é caracterizada pela gestão da propriedade compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária como principal fonte geradora de renda. Além disso, o agricultor familiar tem uma relação particular com a terra, que é tanto seu local de trabalho, quanto sua moradia.

Esses assuntos fazem parte das discussões relativas ao campo e para o campo, considerando sua importância nas pautas diárias das redações tais assuntos devem ser discutidos e trabalhados como parte dos currículos das Universidades. Paralelo a esse desenvolvimento no campo, ocorreu também o desenvolvimento na comunicação para o campo, ou seja, a comunicação rural. O potencial econômico do setor rural atraiu a atenção dos meios de comunicação há algum tempo e ao longo dos anos foram criados suplementos agrícolas, programas de televisão, *sites* e agências de comunicação voltados a esse público.

Os avanços tecnológicos trouxeram mudanças nos sistemas de comunicação que envolvem diretamente o produtor rural, seja ele um pequeno, médio ou grande produtor. De acordo com Spenillo (2002), foram alteradas e facilitadas as condições de acesso do produtor à informação, mas junto com a facilidade veio também o excesso. Muitos veículos, meios e conteúdo irrelevantes que possivelmente não chegam ao produtor de forma consistente.

> Nesse contexto, a comunicação rural, entendida como um instrumento prioritariamente viabilizador de um ‘fórum’ local com capacidade de definir e gerar localmente políticas de desenvolvimento, deve lutar por manter-se como um momento de encontro, superando a sedução da informação rural, sobretudo no *agribusiness*, direta, imediata e praticamente sem esforços interacionais. (SPENILLO, 2002, p.31).

No Brasil, o surgimento do processo comunicativo com o homem do campo veio como processo de persuasão e convencimento do público rural, alvo de um processo de difusão de tecnologia promovido pelo Estado a fim de desenvolver o setor rural. O processo comunicativo não foi pensado como um fluxo e comunicação interativa capaz de criar no campo alguma reação na direção do autodesenvolvimento técnico e humano.

É importante refletir sobre quem seria este "homem do campo". Essa denominação é bastante abrangente e coloca produtor rural (pequeno, médio ou grande), trabalhador rural, agricultor familiar, indígena, quilombola, trabalhador sem-terra, empresários, entre outros, como se fossem "a mesma pessoa". A realidade é que a pluralidade de atividades que envolvem o meio rural e agrícola são tão complexas quanto os atores que participam delas. Cada um desses "homens do campo" possui uma função distinta dentro da atividade rural. Nesta dissertação o termo irá englobar os diversos atores citados, e quando necessária alguma especificação será feita dentro do texto.

A área rural brasileira não se restringe mais àquelas atividades relacionadas à agropecuária e agroindústria. Nas últimas décadas, o meio rural vem ganhando novas funções – agrícolas e não agrícolas – oferecendo novas oportunidades de trabalho e renda para famílias. Agora, a agropecuária moderna e a agricultura de subsistência dividem espaço com um conjunto de atividades ligadas ao lazer, prestação de serviços e até à indústria, reduzindo, cada vez mais, os limites entre o rural e o urbano no país.

> É preciso ampliar essa velha noção de rural para além das atividades produtivas tradicionais (tais como culturas e criação de animais) e incluir no espaço agrário a produção de serviços (tais como lazer, turismo, preservação do meio ambiente, etc.) e de bens não agrícolas como, por exemplo, moradia e artesanato, incluídas aí também as formas modernas de trabalho a domicílio, tão comuns nos países desenvolvidos. (GRAZIANO DA SILVA, 1993. p.11)

O meio rural e as atividade agropecuárias nele desenvolvidas têm influência histórica, social e cultural, e necessitam de profissionais da imprensa que conheçam a realidade rural, o seu significado, que de alguma forma consigam dialogar com esse público tão específico e ao mesmo tempo tão diverso – considerando os inúmeros atores que participam das atividades no campo e relacionadas a ele.

Ainda que os registros oficiais apontem que o primeiro jornal brasileiro a entrar em circulação no Rio de Janeiro foi o 'Correio Braziliense', editado por Hipólito José da Costa, em junho de 1808, as pesquisas históricas avaliam que o primeiro jornalista conceituado como rural foi Pero Vaz de Caminha, que destacou em sua carta descritiva sobre o território

nacional, a cultura, fauna, flora e costumes dos habitantes que aqui encontrou. Os apontamentos descritos por Dias (2011) no livro "A Imprensa Rural no Brasil" detalham ainda que o famoso texto, a carta de Caminha ao Rei Dom Manuel, foi censurado e liberado somente três séculos depois pelos portugueses, em razão da preocupação com a divulgação de qualquer escrito que exaltasse as qualidades e riquezas da colônia.

Assim, como muitos estados e municípios brasileiros, Mato Grosso do Sul possui sua economia, história, criação e desenvolvimento diretamente ligados ao campo, caracterizando-se como importante polo produtor de carne, grãos, cana-de-açúcar, além do mercado de papel e celulose em plena expansão. Com esse cenário, surge uma grande demanda por veículos de comunicação, programas, *sites* e suplementos impressos que trabalhem com assuntos diretamente ligados ao campo, abrindo assim espaço de trabalho para jornalistas. Além disso, é importante que a comunicação e o jornalismo rural sejam abordados com coerência e discutidos nas Universidades, afim de melhor preparar os estudantes que irão atuar no mercado voltado ao segmento rural.

Investir na melhor qualificação dos futuros jornalistas formados nas Universidades da cidade de Campo Grande pode beneficiar não somente os profissionais, e as empresas de comunicação que contratam e geram empregos, mas também melhorar o diálogo com o homem do campo que, cada dia mais, está exigente e conectado ao mundo e suas transformações. Como já citado anteriormente, há abismos econômicos e culturais entre os vários tipos de "homem do campo".

Esse que está cada vez mais conectado e exigente, é o produtor rural que mora na cidade, possui acesso à internet, muitas vezes é um grande empresário com vários funcionários. Porém, existe o "homem do campo", o trabalhador rural, agricultor familiar que vive e tira seu sustento da pequena área em que vive com a família. O jornalista precisa conhecer essas diferenças e estar ciente da necessidade de dialogar com todos os "homens do campo".

Criar um ambiente de diálogo e compartilhar os conhecimentos adquiridos na universidade em linguagem jornalística é o esperado do comunicador pelo setor e cabe às instituições de ensino superior prepará-los. Em 1993, o professor José Marques de Melo já alertava quanto aos desafios da comunicação rural.

> Trata-se de um desafio a ser enfrentado pela comunidade universitária da comunicação social, na medida em que o Brasil permanece com um perfil econômico marcado pela produção agropecuária, fonte

> significativa da sua pauta de exportações (MARQUES DE MELO, 1993, p 78).

Desde então algumas Universidades se propuseram a trabalhar o tema, porém atualmente a comunicação e o jornalismo rural não são mais disciplinas obrigatórias, podem ser cursadas de forma optativa nos cursos que ainda as mantêm na matriz curricular. Alguns anos antes, em 1986, Margarida M. Krohling Kunsch, também já dissertava sobre as peculiaridades do tema:

> A comunicação rural é muito mais complexa do que se pensa. Infelizmente, no decorrer dos últimos anos não mereceu por parte das escolas de comunicação social a devida atenção, no que se refere ao ensino enquanto a melhor definição das linhas de pesquisa, ficando muito impregnada do extensionismo, do funcionalismo e do difusionismo de inovações, sob forte influência dos paradigmas importados e distanciados, portanto, da realidade brasileira (KUNSCH, 1993, p.06).

Geraldo Bueno de Carvalho em sua dissertação de mestrado, em 2001, pela Universidade de Viçosa, intitulada “Jornalismo Rural na Comunicação Social do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo”, defendeu a importância de uma maior reflexão sobre o jornalismo rural e concluiu que as escolas de comunicação social devem intervir e assumir o papel de agente transformador e renovador da sociedade, identificando as reais necessidades sociais do mundo rural no seu entorno.

Dessa forma, é fundamental uma análise a respeito da forma como a comunicação e o jornalismo rural são trabalhados, pois da mesma forma como no estado de São Paulo o assunto é negligenciado, conforme constatação de Geraldo Carvalho (2001), em Campo Grande imagina-se que a situação possa ser semelhante. A hipótese central desta dissertação é que a formação específica dos acadêmicos para a comunicação ou jornalismo rural é superficial e insuficiente. Sendo assim, foi necessário ouvir os acadêmicos para confirmar ou não o que se pressupunha.

Além dos acadêmicos, os coordenadores dos cursos de Jornalismo de três universidades de Campo Grande também participaram da pesquisa. Para contribuir ainda mais, profissionais que atuam no jornalismo rural responderam a um questionário relativo à abordagem que tiveram durante a graduação. A metodologia completa consta no Capítulo IV desta dissertação.

As mudanças na formação do profissional que busque trabalhar com o agronegócio e meio rural devem ser efetivas. Em Mato Grosso do Sul é preciso pensar nas atividades

agrícolas como partes importantes na sobrevivência e desenvolvimento local, na qual a participação desses setores é representada por grandes volumes de diversos produtos comercializados interna e externamente. Cabe aos comunicadores e à imprensa dialogar com o meio agrícola e rural, com mídia apropriada e profissionais capacitados, apoiando assim o seu desenvolvimento. Dessa forma é necessário repensar a comunicação rural e de alguma maneira reestruturar, considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais, o curso de jornalismo, o currículo das escolas de jornalismo e compreender a demanda daqueles que estão inseridos no meio rural.

Saber para quem escrever e como escrever é o principal desafio de um comunicador, chegar ao seu objetivo com a mensagem na linguagem que o receptor irá entender e, principalmente, conhecer esse receptor, com quem deve dialogar e possibilitar necessária aproximação. Pressupõe-se que, mesmo sendo o agronegócio responsável por grande movimentação econômica no Brasil e em Mato Grosso do Sul, há uma lacuna entre faculdades e mercado de trabalho.

Este trabalho analisa se os universitários, futuros profissionais, estão preparados para trabalhar nessa área e se a comunicação e o jornalismo rural não foram esquecidos na formação dos jornalistas. A pesquisa com os alunos e profissionais traz à tona indagações em relação à abordagem do tema dentro das universidades, evidenciando a necessidade de dar subsídios para despertar nos futuros comunicadores o interesse no aprofundamento do jornalismo rural.

Amparado por estudos anteriores e, principalmente, pelo pensamento de autores que trabalham com a comunicação rural há anos, o estudo se fortalece diante dos trabalhos de José Marques de Melo, na “Coletânea Comunicação Rural: discurso e prática”, de 1988, o qual destaca que abordar a comunicação rural é um desafio a ser enfrentado pela comunidade universitária da Comunicação Social, na medida em que o Brasil permanece com um perfil econômico marcado pela produção agropecuária.

Ainda nessa mesma coletânea, Margarida Kunsch (1988) cita que a comunicação rural é muito mais complexa do que se pensa e que, infelizmente, no decorrer dos anos não mereceu por parte das escolas de Comunicação Social a atenção devida, principalmente no que se refere ao ensino. Kunsch (1988) ressalta ainda que muitas mudanças terão que ocorrer tanto em nível institucional quanto em níveis acadêmico e profissional.

A escassez de estudos como esse é também uma justificativa para o presente trabalho, que além de analisar a abordagem da comunicação e do jornalismo rural na academia, também analisa os reflexos da formação acadêmica no mercado de trabalho,

entrevistando os profissionais da área. A pesquisa ainda revela a necessidade de uma maior reflexão sobre a abordagem da comunicação e do jornalismo rural dentro das Universidades de Campo Grande – MS, que possuem o curso de Jornalismo.

Participaram voluntariamente da pesquisa quinze acadêmicos que cursaram o último ano do curso de jornalismo e treze profissionais convidados que atuam no mercado de trabalho voltado para o segmento rural – jornal impresso, rádio, revista, televisão, sites de notícias e assessoria de imprensa. Foram aplicados dois questionários diferentes: um para acadêmicos e outro para profissionais. A proposta da pesquisa foi discutir a abordagem e a importância da comunicação e do jornalismo rural dentro das universidades, conhecer a visão dos participantes sobre o tema e também as consequências da possível falta de preparação dos jornalistas para lidar com o tema.

A pesquisa teve abordagem qualiquantitativa, visto que a coleta de dados por meio dos questionários foi composta de perguntas abertas e fechadas. O estudo tem como objetivo principal analisar a forma como a comunicação rural é abordada dentro das universidades e detectar possíveis lacunas existentes na abordagem do tema na academia. Além de acadêmicos e profissionais, também participaram da pesquisa os coordenadores dos cursos de jornalismo das Universidades pesquisadas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Católica Dom Bosco e Universidade Uniderp Anhanguera.

Uma importante justificativa pessoal para este trabalho é a proximidade e vivência da autora com o meio rural. Desde muito pequena acompanhava seus avós em viagens para fazenda da família no interior de Mato Grosso do Sul. A paixão pelo campo, assim como a admiração pelas pessoas que lhe apresentavam cada dia uma experiência diferente, fez com que a vontade de viver aquilo e se aprofundar no assunto resultasse, em partes, nesta dissertação. As férias, até pouco tempo atrás, eram regadas à vacinação, castração e aparte do gado nas fazendas da família.

A poeira do gado nos mangueiros de aroeira, os galpões cheios de traias de arreio, a lida do campo fizeram parte de seu crescimento e amadurecimento como pessoa e profissional. A influência dos avós e pais – principalmente da mãe – assim como a convivência com os tios e primos na fazenda e, posteriormente, nas festas de laço realizadas no interior do estado, possibilitaram um relativo amadurecimento da autora deste trabalho e a fizeram trazer para academia indagações feitas desde muito nova. As festas de laço comprido[2]

[2] Essa é uma prova de habilidades campeiras e consiste em um cavaleiro laçar a rês pelos chifres ou orelhas dentro de um limite de 100 (cem) metros, sendo vencedor o que fizer o maior número de laçadas. Disponível em: <http://www.abqm.com.br> Acesso em: 11 de jan. 2018.

são bastante tradicionais no estado e aos dezesseis anos a autora passa a participar desses eventos, de periodicidade mensal em cidades diferentes, como amazona[3].

O ingresso na universidade em 2003, aos dezessete anos no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, foi um tanto precoce, porém, desde o início da graduação a autora buscou trazer suas experiências pessoais para sala de aula. No decorrer da graduação foram feitos estágios focados na área rural e a partir do breve conhecimento adquirido em sala de aula, agregado à pouca experiência de vida fortaleceram a vontade de saber mais sobre as duas paixões: meio rural e comunicação. A monografia do curso foi voltada para temática rural em revista, a Revista Manejo Rural – que teve sua primeira e única edição impressa no final de 2006. Em 2007, a primeira oportunidade de trabalho ao finalizar a graduação veio rapidamente na área do jornalismo rural.

A primeira experiência como jornalista profissional, aos vinte anos apenas, foi no extinto Canal Zoom Rural em Campo Grande, na produção do programa chamado Cavalo e Cia. O programa semanal fazia a cobertura de eventos equestres no estado, entrevistas com médicos veterinários, zootecnistas e todos os profissionais envolvidos no setor da equideocultura e também da pecuária. Outras oportunidades surgiram para produção, edição, reportagem e apresentação de programas voltados à temática agropecuária. Em 2009, surge a possibilidade de cursar outra graduação, dessa vez focada no agronegócio equino. O curso de Gestão em Equinocultura, cursado em Sorocaba, interior de São Paulo, teve duração de dois anos – período esse em que a autora trabalhou como repórter de uma revista segmentada e também continuou desenvolvendo seus trabalhos como fotógrafa especializada, atividade iniciada em 2006 e desenvolvida até hoje.

Após a experiência no interior do estado de São Paulo, atuou como assessora de imprensa do Conselho Regional de Medicina Veterinária de Mato Grosso do Sul – CRMV/MS. Após a passagem pelo CRMV/MS, houve uma proposta de emprego na TV Centro América, afiliada da Rede Globo em Cuiabá – Mato Grosso. A experiência inicialmente era apenas para produção de matérias gerais, porém com o passar dos dias as pautas voltadas para o agronegócio acabaram sendo produzidas pela autora, considerando suas experiências anteriores. Além da produção de pautas para o Programa MT Rural, algumas matérias foram veiculadas para todo Brasil pelo Programa Globo Rural. Em 2014, de volta a Campo Grande – MS começa a trabalhar na Rede MS de Televisão, afiliada da Rede

[3] Termo utilizado para designar a mulher que monta a cavalo e que participa de provas equestres. Utilizado também para designar uma categoria durante as competições. Disponível em: <http://www.abqm.com.br>. Acesso em: 11 jan. 2018.

Record. De imediato foi contratada para ser repórter e produtora do Record Rural, um programa diário focado em temas rurais. Além de desenvolver funções de produtora e repórter, passou a editar e dirigir as gravações do programa.

Desde o início de sua vida profissional sempre notou a escassez de jornalistas especializados no segmento rural. Presenciava, muitas vezes, a imaturidade e até mesmo desconhecimento de colegas ao conversar com entrevistados, fechar um texto e até mesmo entender a respeito do assunto da matéria. Em 2016, já na terceira tentativa, ingressa no Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e nada mais apropriado do que estudar aquilo que a guiou até aqui: o meio rural, o agronegócio, a comunicação, o jornalismo rural e, principalmente, a formação do jornalista que terá a oportunidade de atuar no segmento rural.

A presente dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro traça o histórico social, econômico e cultural de Mato Grosso do Sul, o pioneirismo e importância da erva mate para o desenvolvimento econômico, social, cultural e principalmente histórico para o estado. Trata também do desenvolvimento da comunicação e do jornalismo rural nos veículos de Campo Grande, a importância do segmento para a geração de empregos e oportunidade de ingresso no mercado de trabalho.

O segundo trata do processo comunicativo com o homem do campo, traz conceitos de extensão rural, comunicação e jornalismo rural. Revive discussões iniciadas há muitos anos, mas que são extremamente atuais, tratam da necessidade de aprofundamento no ensino da comunicação e jornalismo rural.

O terceiro traz considerações e um breve histórico sobre o ensino do tema, além disso, traça um perfil dos cursos pesquisados. O quarto capítulo traz o processo metodológico realizado para pesquisa e obtenção de dados. Os questionários realizados com os professores, acadêmicos e profissionais foram analisados e posteriormente interpretados nas considerações finais do trabalho. Os questionários respondidos foram inseridos nos anexos desta dissertação, a fim de contribuir para o entendimento de quem tiver a oportunidade e disponibilidade de ler toda pesquisa.

O principal objetivo desta pesquisa é fomentar as discussões sobre comunicação e jornalismo rural em Campo Grande e, a partir de então, ampliar essas discussões em todas as Universidades do estado, haja visto que todos os municípios de Mato Grosso do Sul têm alguma ligação com o meio rural e agronegócio. Este trabalho não irá sanar ou esgotar as discussões sobre a comunicação rural, tampouco trará soluções imediatas ou fórmulas para a formação dos jornalistas em Campo Grande. O intuito é mostrar que é preciso e válido iniciar

essas discussões e buscar possibilidades de contribuir para o desenvolvimento de uma área tão rica, que oferece oportunidades aos profissionais das mais diversas áreas e principalmente para jornalistas.

1. CAPÍTULO I - MATO GROSSO DO SUL: HISTÓRIA, CULTURA E ECONOMIA LIGADAS AO CAMPO

Ao contextualizar o agronegócio em Mato Grosso do Sul vale destacar que o Estado possui sua economia centrada na agricultura e pecuária. A história, criação e desenvolvimento do Estado caracterizaram-no como referência em produção agropecuária. Em sua ocupação inicial, as bacias fluviais do rio Paraguai e do Paraná exerceram um papel de grande relevância, visto que através de seus cursos os espanhóis adentraram na região, desde o Rio da Prata, em direção ao norte procurando riquezas minerais. De forma contrária, os bandeirantes, com o objetivo de alcançar o antigo Mato Grosso, subiram pelas águas do rio Tietê, Grande, Sucuri, Pardo, Verde e Ivinhema até alcançar a vertente do rio Paraguai. Desde esses cursos fluviais os bandeirantes se dirigiram ao norte em busca de ouro.

Outro fator importante para a formação territorial do Estado foi a Guerra do Paraguai (1864-1870). Antes e durante a guerra toda a área existente ao sul de Mato Grosso não estava definida e era ocupada por paraguaios e diversas tribos indígenas. Com o final da guerra, o Brasil conquistou terras que eram parte do território paraguaio. A definição das fronteiras e a demarcação das terras ocorreram em 1872 e território demarcado se tornou uma parte expressiva do Mato Grosso do Sul.

A partir da Guerra, a conquista e a ocupação efetiva do Mato Grosso do Sul foi consequência da atividade pecuária e, posteriormente, da agricultura, já que o processo de povoamento originado com as tarefas de extração vegetal, especialmente erva-mate, causou uma ocupação dispersa, mesmo assim atraíram brasileiros e paraguaios que criaram as cidades de Ponta Porã e Porto Murtinho.

O cultivo da erva mate se transformou em uma importante atividade econômica porque a produção era exportada para a Argentina e de lá para a Europa. Quem explorava os ervais era a Companhia Matte Laranjeira, do empresário Tomás Laranjeira. A produção da erva mate ajudou na criação de vilas e de um maior povoamento na fronteira do Brasil com o Paraguai. Vilas que se tornaram cidades como Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

No início da década de 20 intensifica-se a migração no sul de Mato Grosso por causa da ferrovia Noroeste do Brasil, ocasionando o desenvolvimento de núcleos urbanos. A expansão da população cresce através de fluxos migratórios que contribuíram para a expansão a instalação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND[4] com grande influência no

[4] No governo de Getúlio Dormelles Vargas, inicia se o processo de ocupação dos espaços "vazios", atraindo trabalhadores rurais movidos pela possibilidade de se tornarem proprietários de suas terras. A criação da

desenvolvimento das atividades rurais. A CAND era um assentamento do governo Getúlio Vargas no sul do Estado de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. A CAND causou grande movimentação migratória no Brasil e no próprio Estado de Mato Grosso e promoveu o desenvolvimento populacional, econômico, político e social desta região. Algumas cidades que hoje compõem os 79 municípios de Mato Grosso do Sul[5], surgiram a partir da CAND.

O surgimento das rodovias federais, como a BR-267, ligando o oeste de São Paulo a Mato Grosso, atraiu ainda mais agricultores e empresários rurais a partir da década de 1970. Isso permitiu um maior desenvolvimento da agricultura e da pecuária. Em outubro de 1977 acontece a divisão do então Estado de Mato Grosso, originando assim o Estado de Mato Grosso do Sul e a agricultura, juntamente com a pecuária de corte, fortalecem a característica agropecuária do novo estado[6].

O crescimento do Sul de Mato Grosso nas primeiras décadas do Séc. XX se deu pela implantação da ferrovia, facilitando o intercâmbio com outras cidades do Brasil. Pessoas e mercadorias circularam mais intensamente dinamizando a vida das localidades por onde os trilhos passavam. A ferrovia foi construída para o Oeste sob a alegação da guarnição das fronteiras internacionais com a Bolívia e com o Paraguai. A construção da ferrovia contou com duas forças de trabalho: uma iniciada em Bauru e outra em Corumbá, com um grande número de trabalhadores, os quais muitos deles acabaram se estabelecendo na cidade. (CAMPESTRINI; GUIMARAES, 1995)

Os japoneses atuaram na construção da ferrovia com a opção também de permanecer no local, dando assim um grande passo para a colonização no sul de Mato Grosso. Os grupos de japoneses que chega com os trilhos são oriundos, na maioria, da ilha de Okinawa, ao Sul do Japão. A obra foi concluída em 1914. A formação das cidades na capitania de Mato Grosso, depois, província, teve como estímulo a descoberta do ouro e a defesa territorial.

Já no atual Mato Grosso do Sul, onde não há a ocorrência de jazidas auríferas, a ocupação foi realizada devido a interesses estratégico-militares. A consolidação da região de forma articulada a uma base econômica expressiva aconteceu após a Guerra do Paraguai, em função da erva-mate e da dinamização da pecuária tradicional. (RODRIGUES, 1985).

---

colônia foi importante para a formação do campesinato na região e, também, para o surgimento dos municípios. A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) concedeu registro de "Memória do Mundo" ao acervo de documentos da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados). Informações obtidas através do site: <http://www.arquivopublico.ms.gov.br/acervo/colonia-agricola-nacional-de-dourados>.

[5] Dados relativos aos municípios de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/download/mapa_e_municipios.php?uf=ms>. Acesso: 18 mar.2016

[6] Todas as informações referentes à história de Mato Grosso do Sul foram coletados por meio do Portal do Governo do Estado: <http://www.ms.gov.br/a-historia-de-ms/>. Acesso: 18 mar.2016.

A agropecuária foi, e ainda é, um elemento de fundamental importância para a economia estadual, pois ela impulsiona o setor industrial e de serviços. A agricultura se baseia nos cultivos de arroz, café, trigo, milho, feijão, mandioca, algodão, amendoim, cana-de-açúcar e, principalmente, soja, produto do qual o estado é um dos maiores produtores do Brasil. Na pecuária, Mato Grosso do Sul detém o quarto maior rebanho bovino do País, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2015). Também possui significativas jazidas de ferro, manganês, calcário, mármore e estanho, com destaque para o maciço de Urucum, em que há uma expressiva jazida de minério de ferro e manganês.

O Estado vem apresentando um intenso processo de industrialização. Assim como na maioria dos estados do Brasil, Mato Grosso do Sul concede incentivos fiscais para a instalação de indústrias. Os principais segmentos são o alimentício, têxtil, siderúrgico e químico, instalados em quatro grandes polos industriais: Campo Grande onde se destacam os frigoríficos, curtumes, laticínios e indústrias de móveis; Dourados apresenta indústrias de farelo, álcool, açúcar e têxtil; Corumbá, grande polo industrial de minérios e calcário, cimento e os estaleiros; Três Lagoas, que está se diversificando a cada ano, mas tem como maiores destaques as cerâmicas, curtumes, laticínios, bebidas e, o já mencionado, setor da indústria de papel e celulose, sendo esse bastante forte na região.

A indústria de extração da celulose de fibra curta, a que é utilizada para a produção de papel para a impressão, para escrita e com fins sanitários (higiênico, toalhas de papel e guardanapos) está mudando a história da cidade de Três Lagoas. No ano de 2016 foi feito um investimento de R$ 7,5 bilhões pela indústria de celulose Fibria, para a implantação de uma nova linha de produção, fato que ajudou no desenvolvimento da cidade, localizada na região leste de Mato Grosso do Sul, titulada a capital nacional do emprego em 2016 (CAGED, 2016).

Outra fábrica de celulose instalada no município, a Eldorado também está com projeto de expansão em andamento. Conforme a companhia, serão investidos cerca de R$ 10 bilhões no empreendimento, e a expectativa é que a nova linha tenha condições de produzir até 2,3 milhões de toneladas/ano de celulose. Somada a capacidade da linha atual, 1,7 milhão de toneladas, a empresa poderá produzir até 4 milhões de toneladas/ano. A previsão da companhia é que a nova unidade esteja em operação em 2019. Além da geração de empregos diretos e indiretos, o segmento também tem grande importância na arrecadação de impostos e no fomento a toda a cadeia econômica do município e do estado.

O impressionante crescimento do agronegócio sul-mato-grossense teve início nos anos 1980, e aumenta sua importância a cada ano, confirmando o estado como um importante

fornecedor de alimentos. De acordo com informações do Sistema Famasul, em 2017, as três principais culturas da agricultura sul-mato-grossense registraram recordes históricos de produção. A de soja cresceu nesta temporada 18,43%, passando de 7.241 milhões de toneladas para 8.575 milhões de toneladas. Já de milho, se recuperou da quebra registrada no ciclo anterior e teve um salto de 6.270 milhões de toneladas para 9.871 milhões de toneladas; enquanto a de cana-de-açúcar foi de 48.685 milhões de toneladas para 50.292 milhões de toneladas.

É possível visualizar na tabela 1 a participação do estado na produção e exportação de produtos do agronegócio. Vale ressaltar a importância do segmento para o desenvolvimento e evolução financeira, tecnológica e industrial em Mato Grosso do Sul.

Tabela 1 - Demonstrativo da produção e exportação de MS

RANKING NACIONAL
Produção e Exportação Sul-mato-grossense

Principais Produtos	Ranking Nacional		Part. na produção brasileira	Part. nas exportações brasileiras
	Produção	Exportação		
Carne bovina	2º	5º	11%	9%
Soja em grãos	5º	6º	7,6%	5,5%
Milho	4º	3º	9,4%	8,8%
Produtos Florestais	7º	5º	8,0%	9,8%
Cana-de-açúcar	4º	5º	7,0%	3,4%
Carne Suína	8º	7º	3,6%	1,4%
Carne de Frango	8º	7º	2,9%	3,9%

Fonte: IBGE; MDIC; MAPA; CONAB – Observação: Dados relativos aos anos de 2015 e 2016

1.1 Jornalismo e Mercado de Trabalho Segmentado

Diante de todos os fatores citados e, principalmente, a participação positiva do agronegócio nos contextos histórico, social e cultural de Mato Grosso do Sul é importante destacar o mercado de trabalho significativo para jornalistas que considerem a possibilidade de atuar em empresas e instituições ligadas ao agronegócio. Quando se fala do mercado de trabalho voltado ao meio rural em Mato Grosso do Sul é imprescindível citar a importância e destaque nacional do Canal do Boi, criado em 1995, pelo produtor rural José Cláudio Godoy. Foi o primeiro canal de TV voltado para leilões de pecuária no mundo.

Inicialmente, organizou-se um esquema de produção e transmissão para colocar a programação no ar por duas horas, três vezes por semana.

> Primeiramente firmou-se contrato com a Embratel (Empresa Brasileira de Comunicações), no qual foi comprado o direito de transmissão por duas horas, três vezes por semana, no horário das 20 às 22 horas (horário de Brasília). Depois, definiu-se que a transmissão seria gerada de uma estância, (Estância Santa Maria), que fica distante 15 quilômetros do centro da cidade. Nessa estância havia um recinto de leilão tradicional e uma infraestrutura razoável para a montagem dos equipamentos (BORGATO, 2001, p. 79).

O Canal do Boi foi uma nova forma de comercialização de gado através de leilões transmitidos via-satélite, alterando as relações comerciais e sociais do homem do campo. Passados 17 anos da publicação de Sérgio Borgato sobre o Canal do Boi, é necessário atualizar a realidade do inicialmente pequeno Canal para um grande Grupo voltado exclusivamente para o meio rural. Atualmente, o Canal do Boi integra o Sistema Brasileiro do Agronegócio – SBA, juntamente com o Agro Canal, Novo Canal e Conexão BR. Todos esses canais geram conteúdo informativo para aproximadamente 80 milhões de telespectadores em território nacional e de fronteira, e são importante fonte de informações e negócios agropecuários.

Com uma programação totalmente voltada para o agronegócio, o Grupo SBA leva ao produtor rural uma programação totalmente voltada para o agronegócio por meio de três fontes de transmissão: a antena parabólica**,** um dos principais sistemas de transmissão no meio rural, que oferece cobertura nacional para países do Mercosul; a TV a Cabo, por meio de 70 operadoras associadas à NeoTV, em 335 municípios e em 19 estados nos quais a atividade agropecuária é reconhecidamente mais desenvolvida, e outras 25 operadoras no Paraguai; e a Internet por meio do portal "www.sba1.com", pelo qual toda a programação é transmitida ao vivo com qualidade de TV[7]. A grade é voltada para tratar de assuntos relativos à pecuária de corte (bovinos, suínos e aves), pecuária de leite, cana de açúcar, equinos e caprinos.

Diante dessa realidade o SBA acaba por empregar muitos jornalistas, cinegrafistas, técnicos e diversos profissionais para desenvolver as funções que demandam dentro dos canais. Seguindo a mesma linha do SBA, foi criado o Canal Agrobrasil, sendo importante deixar claro que o Agrobrasil não faz parte do Sistema Brasileiro do Agronegócio. O Agrobrasil possui toda sua programação voltada ao agronegócio, com a transmissão de

[7] Informações e dados disponíveis em: <http:// www.sba1.com>. Acesso em: 10 jan. 2018.

leilões, coberturas de feiras agropecuárias e programas que falam de equinos, pecuária em geral, cultura, tradições regionais ligadas ao campo.

De acordo com informações do *site* Portal da Mídia[8], além do SBA, Campo Grande possui mais sete emissoras de televisão: Rede Brasil de Televisão, TV Morena, SBT MS, TVE, TV MS Record, TV Guanandi e TV Imaculada Conceição. O mapeamento dos veículos existentes em Mato Grosso do Sul possibilita uma visão mais ampla sobre as possibilidades de atuação do jornalista no mercado de trabalho. Em Campo Grande estão catalogados dezoito jornais impressos, quinze emissoras de rádio, seis rádios comunitárias e quarenta e seis *sites.*

Dentre esses veículos é importante destacar que não são todos que possuem programas ou editorias voltadas ao segmento rural, porém a maioria destina parte de sua programação e espaço para tratar de agronegócio e assuntos voltados ao assunto. Outra área em destaque ao se tratar de oportunidade no mercado de trabalho, é a assessoria de imprensa de instituições e empresas do agro. Senar, Famasul, Embrapa, Sindicato Rural, Aprosoja são algumas das instituições que empregam jornalistas para trabalhar no setor de comunicação. Outra possibilidade de atuação do jornalista no segmento rural é na assessoria de empresas leiloeiras, empresas de implementos rurais e medicamentos, as quais possuem equipes destinadas à comunicação.

Tanto nacional quanto regionalmente, existem instituições que fiscalizam, regularizam, indicam, analisam e geram muitas pautas por abordarem diversos assuntos ligados ao meio rural e agronegócio. Em nível nacional vale destacar o trabalho dos seguintes órgãos e instituições: MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil; Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; IBGE – Indicadores Agropecuários, Censo Agropecuário; MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário; MMA – Ministério do Meio Ambiente; Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e Senar – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

Algumas instituições regionais também se destacam em Mato Grosso do Sul, entre elas: Famasul – Federação da Agricultura e Pecuária De Mato Grosso Do Sul; Senar/MS – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural; Embrapa Gado de Corte (Campo Grande), Pantanal (Corumbá) e Agropecuária Oeste (Dourados); Aprosoja/MS – Projeto Siga/MS –

[8] O Portal de Mídia é uma das ações do projeto de pesquisa "Perfil da Pequena Imprensa de Mato Grosso do Sul", desenvolvido pelo grupo de pesquisa "Mídia, Identidade e Regionalidade" vinculado ao curso de Graduação e Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Monitoramento das Principais Atividades Agrícolas do Estado; Semagro – Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar; AGRAER – Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural; Imasul – Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso Do Sul, Sedesc – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e de Ciência e Tecnologia e Fundação MS – Pesquisa e Difusão de Tecnologias Agropecuárias.

O segmento de esportes rurais também emprega jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas, visto que o Mato Grosso do Sul hoje é destaque nacional nessas modalidades. As provas equestres[9] de laço comprido, três tambores, apartação, *team roping*, *team penning*, *ranch sorting*, além dos rodeios, geram notícias e informações diariamente para os veículos segmentados. Mesmo com todas essas possibilidades do mercado de trabalho voltadas ao meio rural, muitos acadêmicos desconhecem essas chances visto que a universidade, muitas vezes, não os desperta para o trabalho nessa área.

Atualmente, empresas comerciais voltadas ao meio rural e agronegócio investem profissional e financeiramente para divulgação de marcas e produtos. As informações e notícias, sem interesses comerciais, têm abordagem superficial e são carentes de conhecimentos técnicos. Boa parte das matérias publicadas, principalmente em sites, é fruto dos *releases* preparados pela assessoria de imprensa das instituições, órgãos públicos e empresas que visam divulgar seus produtos e serviços.

> Nesse contexto, sites especializados em agropecuária proliferam na internet, porém os veículos digitais que exploram a cobertura genérica pouco se dedicam à produção de material agro, embora acolham com relativa facilidade aquele que chega pronto às redações. Assim, as assessorias de comunicação passar a figurar como significativas produtoras de conteúdo no cenário contemporâneo do jornalismo agropecuário, especialmente no ambiente digital. (MAIO, 2015, p. 27).

Ainda de acordo com a autora, o que é produzido pelas assessorias e enviado aos veículos é publicado praticamente na íntegra. Esse fato pode ser decorrente da falta de conhecimento técnico dos produtores, repórteres e editores de maneira geral, que, geralmente, não manifestam interesse em aprofundar os assuntos, ainda que esses interfiram na realidade local. É muito mais prático e cômodo, muitas vezes, publicar uma informação "pronta" e assim ter em seu veículo abordagens de diferentes temas. É possível que a visão limitada de um jornalista que publica um *release* praticamente na íntegra seja reflexo de uma formação

[9] Eventos que movimentam o setor nacional da equideocultura. Atualmente são muitas modalidades que possibilitam a participação de cavalos de diversas raças em todo país.

superficial sobre a temática rural. É preciso que o jornalista, por mais que não seja um especialista, consiga satisfazer a seu público com aquilo que noticia.

Por exemplo, o jornalista não precisa ser economista para escrever sobre economia, mas precisa ter uma base de conhecimento mínima para atender as expectativas do público. Da mesma maneira acontece com o jornalismo rural, é fundamental que ele tenha o mínimo de conhecimento para não apenas republicar aquilo que recebe das assessorias, mas para buscar novos ângulos da informação, se aprofundar na discussão do assunto e, por fim, produzir conteúdo e notícia do meio rural para a sociedade como um todo.

A base desse conhecimento deve vir da universidade, que subsidia tecnicamente o profissional para atuar no mercado de trabalho, porém, a abordagem da comunicação e do jornalismo rural, em geral, é bastante rápida e superficial. Nos capítulos II e III será traçado um breve histórico do ensino da comunicação e jornalismo rural nas escolas de comunicação, na intenção de mostrar como o tema é trabalhado nas universidades pesquisadas, localizadas na cidade de Campo Grande.

2. CAPÍTULO II - PROCESSO COMUNICATIVO COM O HOMEM DO CAMPO

Este capítulo irá tratar da origem e conceitos de extensão, de comunicação e do jornalismo rural. Ressaltar o papel da extensão rural ao abordar a comunicação direcionada é fundamental visto que o trabalho dos extensionistas (técnicos agrícolas, agrônomos, médicos veterinários) foi a origem para os estudos da comunicação rural. É importante tratar também, mesmo que brevemente, do processo de comunicação na América Latina.

Data que a informação agrícola, aquela dirigida ao homem do campo, foi iniciada em setembro de 1899 com a reorganização do Serviço Agronômico do Estado de São Paulo (BORDENAVE, 1985, p. 23). Foi atribuída à Secretaria da Agricultura a "direção e distribuição de publicações oficiais sobre agricultura em geral". A partir de então, em 1900, foi iniciada a publicação "Boletim da Agricultura". Em 1938, o governo brasileiro cria o Serviço de Publicidade Agrícola do Ministério da Agricultura.

O apogeu da informação agrícola aconteceu nas décadas de 1940 e 1950, quando o Ministério da Agricultura possuía um poderoso Serviço de Informação Agrícola, conhecido por sua sigla SIA, dotado de corpo técnico adequado e equipamento especializado. O SIA desenvolveu um amplo programa de informação, usando diversos meios de difusão e ensinamentos técnicos (BORDENAVE, 1985, p.24). Neste contexto, o SIA passou a trabalhar com meios de comunicação de massa para a difusão direta de informação. O cinema, o rádio e a televisão usados como meio de difusão de informação deram origem ao termo "comunicação de massa" (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993).

É importante destacar que, inicialmente, as informações transmitidas aos produtores eram repassadas através de dias de campo, reuniões, visitas técnicas e também com o uso impressos – cartazes, *folders*, jornais – e posteriormente pela utilização do rádio, importante veículo para o meio rural pela sua mobilidade e alcance. Atualmente, além desses métodos e veículos de disseminação da informação, a internet tem ganhado cada vez mais espaço, agregando ao processo comunicativo com o homem do campo. Dados da pesquisa TIC Domicílios 2016[10], divulgada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, apontam que o número de usuários que acessam Internet pelo

[10] A pesquisa TIC Domicílios é realizada anualmente desde 2005 com o objetivo de mapear o acesso à infraestrutura nos domicílios urbanos e rurais do país e as formas de uso destas tecnologias por indivíduos de 10 anos de idade ou mais. Disponível em: <http://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>. Acesso em: 10 jan. 2018.

celular, *tablet* ou *notebook* na zona rural cresceu de 4% para 24% em quatro anos, representando mais de 20 milhões de pessoas. Além disso, em 2008, o acesso móvel através do sistema 3G nem aparecia nas pesquisas e hoje está em 37% dos domicílios rurais.

Ao iniciar as discussões sobre comunicação rural é imprescindível abordar a extensão rural. Inicialmente a extensão era vista apenas como processo de estender ao povo rural conhecimentos e habilidades sobre práticas agropecuárias, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida daqueles que recebessem determinado conhecimento. Paulo Freire (1969/2011) em seu livro "Extensão ou Comunicação?", confronta essa definição do termo extensão apenas como repasse de conhecimento ou persuasão, e o conceito de extensão acaba englobando ações que transformam o homem do campo em coisa, objeto de planos de desenvolvimento que o negam como ser transformador do mundo.

A partir do início dos anos de 1980 iniciou-se no país uma nova proposta de extensão rural, que preconizava a construção de uma "consciência crítica" dos extensionistas. A participação do homem do campo, até então visto apenas como receptor da informação, suas experiências e conhecimentos passaram a ser um instrumento de ligação entre os extensionistas e os produtores. Paulo Freire (2011) enfatiza a importância do conhecimento neste processo:

> [...] conhecer não é um ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção (FREIRE, [1969] 2011, p.28 e 29).

A extensão rural, além de conhecer e aplicar os princípios sociológicos, psicológicos, antropológicos e éticos, também aplica os princípios da comunicação, pois o extensionista é, antes de tudo, um comunicador-educador e não um mero repassador de inovações tecnológicas agropecuárias e gerenciais. A comunicação, na extensão rural, é a principal ferramenta de trabalho do extensionista, que deve estar consciente de que a comunicação é uma forte aliada, no trabalho diário com as famílias rurais, na busca por melhores condições de vida para os agricultores de base familiar, ou seja, os que têm na agricultura a sua principal ocupação e fonte de renda.

A comunicação traz inúmeras contribuições para se alcançar o tão desejado desenvolvimento do setor agropecuário, destacando-se, dentre elas, a que fala mais de perto do principal objetivo da extensão: trabalhar a fim de que produtores rurais e suas famílias

participem do seu próprio desenvolvimento, aprendendo a identificar seus problemas e a debater, entre si, as experiências para a solução dos mesmos, sem falar na geração de emprego e distribuição de renda. Além disso, a comunicação – como ferramenta importante da extensão rural – deve ajudar na educação informal dos agricultores que, uma vez se conscientizando de seu importante papel, sentem-se mais seguros na condução de seus empreendimentos agrícolas.

Paralelo ao trabalho feito pela extensão rural começam a surgir novas formas de diálogo com o homem do campo, principalmente através dos meios de comunicação de massa, que passaram a permitir um maior número de pessoas recebendo informações ligadas ao meio rural. Aos poucos surgem publicações e programas com linha editorial voltada exclusivamente para assuntos relacionados à área rural. Isso ocorreu em vários estados com economia voltada à agropecuária, e com suas raízes ligadas ao campo. A partir daí surge a Comunicação Rural, considerada um processo mais amplo do que a informação agrícola ou a extensão rural, visto que a sociedade rural é composta por grupos, associações, empresas e famílias, entre as quais encontramos numerosos e dinâmicos fluxos de comunicação (BORDENAVE, 1985).

2.1 Comunicação Rural

Ao buscar informações sobre comunicação e meio rural foi possível encontrar uma infinidade de artigos, notícias e teses que falam da importância do campo, do trabalhador rural e da maneira como a comunicação com o homem do campo deve ser trabalhada para ir "porteira adentro". O processo de comunicação humana é universal, o entendimento dos princípios deve ser compreendido por qualquer grupo, independentemente se é urbano ou rural, pois as mensagens devem ser propagadas a todas as pessoas, indistintamente. Por outro lado, a população rural possui hábito de vida diferenciado, seu comportamento gira em torno das atividades agrícolas, essas por sua vez têm características próprias, marcantes e peculiares ao *habitat* rural.

A comunicação rural tem o papel de informar e tratar dos problemas rurais. Diferente da comunicação feita nos centros urbanos, a comunicação rural precisa ser vista de outra maneira, tratada de forma específica. É necessário ter mais proximidade com a área, poder chegar ao produtor com informações e soluções, denunciar excessos e tratar o assunto com a importância que ele representa para a nação (BORDENAVE, 1985). Juan E. Díaz Bordenave,

referência nos estudos de comunicação na América Latina, definiu a comunicação rural da seguinte maneira:

> A comunicação rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural (BORDENAVE, 1985, p.07).

Esses fluxos podem acontecer a partir do momento em que os produtores rurais precisam de informações para tomar decisões com relação à lavoura, por exemplo; ou empresas agrícolas investem na comunicação para vender seus produtos; centros de pesquisa necessitam divulgar as informações sobre novas tecnologias e até mesmo o governo gera informações variadas para o meio rural.

A Comunicação Rural pode ajudar no processo de desenvolvimento rural porque tem como objetivo a divulgação de informações que colaborem na melhoria de vida de produtores rurais e cidadãos urbanos. A definição feita por Bordenave (1985) propõe o diálogo e influência recíproca entre os diversos atores que compõe o meio rural e suas especificidades. Essa visão de diálogo segue a mesma lógica de Paulo Freire, ou seja, estabelecer a interação dos receptores da mensagem/informação.

> Os fluxos de informação citados por Bordenave ocorrem em diferentes níveis: entre os próprios produtores rurais, que trocam experiências e levantam suas necessidades; entre os agricultores e serviços de apoio na área técnica ou política; e entre os serviços de apoio à agricultura, que deveriam atuar de forma integrada e não-contraditória (MAIO, 2005, p. 25).

Esses fluxos de informação ocorrem entre os produtores rurais, na troca de experiências e levante de suas necessidades; entre os agricultores e serviços de apoio na área técnica ou política; e entre os serviços de apoio à agricultura, que deveriam atuar de forma integrada e não-contraditória (MAIO, 2005).

> Nesta pedagogia, o fluxo de Comunicação Rural se torna multidirecional e os programas de rádio rural, por exemplo, antes carregados de palestras e recomendações dos técnicos, hoje veiculam a voz dos homens e mulheres do campo, dos repórteres populares, dos educadores populares, enfim, do povo em geral que agora tem acesso aos meios massivos (BORDENAVE, 1993, p. 17).

Contextualizando a comunicação rural, a professora pitular da Universidade Federal Rural de Pernambuco, doutora Maria Salett Tauk Santos, pontua e destaca os paradigmas da mudança social como elementos norteadores do tema. Em suas contribuições feitas para a Enciclopédia Intercom de Comunicação, obra coletiva editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Tauk Santos (2010) compreende os sentidos da Comunicação rural em três fases da sua trajetória: a primeira fase é a da mudança induzida, a qual corresponde ao aporte difusionista da Extensão Rural. Nesse modelo, a comunicação rural assume o papel de persuasora no sentido de viabilizar as políticas modernizadoras do Estado, na perspectiva de promover o desenvolvimento nacional.

A segunda fase é a da mudança construída, que surge a partir do livro "Extensão ou Comunicação?" escrito em 1969 por Paulo Freire. O autor critica o modelo difusionista e suas ideias se tornam um divisor de águas na teoria da Comunicação Rural. A população de agricultores que, na teoria difusionista era considerada objeto da mudança para o desenvolvimento, passa a uma ação ativa como atores empenhados na transformação da realidade (FREIRE, 2011).

A proposta da comunicação dialógica freireana se fundamenta numa "opção libertadora" voltada à problematização da situação real dos homens que participam da transformação dessa realidade (FREIRE, 2011). Difusionismo é o termo utilizado para designar várias linhas teórico-metodológicas de orientação funcionalista, surgidas nos Estados Unidos a partir dos anos de 1940, sob o nome de *diffusion research*, voltadas para a difusão de inovações tecnológicas no campo.

A terceira e última fase é a da gestão da mudança nos processos de desenvolvimento, baseada nas transformações ocorridas no meio rural devido às tecnologias e as mudanças socioeconômicas culturais e ambientais.

> Nesse cenário a Comunicação Rural contemporânea, na terceira fase, assume o sentido da gestão do desenvolvimento local planejando e executando localmente políticas para encorajar a solução de problemas graves de autodesenvolvimento econômico e social das comunidades de agricultores familiares, pescadores artesanais, quilombolas, indígenas; articular ações ambientais, econômicas e sociais com vistas ao desenvolvimento sustentável; promover o empoderamento das associações populares, fortalecendo as lideranças e os conselhos municipais; sustentar a criação, no plano organizacional, de associações comunitárias e cooperativas; garantir a participação das mulheres e dos jovens na produção econômica e cultural da comunidade; articular a concertação entre organizações governamentais, não governamentais e população local e viabilizar

> ações permanentes de educação, capacitação e assistência técnica para a população envolvida no desenvolvimento local (TAUK SANTOS; CALLOU. 1995).

Queiroz (1994) diz que é uma árdua tarefa sair do discurso da comunicação participativa para a dirigida ao produtor e muitas mudanças terão que ocorrer em níveis institucional, acadêmico e profissional para que ela seja concretizada. O autor vai ao cerne do questionamento abordado neste projeto: a dificuldade de mudar a forma como a comunicação é tratada dentro da academia e como essa abordagem afeta, de fato, o diálogo com o homem do campo.

O professor José Marques de Melo é sem dúvida uma das maiores referências em estudos de comunicação rural, porém é importante resgatar que ele iniciou a carreira acadêmica em 1966, no Recife (PE), como assistente do professor Luiz Beltrão, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco. Luiz Beltrão, grande nome da ciência da comunicação no Brasil, dedicou boa parte de sua vida à formação universitária dos jovens jornalistas. Beltrão trouxe contribuições fundamentais para os estudos em comunicação, evidenciando o ensino de jornalismo no nordeste do país. Marque de Melo, em seu texto publicado na coletânea "Comunicação Rural: Discurso e Prática", ressalta que tradicionalmente os cursos de jornalismo no Brasil têm caráter eminentemente urbano, e o ressurgimento das discussões sobre o mundo rural aconteceu graças à Luiz Beltrão.

> O resgate da comunicação processada no mundo rural para motivar as novas gerações de jornalistas para programas e projetos de desenvolvimento é devido inegavelmente, a Luiz Beltrão. Quando promove no Recife, em 1965, o I Curso Nacional de Ciências da Informação, Beltrão incorpora a problemática do desenvolvimento e da informação rural, propondo a sua discussão pelos participantes daquele evento que projetou nacionalmente o Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco (MARQUES DE MELO, 1993, p.73).

A Universidade Católica de Pernambuco cria na década de 1970 a disciplina de comunicação rural e a partir de então Marques de Melo, estimulado pelos ensinamentos de Luiz Beltrão, propõe aprofundar os estudos em comunicação rural.

> Foi, sem dúvida, inspirado nas lições de Luiz Beltrão, reforçadas pela minha participação em projetos de desenvolvimento regional e de mudança social, (...), que propus a abertura de um campo de estudos sobre comunicação rural na então Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, criada em 1966 e implantada no ano seguinte. (MARQUES DE MELO, 1993, p.74).

O autor cita que, em 1971, a comunicação rural passou a fazer parte dos assuntos trabalhados com os alunos de comunicação social da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA / USP. Hiroshi Saito foi o docente responsável por ministrar a nova disciplina. Após a iniciativa da USP de trabalhar a comunicação rural, outras universidades brasileiras também tentaram incluir a disciplina em sua estrutura curricular, entre elas: Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade Estadual de Londrina, Pontifícia Universidade Católica de Campinas e a Universidade Federal do Maranhão.

> Mas essas iniciativas, desencadeadas em nível de graduação, ficaram circunscritas À inclusão de uma disciplina sobre esse objeto ou à promoção de atividades de extensão universitária; não se caracterizavam como projetos integradores do ensino e da pesquisa, destinados a fazer a ponte entra a universidade e a sociedade, e dependeram, quase sempre, do entusiasmo de alguns professores sensibilizados pela problemática rural, fenecendo ou regredindo quando aqueles abnegados se encaminhavam para outras atividades ou privilegiavam distintos objetos de estudo. (MARQUES DE MELO, 1993, p.74).

A partir de 1972 outras inciativas de inserir a comunicação rural perduraram nos programas de pós-graduação, principalmente na Universidade de Brasília e no Instituto Metodista de Ensino Superior em São Bernardo do Campo – São Paulo. É fundamental traçar esse breve histórico da comunicação rural para que se possa observar como o tema era abordado, os objetivos, as propostas e só então analisar o que se foi estudado e, principalmente, a estrutura curricular atual.

O XI Intercom (Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), realizado em setembro de 1988, na Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa-MG, foi o marco zero da iniciativa de incluir a Comunicação Rural nos meios de comunicação. Os trabalhos apresentados no Congresso deram origem a uma coletânea organizada pela professora Margarida Maria Kroling Kunsh e pelo professor Geraldo Magela Braga, intitulada “Comunicação Rural: Discurso e Prática”. Nessa publicação, José Marques de Melo abordou a juventude das Escolas de Comunicação brasileiras e nelas a Comunicação Rural:

> Desde que se implantaram no Brasil, em meados da década de 60, as Escolas de Comunicação Social, algumas tentativas têm sido feitas para incorporar o universo da comunicação rural às atividades didáticas e científicas daquelas instituições, todavia, é forçoso reconhecer que o espaço ocupado até agora pela Comunicação Rural é periférico e descontínuo (MARQUES DE MELO, 1993, p. 73).

Esse tipo de comunicação especializada passou por uma transformação, buscando a conscientização e a participação dos atores envolvidos. Para Fonseca (1998), comunicação rural é um tema bastante ambíguo, pode indicar tanto uma disciplina quanto seu objeto. O autor ressalta ainda que a comunicação rural enquanto disciplina tem um quadro bastante complicado e para muitos pesquisadores, ainda, esse tipo de comunicação segmentada é sinônimo de difusão de tecnologia.

> Para complicar esse quadro, fatores externos à academia, como a industrialização da agricultura e a presença cada vez maior dos meios de comunicação de massa no campo, recolocam em xeque a especificidade do rural, cuja discussão vem sendo travada na área sociológica desde os anos trinta. Esse debate não deve ter chegado ao conhecimento de muitos pesquisadores que ainda consideram a Comunicação Rural como sinônimo de difusão de tecnologia para agricultores, apesar do surgimento de novos referenciais, principalmente a sociologia da agricultura e os estudos de recepção (FONSECA, 1998, p. 4).

Poucos pesquisadores têm se dedicado à comunicação rural, o tema precisa ser estudado com mais profundidade, sistematicamente e com elementos e métodos mais atuais. A comunicação rural faz um papel de interligar o conjunto de ações e acontecimentos gerados pelo setor rural e a sociedade como um todo. Para uma abordagem sistêmica da comunicação, dirigida a um público específico, é preciso rever todos os processos de desenvolvimento da comunicação, até atingir o estágio técnico da atualidade.

> Até as décadas de 1960 e 1970, a comunicação dirigida aos camponeses e agricultores seguia a lógica difusionista, de origem norteamericana. Em um segundo momento predominou a comunicação dialógica, proposta por Paulo Freire e sustentada por Juan Diaz Bordenave. Essa corrente ainda influencia boa parte dos estudos na atualidade. Mas a partir dos anos 90 há uma busca por novos paradigmas e a pesquisa em comunicação rural sofre profundas transformações. Afinal, o próprio conceito de ruralidade é posto em xeque e coloca-se a seguinte questão: a comunicação rural ainda comporta especificidades no mundo globalizado? (MAIO, 2005, p.21).

É fundamental que as discussões sobre a comunicação rural permaneçam vivas nas pesquisas acadêmicas. A importância do tema é da mesma dimensão de sua complexidade e por isso merece atenção, estudos mais atuais que contemplem as peculiaridades do meio,

assim como a utilização da internet e, principalmente, a não passividade do público.

2.2 Jornalismo Rural

Ao iniciar este tópico vale destacar que o Jornalismo Rural vai muito além do universo do agronegócio. O agronegócio, como o próprio nome diz, é um modelo de negócios voltado à exploração agrícola do território com finalidades econômicas. O agronegócio não pode, evidentemente, ser negligenciado, pois num país como o Brasil e num estado como Mato Grosso do Sul, essa atividade econômica responde por parte considerável dos recursos financeiros. A necessidade de transmitir informações de uma atividade em expansão no país, junto com todo o potencial econômico que envolve o meio rural, desperta o interesse dos veículos de comunicação para esse setor. Começa, então, a surgir o jornalismo rural.

O jornalismo, como prática industrial e modelo de negócios, não tem o direito de se furtar ao diálogo com as áreas que movimentam o capital econômico. Todavia, falar em jornalismo rural, necessariamente, deve transpassar a abordagem do agronegócio. Há outros modelos de negócios voltados à agricultura, como a agricultura familiar e a agricultura de subsistência, por exemplo, que devem ser objeto de tratamento da atividade jornalística. O foco principal do jornalismo rural é buscar e investigar informações na área rural e transformá-las em uma informação jornalística que vai ser divulgada em algum veículo de comunicação de massa.

O agronegócio brasileiro é um dos setores que agregam ciência e tecnologia, trazendo à tona diversas pautas referentes a esses segmentos (PIMENTA, 2006). O jornalismo rural deve estar atento à diversidade e à pluralidade de manifestações que ocorrem no campo, não pode se voltar exclusivamente à lógica do agronegócio e do grande produtor rural, uma vez que o universo é muito mais rico e diversificado.

Mais do que somente informar, o jornalismo tem como característica principal o poder que exerce em vários setores, seja na economia, na política, no esporte ou nas ações cotidianas. Como fonte de informação para vários tipos de públicos e culturas, esse não deixa de renovar a maneira como transmite a informação. No âmbito do jornalismo especializado, o mercado da informação também tem crescido e aprimorado suas técnicas, o jornalismo rural faz parte dessa mudança.

No contexto vigente, mais que ocupar um espaço repleto de oportunidades em vários meios de comunicação, o jornalismo rural visa, principalmente, atualizar o produtor rural e o leitor em geral da importância desse setor para o rumo econômico e social do país.

> Com o universo do agronegócio vivendo cada vez mais em um ambiente cientifica e tecnologicamente avançado, a comunicação, por meio do jornalismo especializado, não pode estar de fora, pois é através dela que as mensagens e os conceitos serão transmitidos (PIMENTA, 2006, p. 2).

Segundo Carvalho (2001), o jornalismo rural na atualidade deve despertar no comunicador o interesse para o aprofundamento acadêmico na especialização em agropecuária, ser discutido como disciplina nos currículos das escolas de comunicação e, principalmente, possibilitar a transferência das informações geradas em outros setores da sociedade para o meio rural, em linguagens apropriadas, decodificadas e compatíveis à cultura rural e regional.

O jornalismo rural no estado do Mato Grosso do Sul não pode passar despercebido. Essa editoria está em crescimento e chama cada vez mais a atenção para sua responsabilidade jornalística, divulgando informações que afetam toda população, independente de se morar no campo ou na cidade. Notícias como a comercialização de gado, safras, questões fundiárias e indígenas, agricultura familiar, entre tantos outros temas, são informações que direta ou indiretamente afetam toda a sociedade. O preço, a oferta e a falta de produtos que um cidadão compra no supermercado, por exemplo, tem a situação do meio rural como influência. Uma estiagem ou chuvas em demasia podem afetar a “mesa do almoço” de muita gente.

Para Wilson da Costa Bueno, o jornalismo rural se define como especializado por ser detentor de informação particularizada que procura atingir público específico. Ele tem seu próprio objeto de observação, sendo diferenciado das demais formas de jornalismo. Segundo o autor, a especialização jornalística está atrelada à ideia do tratamento em profundidade, nos meios de comunicação, de um determinado campo do conhecimento.

Bueno destaca que o jornalismo rural pode ser denominado jornalismo em *agribusiness*, que é uma denominação moderna do jornalismo agrícola e compreende o trabalho jornalístico voltado ao negócio rural e veiculado em diferentes meios de comunicação. Ele é praticado tanto por meios de comunicação quanto por empresas que trabalham no agronegócio, produtores rurais, institutos e empresas de pesquisa, como por exemplo, a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).

> Uma análise, ainda que ligeira, da cobertura do agronegócio pela mídia nacional evidencia, de imediato, dois problemas fundamentais: a área plantada é absolutamente acanhada e os produtos denotam qualidade discutível. A área plantada em jornalismo tem a ver com o

> espaço dedicado ao agronegócio de maneira geral. Se examinarmos os nossos principais veículos, perceberemos, com facilidade, que o agribusiness ocupa um espaço inferior ao dos setores industrial e de serviços, um cenário que conflita com a importância do agronegócio para a economia brasileira. Poucos são os veículos que editam suplementos ou mantêm editorias focadas nas questões rurais (BUENO, [201-], [12]).

Por vezes é possível que a comunicação e jornalismo rural sejam colocados como sinônimos, porém, são bem distintos, a começar pelo campo de atuação de cada um. O jornalismo rural é um dos componentes da comunicação rural, busca por diversos meios cumprir sua missão de informar. A comunicação rural é mais abrangente, tendo a necessidade de dialogar com seu público.

Em Mato Grosso do Sul é preciso pensar na agricultura e pecuária como partes importantes na sobrevivência e desenvolvimento local, cuja a participação desses setores é representada por grandes volumes de diversos produtos comercializados interna e externamente. Cabe aos jornalistas e à imprensa abranger o meio rural com mídia apropriada e profissionais capacitados, apoiando assim o seu desenvolvimento.

Uma das funções das universidades é diminuir a lacuna na comunicação com o homem do campo. Segundo Braga e Carvalho (2009), o jornalismo não pode esquecer que mesmo nos "confins do sertão" vivem brasileiros com os mesmos direitos daqueles que vivem nas cidades. Os autores citam que mesmo com tantos fatores positivos, que contribuem para o bom desempenho dos produtos agrícolas produzidos no Brasil, ainda é possível notar a ausência de jornalismo nesse segmento.

> A diversidade rural em um país das dimensões do Brasil impõe ao comunicador tratamento adequado às regionalizações e às diferenças culturais. As escolas que se propuserem a transigir os meandros da comunicação rural não devem esquecer as especificidades locais. Pois os perfis do produtor rural revelam necessidades informacionais bastante próprias (CARVALHO, 2001, p. 13).

Essas necessidades informacionais não pertencem apenas aos produtores rurais, mas a todos aqueles que têm suas vidas relacionadas ao meio rural e agrícola. Pode-se dizer que o indígena, o quilombola, o assentado, o agricultor familiar, por exemplo, tem diferentes necessidades e pontos de vista sobre determinados assuntos que lhes interessam. Dessa forma,

[12] Citação encontrado no artigo Mídia, agronegócio e insustentabilidade. Disponível em: <http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo_agrobusiness/artigo5.php>. Acesso em: 12 ago. 2017.

amplia-se a necessidade de ter o mínimo de conhecimento sobre o meio rural, sua amplitude e complexidade.

As mudanças na formação do profissional que deseja trabalhar com o agronegócio e meio rural devem ser efetivas, pois, esse setor necessita de profissionais que conheçam a realidade rural, o seu significado, e que, de alguma forma, consigam dialogar com esse público tão específico.

> Estimulado por essa conjuntura favorável à economia rural, que moderniza intensamente, e que o mercado nacional de *mass media* ou de comunicação empresarial tem aumentado sua participação em programas, veículos ou mensagens dirigidos ao campo. Necessita, portanto, o mercado internacional de pessoal qualificado para exercer atividades profissionais nesse segmento da vida nacional e carece de conhecimento científico para obter um desempenho eficaz, contribuindo assim para transformar o sistema produtivo, aumentar a sua rentabilidade e lograr melhor eficiência operacional (MARQUES DE MELO, 1993, p.78).

O excesso de informações e veículos que, muitas vezes, passam longe de conseguir transmitir a mensagem e dialogar com o produtor pode ser resultado da falta de atenção dada à comunicação e ao jornalismo rural nas universidades de Campo Grande – MS. A discussão sobre comunicação rural é uma necessidade que a revolução tecnológica exige, juntamente com capacitação dos profissionais envolvidos com o meio rural.

3. CAPÍTULO 3 - ENSINO DE JORNALISMO

Em Mato Grosso do Sul existe ainda a necessidade urgente de aumentar as discussões a respeito da formação acadêmica dos jornalistas nas Instituições de Ensino Superior. O jornalismo, como uma das habilitações da Comunicação Social, merece uma formação adequada que contemple aspectos filosóficos, teóricos, culturais e específicos envolvidos nessa formação do profissional. A importância do profissional do jornalismo, formação e as Diretrizes Curriculares estabelecidas para a formação representam instrumentos utilizados para a pesquisa.

Este capítulo apresenta um breve histórico sobre o ensino de jornalismo no Brasil e no estado de Mato Grosso do Sul, além de análises das estruturas curriculares dos três cursos de Jornalismo pesquisados. Essa análise será focada na comunicação e no jornalismo rural. O ensino de jornalismo rural aos estudantes de comunicação, antes de passar por qualquer vertente específica de instrução, deve seguir os padrões tradicionais e ideais do jornalismo comum. As mesmas técnicas para se obter informações e divulgá-las no jornalismo cotidiano, também fazem parte do jornalismo voltado para o segmento rural.

Ao se falar de ensino em jornalismo no Brasil é preciso citar que o tema é bastante amplo influenciado pelos modelos europeus e americanos. As primeiras escolas de comunicação surgiram nos Estados Unidos e Europa e as experiências e debates sobre o tema na época logo chegariam ao Brasil (MEDITSCH, 2007).

> Embora seja objeto da investigação acadêmica desde finais do Século XVII (Peucer, 1690), o jornalismo só conquista a posição de profissão de nível universitário duzentos anos depois, com a criação das primeiras escolas na Europa e nos Estados Unidos. Estas experiências e os debates intelectuais que ensejaram logo teriam eco no Brasil (MEDITSCH, 2007. p. 127).

As iniciativas de formação jornalística começam em 1869 nos Estados Unidos, no Washington College, Virgínia. Já na Europa, ocorreu em 1806 na Universidade de Breslau, situada na Alemanha e alguns anos mais tarde, em 1899 em Paris, na França (NIXON, 1963). No Brasil, a criação dos primeiros cursos aconteceu nos anos de 1947, na Fundação Cásper Líbero, e em 1948, na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (MEDITSCH, 2007). O ensino do jornalismo é recente no Brasil. Traçando um breve histórico sobre os cursos nas universidades brasileiras vale destacar também que, em 1966, foi

criado o Curso de Jornalismo da Universidade de Brasília e, em 1968, do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, os pioneiros na Centro-Oeste do Brasil.

Também em 1968 foram criados os cursos da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre outras instituições. Os cursos de comunicação social – habilitação em jornalismo – com duração de quatro anos, dividiam o curso com dois anos de Comunicação e outros dois anos específicos do jornalismo, o que alguns autores chamam de tronco comum e tronco específico, como Schuch (2000).

Ainda de acordo com Schuch (2000), as habilitações deveriam passar para nomenclaturas dos cursos, o autor destaca ainda a urgência da reformulação das estruturas dos cursos de jornalismo e de uma iniciativa primeira para criar o "curso de jornalismo", com foco no ensino integral da profissão. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi a primeira mudar a nomenclatura de comunicação social para jornalismo, tirando o jornalismo do rol das especialidades da comunicação, deixando-o como uma área específica com o objetivo de formar bacharéis capacitados teórica e tecnicamente para a prática profissional em todas as mídias. Porém, no restante do país os cursos continuam sendo comunicação social – habilitação em jornalismo, ou seja, habilitando comunicólogos e jornalistas.

Com todas essas discussões conclui-se que o jornalismo necessita de uma formação especifica, fazendo parte ou não das especialidades da comunicação social.

> [...] Diferente das ciências humanas, a missão das escolas de jornalismo é formar práticos; embora persigam o prestígio de outras disciplinas, as faculdades de comunicação não competem na criação de teorias próprias, só na aplicação. (...) os problemas estão aí para aplicação: tecnologia, financiamento, livre informação; a indústria tem necessidade de pesquisa, e se as faculdades de jornalismo não a fizerem, outros setores acadêmicos vão tomar este espaço (MEDITSCH, 2007, p. 45, apud COHEN et al., 2001, p.16-19).

Uma grande polêmica que envolve a profissão do jornalista é a não obrigatoriedade do diploma. Essa questão divide opiniões entre os profissionais e pesquisadores. Há muitos profissionais que defendem a obrigatoriedade do diploma, pois para desempenhar as funções de jornalista é preciso conhecer as técnicas e a ética profissional, que são aprendidas principalmente na universidade (Ramalho, 2009). Dessa forma, é fundamental compreender a importância da formação profissional do jornalista e, acima de tudo, valorizar o que a universidade pode oferecer ao futuro jornalista.

As universidades brasileiras promovem uma reformulação no projeto pedagógico e nas estruturas curriculares para se adaptar às novas condições postas pelo mercado de trabalho e pelas normas que orientam a educação superior no Brasil, principalmente as Diretrizes Curriculares Nacionais. A UFMS, por exemplo, passou por uma formulação em 2009, quando o Projeto Pedagógico foi refeito, e uma nova estrutura curricular implantada (STURZA, 2010).

> Organizar um currículo em termos de competência significa preparar os alunos para um saber-fazer-reflexivo, crítico, no contexto de seu grupo social. Trata-se de colocar a educação a serviço das necessidades reais dos alunos em relação a sua preparação para o início do exercício da profissão (NUÑEZ; RAMALHO, 2004, p. 15).

As diretrizes não impõem um currículo obrigatório ou disciplinas, elas são estruturadas livremente pelas instituições, a partir das indicações das diretrizes interpretadas com base na localização e vocação de cada instituição, de sua história, experiência e inserção particulares (MEDITSCH, 2015).

> Cada instituição tem suas particularidades que lhe definem oportunidades e limitações, tem tradições, seus pontos fortes e fracos - são públicas, privadas, comunitárias; estão em grandes cidades ou em pequenas localidades do interior; tem clientela local, regional ou nacional, formam profissionais para atuar em várias funções e em diferentes âmbitos geográficos; são escolas isoladas ou fazem parte de universidades; tem relações com o mercado, com o setor público, com movimentos sociais - e os projetos pedagógicas de cada uma devem procurar tirar o maior proveito dessas particularidades e superar suas limitações. Não serão – e não devem ser – todos iguais. (MEDITSCH, 2015, p.83).

Sobre a trajetória do ensino da comunicação Marques de Melo (2007) cita que essa é marcada por avanços e retrocessos e destaca a importância das sociedades científicas em nortear os processos da área de comunicação.

> O crescimento significativo da área de comunicação na rede brasileira de ensino superior e no sistema nacional de pesquisa desafia, portanto, sociedades científicas como a Intercom a assumir papel de vanguarda no balizamento desses processos de interesse público no limiar do novo século (MARQUES DE MELO, 2007, p.38)

Muitas outras entidades contribuem com a discussão sobre o jornalismo e sobre o fim da obrigatoriedade do diploma. A Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), Fórum Nacional

dos Professores de Jornalismo (FNPJ) e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), além de grupos específicos na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic) e Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

O professor Hélio Ademar Schuch (2002), em um texto apresentado no Fórum de Professores de Jornalismo realizado em Porto Alegre, entre 28 e 30 de abril de 2002, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, analisou o ensino de jornalismo com enfoque nas suas falhas e sugeriu soluções para sua melhoria. Schuch (2002) enumerou os principais indicadores para a deficiência da formação universitária de jornalistas:

> 1) Falta de afirmação, pelos próprios professores da área, de como deve ser esta graduação, sendo seu sinal mais evidente a não superação da dicotomia "teoria" e "prática" no desenvolvimento do ensino; 2) credibilidade pouco vigorosa do diploma no mercado; 3) existência de uma pós-graduação desvinculada das exigências de conhecimento da formação graduada, que é voltada à preparação profissional; 4) currículos insuficientes, defasados e desconectados da realidade do mercado de trabalho do jornalista; 5) inexatidão quanto aos atributos necessários ao professor de jornalismo, o que pode ser representado pelo seguinte dilema: o correto seria uma formação apenas acadêmica ou uma formação que aglutine experiência profissional no mercado, ou, ainda, somente experiência? (SCHUCH, 2002, p.88).

Além de todos esses fatores, Schuch (2002) cita ainda o fato de a graduação em jornalismo ser realizada como habilitação do curso de comunicação social, o que, na opinião do autor, significa uma formação não-integral, com escasso tempo para disciplinas focadas na profissão, além da falta de identidade profissional, já que o nome do curso não remete ao jornalismo. Muitas discussões permeiam o ensino de jornalismo, são indagações, iniciativas e que, no decorrer dos anos, trazem contribuições positivas, críticas e com a evolução tecnológica, a mudança de perfil de público, tendem a expandir cada vez mais. De certa forma, o objetivo da maioria dessas discussões é constituir um currículo em que o jornalismo possa ser aprendido de forma integral, sem a dicotomia universidade mercado de trabalho, e evoluindo para outros conteúdos de enfoque profissional.

> Por esta e outras lacunas é que os jovens diplomados encontram resistências para o ingresso no mercado de trabalho, desconhecedores que são, em grande maioria, das especificidades do relato jornalístico e de sua aderência a um sistema que os diferencia por gêneros,

> formatos e tipos, determinados pelos antigos e novíssimos suportes (MARQUES DE MELO, 2009, p.2).

No início dos anos 2000 a Unesco revisou a sua posição histórica, e num contexto em que o mundo em desenvolvimento volta a conviver com a democracia, propôs um novo currículo-modelo para os cursos das nações emergentes em que eles deixam de ser de comunicação e voltam a ser identificados como de jornalismo. Foi nessa nova onda em que o MEC tomou a iniciativa de criar as Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para o jornalismo e as outras profissões da área da comunicação. Nesse sentido as novas diretrizes buscam adequar os cursos à necessidade da sociedade de formar jornalistas capacitados a lidar com os desafios colocados para a profissão.

Desenvolvido por meio de um processo de consulta global num período de dois anos, o Modelo Curricular da Unesco foi aprovado no primeiro Congresso Mundial de Ensino em Jornalismo[13]. O Modelo Curricular não pretende ser prescritivo, mas sim fornecer modelos para serem adaptados por educadores da área de jornalismo para atender às necessidades locais conforme os recursos disponíveis.

Este Modelo para o ensino do jornalismo fornece modelos genéricos que podem ser adaptados de acordo com as necessidades específicas de cada país. A publicação reconhece os contextos social, econômico, político e cultural dos países, destacando a conexão entre democracia e jornalismo, defendendo uma abordagem mais interdisciplinar nos centros de formação em jornalismo. O desafio para qualquer jornalista é apresentar os fatos de um ângulo interessante e relevante. Isto exige habilidades avançadas de verificação de informações, adquiridas em experiências educacionais multidisciplinares. Para enfrentar esse desafio, oferece uma estrutura de educação abrangente, que pode ser adaptada a necessidades específicas.

A proposta de grade curricular apresentada destaca níveis distintos de disciplinas para a graduação. Em linhas gerais, entende-se que são necessários fundamentos do jornalismo ministrados no primeiro ano junto com disciplinas de humanidades e ciências. As disciplinas com fundamentos científicos percorrem os quatro anos de formação e há uma organização do aprendizado em módulos.

3.1 As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo

[13] Realizado entre os dias 25 e 28 de Junho de 2007 em Cingapura.

Com o passar dos anos, muita coisa mudou no que diz respeito à formação do jornalista pelas universidades. Considerando o novo cenário comunicacional, amplamente suportado pela convergência mididática, com novos dispositivos móveis, o mercado de trabalho passou a necessitar de um profissional com novas competências. Discutir a formação do jornalista do século XXI é relevante, assim como rever as condições legais em que o curso de jornalismo se desenvolveu, ao longo de mais de 60 anos de existência, pois são elas que determinaram a formação do jornalista no país e o perfil do egresso proposto pelas instituições de ensino.

> Os cursos de Jornalismo, assim como os demais cursos superiores no Brasil, desde que foram criados, estão subordinados ao Estado, no que se refere aos protocolos de autorização e reconhecimento bem como às determinações do tempo de duração e constituição curricular. Uma leitura do ponto de vista histórico da legislação da educação superior permite asseverar que, durante um longo período, a formação do jornalista ocorreu em cursos cujas estruturas curriculares, obrigatoriamente, necessitavam ser construídas a partir de currículos e currículos mínimos impostos pela esfera governamental federal (ANTONIOLI, 2014, p. 183).

O Parecer e a Resolução que criaram as Diretrizes Curriculares Nacionais para o bacharelado em jornalismo foram publicados em 2013. O relatório que propôs as diretrizes foi elaborado por uma comissão de especialistas em 2009, sendo aprovado no Conselho Nacional de Educação apenas quatro anos depois. O professor José Marques de Melo presidiu a Comissão que indicou as Diretrizes para o curso de jornalismo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de jornalismo definem importantes mudanças no ensino da profissão. A comissão de especialistas foi nomeada para rever e atualizar especificamente as diretrizes curriculares do curso de jornalismo, dentro da área da comunicação social, concentrando-se em dois aspectos fundamentais: o perfil do jornalista e suas competências profissionais, sendo que o desafio principal é a qualidade do curso e a formação humanística. No interior dos eixos temáticos estabelecidos pelas novas diretrizes, optou-se pelo aumento da exigência de disciplinas optativas, 204 horas no total em detrimento 153 horas no projeto pedagógico anterior, e pela flexibilização do currículo. Esses eixos foram criados para que os cursos alcancem equilíbrio entre teoria e prática.

> A proposta da Comissão de Especialistas mostra-se bastante flexível no que diz respeito aos conteúdos curriculares. O currículo é organizado a partir de seis eixos de formação: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual,

> formação profissional, aplicação processual e prática laboratorial. Tais eixos possuem caráter bastante geral, possibilitando que as Instituições de Ensino Superior (IES) tenham bastante liberdade na composição das disciplinas e conteúdos a serem ministrados (MEC, 2009, p. 4).

Para a elaboração das diretrizes foram realizadas três audiências públicas em Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, com o objetivo de ouvir professores, especialistas, estudantes e comunidade profissional. Todos os interessados puderam encaminhar sugestões por meio de uma consulta pública disponibilizada no portal do Ministério da Educação pela Internet. Foi elaborado também o relatório das diretrizes que trata de questões fundamentais para o jornalismo e para a formação do jornalista. Entre as questões tratadas no relatório estão: o novo cenário comunicacional, os suportes tecnológicos, a capacidade discursiva das organizações, a instantaneidade da informação, a globalização de ideias, a revolução das fontes, os comportamentos culturais e as relações de poder.

Ao traçar um histórico sobre o ensino de jornalismo no Brasil, o documento apresenta uma crítica a respeito da substituição do curso de jornalismo pelo de comunicação social no ano de 1969, com o argumento de que decorreram consequências prejudiciais, como por exemplo, o desaparecimento de conteúdos como Teoria, Ética, Deontologia e História do Jornalismo, ou, ainda, sua dissolução em conteúdos gerais da comunicação, que não respondem às questões da prática profissional. Outra questão apontada foi a ruptura entre a teoria e a prática nos cursos de Comunicação, que, conforme a comissão, ainda não foi solucionada adequadamente.

O documento aponta, também, a posição da Unesco, que, em 2007, apresentou um novo modelo de curso de jornalismo específico no I Congresso Mundial sobre o ensino de jornalismo, já citado anteriormente, apoiado pela entidade e realizado em Cingapura pelo Centro Asiático de Informação e Comunicação Midiática. Para a Comissão esse novo modelo reconheceu a importância do jornalismo e sua contribuição para o desenvolvimento das nações e para a consolidação das democracias.

A Comissão propôs um jornalista profissional diplomado, ao mesmo tempo, com um perfil generalista, humanista, crítico e reflexivo. Constam do relatório os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e os valores a serem desenvolvidos pelos alunos e, para tanto, há um detalhamento das competências gerais e das competências específicas, sendo que essas últimas foram subdivididas em: competências cognitivas, pragmáticas e comportamentais. Foram mantidos o trabalho final de curso e as atividades complementares, e foi introduzido o

estágio obrigatório, que, segundo a comissão, se constitui uma antiga reivindicação dos estudantes, e possibilita a interação da universidade com o setor produtivo.

Foi enfatizada, também, a necessidade de utilização de metodologias ativas para o ensino, a integração entre os conteúdos e a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

> Foram indicadas: a promoção da integração teoria e prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular propostos; a inserção precoce do aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional e a utilização de diferentes cenários de ensino-aprendizagem; a interação permanente do aluno com fontes, profissionais e públicos do jornalismo desde o início de sua formação (ANTONIOLI, 2014, p. 183).

As diretrizes colocam novas questões teórico-metodológicas e também operacionais, que terão de ser enfrentadas pelos cursos de jornalismo. O estágio supervisionado obrigatório, por exemplo, se for levado à sério como as Diretrizes estabelecem, com supervisão no interior das empresas, diálogo, etc, causará uma crise inicial, um embate que terá de ser sanado. A médio e longo prazo, pode ter efeitos muito positivos para o campo jornalístico como um todo, mas alguns gargalos aparecerão.

De acordo com o Modelo da Unesco, o ensino do jornalismo deve considerar vários objetivos: ensinar a identificar notícias e reconhecer fatos de interesse em um ambiente complexo de dados e opiniões; ensinar a conduzir uma apuração jornalística; ensinar como escrever, ilustrar, editar e produzir material para diferentes formatos de mídia (jornais e revistas, rádio e televisão, e meios on-line e multimídia) para públicos também heterogêneos. Uma boa formação deve fornecer aos estudantes conhecimento e treinamento suficientes para que reflitam sobre a ética do jornalismo, suas boas práticas e sobre o papel do jornalismo na sociedade.

Tendo em vista a realidade socioeconômica, cultural e histórica de Mato Grosso do Sul é relevante destacar que mesmo não sendo uma disciplina obrigatória ou optativa, a Comunicação e o Jornalismo Rural podem ser inseridos no contexto de outras disciplinas propostas, como por exemplo, Jornalismo Especializado.

Os cursos devem ensinar a cobrir questões sociais e políticas de importância particular para a própria localidade por meio de disciplinas ministradas em parceria com outros departamentos da faculdade ou universidade. Instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), Sindicatos Rurais entre outros órgãos, são possibilidades de auxilio e incremento para tratar da Comunicação e do Jornalismo Rural. Neste ponto vale destacar que

em Mato Grosso do Sul os contextos econômicos, sociais, culturais e históricos estão diretamente ligados ao agronegócio e ao campo de maneira geral, sendo assim fundamental a abordagem da Comunicação e do Jornalismo Rural na universidade.

O ensino do jornalismo deve garantir aos estudantes a aquisição de conhecimentos gerais amplos, bem como conhecimento especializado em um campo que seja importante para o jornalismo. Formas diferentes de ensino do jornalismo são oferecidas por organizações diferentes, com tradições educacionais e recursos também diferentes, em diversos contextos, circunstâncias e culturas, sob as mais variadas condições políticas. A Comunicação e o Jornalismo Rural não fazem parte das disciplinas propostas pela Unesco, assim como as Diretrizes não tratam diretamente do tema. Porém, é notório que dentro das expectativas e objetivos desenhados é possível inserir o rural no ensino.

3.2 Perfil das Universidades Pesquisadas

É relevante para pesquisa traçar, mesmo que brevemente, um perfil das universidades pesquisadas e pontuar aspectos históricos de cada curso. Válido destacar também o espaço que cada instituição disponibiliza para disciplinas e assuntos ligados ao meio rural e agronegócio.

3.2.1 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

O curso de jornalismo da UFMS foi o pioneiro em Mato Grosso do Sul, sendo criado em 1985, com a seguinte denominação: Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – com duração de oito semestres. O primeiro vestibular para o curso aconteceu em janeiro de 1989, com início letivo em outubro desse mesmo ano. Vale destacar que os primeiros alunos formados pela UFMS trouxeram mais profissionalização ao mercado de trabalho local e, além disso, passaram a fazer parte do corpo docente de outras universidades locais que ofereciam o curso de comunicação social – jornalismo.

Criado inicialmente para atender a demanda de qualificação do mercado de trabalho, atualmente o curso promove ações e projetos para o desenvolvimento profissional por meio da pesquisa acadêmica, com o objetivo de qualificar a área do conhecimento, ou seja, o jornalismo. Nesse sentido, o curso ofereceu a estrutura física e de corpo docente para a criação do Mestrado em Comunicação da instituição, programa iniciado em 2011, também pioneiro no Mato Grosso do Sul. Passados 25 anos de sua criação, o antigo curso de

comunicação social – habilitação em jornalismo passa a se chamar apenas “Curso de Jornalismo”, como forma de sintonizar-se com as diretrizes curriculares implementadas pelo Ministério da Educação para a área.

Sobre o ensino específico da comunicação e do jornalismo rural, atualmente, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul é possível dividir o oferecimento da disciplina Jornalismo Rural em duas fases. Para alunos que ingressaram até o ano letivo de 2014 a disciplina era obrigatória e está presente na matriz curricular entre as disciplinas do sétimo semestre, último ano. Para os alunos que ingressaram a partir de 2015, com a implantação as Novas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação, publicadas em 2013, a disciplina passou a ser optativa.

3.2.2 Universidade Católica Dom Bosco

O curso de Jornalismo da UCDB nasceu como continuação de Comunicação Social, em que o acadêmico fazia os dois primeiros anos de comunicação e depois escolhia jornalismo ou publicidade e propaganda. Segundo o coordenador do curso de jornalismo da UCDB, Oswaldo Ribeiro, o curso iniciou em 1999, abriu turma apenas em 2000, e foi reconhecido pelo MEC em 2002. A instituição fez nove modificações na matriz curricular desde 2001, quando teve a primeira estrutura. Entre os anos de 2006 e 2009, a UCDB ofereceu a disciplina comunicação rural. Em 2010 o curso passou a oferecer a disciplina jornalismo rural. A partir de 2012, até hoje, entrou na grade da disciplina jornalismo especializado, que desde então passou a abordar a temática rural para os acadêmicos. Assim como as demais universidades pesquisadas, a UCDB também oferece o curso com duração de oito semestres.

3.2.3 Universidade Anhanguera Uniderp

O curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade Anhanguera – Uniderp existe desde 1997, tem duração de oito semestres no período noturno, com carga horária total de 3 mil horas. Ao apresentar uma matriz curricular, o curso tem como preocupação realizar um currículo voltado para o alcance do perfil definido para o profissional, a partir do desenvolvimento das competências previstas a partir Diretrizes Curriculares do Curso de Jornalismo, tendo em vista o mercado de trabalho e sua articulação com as tendências da profissão na sociedade contemporânea. Na Matriz Curricular atual não

consta a disciplina comunicação ou jornalismo rural, mas a universidade já ofereceu jornalismo rural. Atualmente o conteúdo e temas referentes à temática rural, são abordados na disciplina jornalismo especializado e em todos os conteúdos pertinentes, interdisciplinares.

4. CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a concretização da pesquisa, o percurso metodológico foi elaborado por meio de questionários, realização de entrevistas, tabulação e análise dos dados obtidos. Participaram acadêmicos, profissionais da área e coordenadores do curso de jornalismo das três Universidades pesquisadas.

Dentro do objetivo principal da pesquisa foi relevante buscar informações com os coordenadores dos cursos, os questionários foram enviados e respondidos via e-mail, sendo que, oito das nove perguntas feitas eram iguais para todos os entrevistados. Para o questionário enviado aos coordenadores da Universidade Anhaguera Uniderp e Universidade Católica Dom Bosco foi incluída uma pergunta referente à disciplina "jornalismo especializado", a qual ambas oferecem aos alunos. É importante pontuar que os questionários foram respondidos em 2016 e em 2018. Todas as Universidades pesquisadas efetuaram trocas de coordenação, dessa forma houve a necessidade de refazer essas entrevistas.

As entrevistas com os coordenadores realizadas no ano de 2016 foram utilizadas como um pré-teste. Esse tipo de procedimento foi empregado para testar o instrumento de pesquisa, no caso dos coordenadores, um questionário com nove perguntas abertas.

> Elaborados os instrumentos de pesquisa, o procedimento mais utilizado para averiguar a sua validade é o teste preliminar ou pré-teste, que consiste em testar os instrumentos da pesquisa sobre uma pequena parte da população do universo ou amostra, antes de ser aplicado definitivamente, a fim de evitar que a pesquisa chegue a um resultado falso. Seu objetivo, portanto, é averiguar até que ponto esses instrumentos têm realmente condições de garantir resultados (MARCONI; LAKATOS, 2017, p.179).

Este pré-teste serviu como suporte e direcionamento para que os questionários dos acadêmicos e profissionais fossem construídos, considerando a experiência e a bagagem profissional dos coordenadores que responderam as questões. A validade das informações obtidas em todas as entrevistas, a experiência dos antigos coordenadores e as considerações feitas por eles também compõem a análise dessa pesquisa. A entrevista com os coordenadores fez parte da metodologia dessa pesquisa e, também, teve como objetivo traçar um perfil dos cursos pesquisados. As perguntas enviadas aos coordenadores foram as seguintes:

1 - Há quanto tempo coordena o curso de jornalismo?

2 - Há quanto tempo existe o curso nesta Universidade?

3 - A Universidade oferece a disciplina comunicação ou jornalismo rural?

4 - Algumas Universidades pesquisadas trabalham parte da comunicação e do jornalismo rural na disciplina de jornalismo especializado. Você, como coordenador do curso, acredita que dessa forma é possível despertar nos alunos o interesse pela comunicação e jornalismo rural e de alguma forma aproximá-los da realidade do meio rural?

5 - É possível perceber nos alunos desinteresse pelo jornalismo rural, agronegócio e todos os assuntos que o permeiam – questão indígena, reforma agrária, trabalho escravo, agrotóxicos, questão ambiental? Comente.

6 - Você acredita que diante da realidade econômica, social e cultural de Mato Grosso do Sul, fortemente ligadas ao meio rural, a comunicação e o jornalismo rural deveriam receber mais atenção ao serem abordados dentro das universidades? Por quê?

7 - De que maneira a universidade pode contribuir para despertar nos alunos da graduação o interesse pela meio rural/agronegócio?

8 - O fato desta Universidade não oferecer a disciplina Comunicação ou Jornalismo Rural tem ligação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo e o Modelo curricular da Unesco para o ensino do jornalismo?

9 - Você acredita que Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo e o Modelo curricular da Unesco para o ensino do jornalismo vão/estão interferir/indo na formação no ensino superior dos jornalistas formados em Mato Grosso do Sul? .

As perguntas 1, 2 e 3 foram feitas com o objetivo de obter informações básicas sobre o curso e os entrevistados. As informações técnicas e mais detalhadas sobre os cursos já foram abordadas no Capítulo III dessa dissertação – Ensino da Comunicação. Participaram do primeiro grupo de coordenadores entrevistados em 2016/2017, os professores Oswaldo Ribeiro, Universidade Católica Dom Bosco; Marcos Paulo da Silva, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Fabiana Perin, Universidade Anhanguera Uniderp. Do segundo grupo de entrevistados, início de 2018, participaram Inara Silva, Universidade Católica Dom Bosco; Katarini Miguel, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Raquel Caram, Universidade Anhanguera Uniderp. A partir das respostas foi traçado um perfil de cada curso e também a análise da abordagem da comunicação e do jornalismo rural nas referidas Universidades.

4.1 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Participaram da pesquisa o professor Marcos Paulo da Silva, 2016, e a professora Katarini Miguel, 2018. O professor Marcos Paulo coordenou o curso de Jornalismo durante três anos, sendo que em fevereiro de 2018 a professora Katarini assumiu a função. Sobre a

Universidade oferecer ou não a disciplina a resposta de ambos foi tecnicamente igual. A disciplina de jornalismo rural constava no projeto pedagógico do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo.

A partir de 2015, atendendo às diretrizes do MEC, a UFMS se tornou curso de jornalismo - bacharelado, e o projeto mudou e dessa forma, houve alterações na grade de disciplinas. A comissão responsável que elaborou o novo projeto entendeu que era preciso incluir a disciplina de jornalismo especializado que, por ser mais abrangente, daria para trabalhar outras especialidades da prática jornalística e não apenas o rural. Mas jornalismo rural continua como uma disciplina optativa na atual matriz curricular.

Para o professor Marcos Paulo (2016), com relação a pergunta 4, sua avaliação é que:

> A disciplina 'Jornalismo Especializado', em meu ponto de vista, deve oferecer aos acadêmicos as ferramentas teórico-metodológicas e técnicas para trabalhar com áreas específicas do jornalismo, sem entrar no mérito de áreas específicas[14].

A atual coordenadora do curso citou que a disciplina ainda não foi ministrada, isso ocorrerá no segundo semestre de 2018 e será uma experiência no sentido de despertar nos alunos o interesse por determinada áreas.

> A disciplina ainda não foi ministrada, será no próximo semestre (2018-02) e faremos uma primeira experiência nesse sentido, e minha tentativa será de atribui-la a um professor que entenda que os preceitos jornalísticos são fundamentos para qualquer tipo de cobertura, independente do tema, mas que, ao mesmo tempo, consiga evidenciar a importância da pesquisa, apuração, aprofundamento nos assuntos, além de destacar os diferentes cenários e particularidades para informar sobre a variedade de assuntos que o jornalismo deve abarcar. Acredito que, por estarmos em um estado com vocação rural, essa especialidade será diretamente abordada na disciplina, pode ser uma orientação da coordenação, inclusive [15].

Katarini destacou ainda, que além do rural será indispensável tratar dos temas ambiental, econômico, político e cultural.

Com relação a pergunta 5, ambos concordam que muitas vezes a maneira como o meio rural e o agronegócio são abordados podem trazer resistência dos alunos em estudar e se aprofundar no tema. Ambos também citaram a questão da oportunidade de estágio ou

[14] Informações obtidas por meio de aplicação de instrumental específico no ano de 2016.
[15] Informações obtidas por meio de aplicação de instrumental específico no ano s de 2018.

emprego na área, que esse fato pode influenciar de certa forma os acadêmicos. O professor Marcos Paulo (2016) destacou que o jornalismo rural não pode se voltar exclusivamente ao agronegócio e aos grandes produtores.

> [...] entendo que esse modelo hegemônico de tratamento da questão "rural" em Mato Grosso do Sul pode gerar distorções e, sim, certo desinteresse de parte dos acadêmicos – sobretudo daqueles mais vinculados a uma perspectiva contra-hegemônica de valorização dos movimentos sociais e de movimentos de resistência ao agronegócio. Em contrapartida, quando muitos possuem o primeiro contato com o mercado regional – seja via estágios ou nos primeiros empregos –, há a compreensão de que se trata de um vasto campo de oferta de vagas de trabalho

Já a professora Katarini (2018) foi mais pontual em sua resposta enfatizando que há bastante resistência de discentes e também docentes com relação ao meio rural. Inclusive em sua resposta foi bastante sincera e direta ao se posicionar com relação ao agronegócio no estado.

> Não consigo generalizar os alunos e alunas dessa forma. Há aqueles que se interessam muito pela área rural, veem até como uma oportunidade de mercado, já que muitas mídias no Estado tem esse foco, além disso, tínhamos um ótimo professor na disciplina que conseguia despertar o interesse dos alunos. Também vejo real interesse, daqueles mais engajados socialmente, na área indígena, da terra, nas questões ambientais. Nosso jornal laboratório Projétil, por exemplo, se pauta sobremaneira nessas questões. No meu caso especificamente, desde que estou na UFMS, todo semestre oriento pautas e TCCs que abordam a questão indígena e socioambiental (este último é justamente meu objeto de estudo no Mestrado e Doutorado). Vejo mais interesse nessas áreas, até pela formação mais crítica dos nossos discentes, do que especificamente na área de produção rural e agronegócio. Uma grande parte, eu me incluo nisso sinceramente, tem sim grande resistência em aceitar o discurso do agronegócio e apoiar/divulgar suas agressivas empreitadas pelo Estado.

A questão 6 trouxe uma indagação em ambas respostas: de qual meio rural estamos falando? Tanto o professor Marcos Paulo (2016) quanto a professora Katarini (2018) enfatizaram a importância de problematizar o tema, trazer uma perspectiva mais crítica e social sobre o meio rural. Falar de agronegócio sem se esquecer da agricultura familiar, por exemplo. Na visão de ambos, é importante sim se falar de meio rural dentro da universidade, porém é preciso ampliar a visão e fugir da temática exclusiva do agronegócio.

Na pergunta seguinte, de que maneira a universidade pode contribuir para despertar nos alunos o interesse pela área rural, o professor Marcos Paulo (2016) foi bastante pontual e destacou mais uma vez a necessidade de se descontruir a visão sobre o que seria agronegócio: "Desconstruindo o lastro hegemônico do que significa 'agronegócio' e desvelando a diversidade, a pluralidade e a riqueza de significados do próprio entendimento do que é 'rural' – o que, no caso de Mato Grosso do Sul, penetra, por exemplo, a questão indígena (informação verbal). Já a professora Katarini (2018) aponta que não enxerga uma necessidade em despertar nos alunos o interesse pelo meio rural e cita ainda que os acadêmicos devem se interessar pelas demandas mais urgentes do estado.

> [...] conhecer a realidade socioeconômica e política, entender as mazelas e as aptidões da região, as diferenças sociais e culturais, as relações históricas do contexto, ou seja, fazer uma leitura ampla. Com relação à prática jornalística, devem dominar obviamente as técnicas, aliá-las aos fundamentos éticos da profissão e exercer a função com compromisso social, independente da área de cobertura. Existe diferença fundamental nos procedimentos jornalísticos ao cobrir uma pauta rural ou política, por exemplo? Não vejo, e meu ofício de ensino aprendizagem no e para o jornalismo está alicerçado nisso.

Com relação às Diretrizes ambos destacaram a importância do documento como norteador do curso. O professor Marcos Paulo teceu algumas críticas com relação às diretrizes, como por exemplo com relação ao estágio que, de acordo com as Diretrizes, deverá ser supervisionado nas empresas, o que pode gerar uma "crise" inicial. Ao final de suas considerações destacou que:

> No caso específico do Curso de Jornalismo da UFMS, no entanto, estou certo de que a implantação das diretrizes constituiu-se um momento bastante rico, em que o corpo docente se reuniu, pensou a estrutura do curso e propôs ajustes. O resultado, senão ideal (o que seria uma utopia), foi bastante interessante, na medida em que tentou-se corrigir algumas arestas históricas (como a vinculação do Jornal-Laboratório a um rol de disciplinas, uma vez que agora ele ganha a autonomia de uma disciplina específica). Na contramão das críticas de que as novas diretrizes tornam os cursos mais tecnicistas, no caso do Curso de Jornalismo da UFMS houve um equilíbrio entre os seis eixos temáticos que o MEC estabelece e uma equalização em termos de carga horária entre as áreas técnicas e humanísticas (2016).

4.2 Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

Foram entrevistados da UCDB o professor Oswaldo Ribeiro, em 2016/2017 e a professora Inara Silva, em 2018. As análises e comentários feitos pelos coordenadores seguirão o mesmo padrão do que foi feito no tópico acima, da UFMS. O professor Oswaldo esteve à frente da coordenação do curso de jornalismo da UCDB durante sete anos, deixando a função em janeiro de 2017, quando a professora Inara Silva assumiu. Atualmente a UCDB não oferece uma disciplina voltada exclusivamente para a comunicação ou jornalismo rural, como respondeu a professora Inara. Porém, nem sempre foi assim. De acordo com as informações e comentários do professor Oswaldo, entre os anos de 2006 a 2009 foi oferecida a disciplina de comunicação rural, nos cursos de jornalismo e também em publicidade e propaganda. Em 2010 houve uma alteração e o curso de jornalismo passou a ter a disciplina de jornalismo rural, enquanto o curso de publicidade e propaganda manteve em sua grade comunicação rural. Há seis anos, desde 2012, a universidade passou a oferecer a disciplina jornalismo especializado, na qual a temática rural também é abordada brevemente. É importante destacar que durante todos esses anos o professor Oswaldo (2016) foi o professor dessas disciplinas. A disciplina de jornalismo especializado é geralmente oferecida na matriz curricular do oitavo semestre do curso.

Na pergunta seguinte, sobre perceber desinteresse nos alunos a respeito do jornalismo rural a resposta de ambos cita que é possível identificar uma falta de interesse no tema. Oswaldo (2016) cita que sempre era possível identificar alguém interessado no tema, mas esse interesse vinha de interesses anteriores como, por exemplo, a família ligada, de alguma forma, ao meio rural, e também pela possibilidade de estágio na área.

> Quando ministrei a disciplina em Publicidade e Propaganda, o desinteresse parecia maior - mas não ocorria com toda a sala - algumas pessoas - normalmente as que tinham ligação com campo por conta da família mostravam interesse nas discussões colocadas. No caso de Jornalismo, sempre havia alguém interessado – às vezes pelo mesmo motivo citado anteriormente – mas também por algumas pessoas já fazerem estágio no Sistema Brasileiro do Agronegócio, que sempre abre espaço para estágios. Ainda assim é possível identificar a falta de interesse de grupos nos temas referidos, que em minha opinião talvez seja mais desconhecimento sobre o potencial as áreas como mercado de trabalho, que investe de forma diferenciada - por mais que como professor sempre reforçava as possibilidades profissionais do setor (2016)[16].

[16] Informações obtidas por meio de aplicação de instrumental específico nos anos de 2016.

Vale destacar nessa resposta o fato de que o professor sempre enfatizou as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e as oportunidades de estágio. A professora Inara (2018) foi bastante pontual em sua resposta e afirmou que o desinteresse pelos temas voltados ao meio rural e agronegócio é notável entre os acadêmicos.

> O interesse dos alunos pode ser observado quando fazemos reunião de pauta para definir os assuntos a serem tratados no jornal laboratório. Neste momento, eles demonstram e apontam os assuntos que consideram mais interessantes. E estes temas apresentados acima (2018)[17].

Sobre a comunicação e o jornalismo rural receberem mais atenção nas universidades ambos responderam que "sim", que o tema poderia receber mais atenção na sala de aula. A possiblidade de trabalhar o rural em outras disciplinas foi enfatizada pelo professor Oswaldo (2016), que pontuou ainda a complexidade do campo como ponto também a ser trabalhado com os alunos.

> [...] posso dizer como tranquilidade que o curso de Jornalismo da UCDB sempre deu atenção ao conteúdo, mesmo ele sendo oferecido dentro da disciplina de Jornalismo Especializado. No entanto concordo que devido ao nosso cenário, o espaço para o conteúdo poderia ser reforçado na grade curricular, fazendo, inclusive, interface com outras disciplinas como o radiojornalismo, telejornalismo, mídia digital (jornalismo digital), fotojornalismo, assessoria de imprensa - e desta forma oferecendo ao acadêmico as mais variadas maneiras de explorar o tema. Destaco ainda que o tema deve ser ampliado, mostrando toda a complexidade do campo com seus conflitos e tensões – aqui no estado notadamente ligados aos trabalhadores rurais sem terra e populações indígenas (2016).

A pergunta seguinte se referiu a maneira como a Universidade pode contribuir para despertar nos alunos o interesse pela temática rural. A abertura de tratamento de assuntos voltados ao meio rural em outras disciplinas foi pontuada pela professora Inara (2018). Já o professor Oswaldo (2016), com a vasta experiência em trabalhar a comunicação e o jornalismo rural em sala de aula, destacou que cabe ao curso despertar esse interesse e que na sua visão a UCDB tem feito isso. O professor citou ainda o destaque e a importância que a UCDB dá aos cursos das ciências agrárias (Medicina Veterinária, Zootecnia e Agronomia), indicando o vasto campo de oportunidades que o meio rural oferece.

[17] Informações obtidas por meio de aplicação de instrumental específico no ano de 2018.

> Um dos exemplos que uso quando estou ministrando a disciplina é o destaque as ciências agrárias tem dentro da instituição. Os cursos desta área sempre movimentam a instituição com eventos, atividades e a própria presença de acadêmicos que é bem grande. Desta forma, além de tentar reforçar a importância da disciplina grade de formação dos jornalistas ainda indico que o setor tem grandes possibilidades dado o espaço que as ciências agrárias têm dentro da UCDB (2016).

Com relação às questões 8 e 9, que tratam especificamente das Diretrizes, a professora Inara (2018) respondeu, respectivamente, que "não há nada que especifique a necessidade de uma disciplina com essa temática*",* e sobre a interferência das diretrizes respondeu "*sim*". Ao final de suas considerações, a professora Inara disse que a universidade pode tratar do tema com uma aproximação com o mercado, especialista e pesquisas desenvolvidas com foco no setor rural. Defendeu que "isto pode ser feito por meio da criação de disciplina específica, realização de palestras e mini cursos*"*.

O professor Oswaldo (2016) comentou que não há ligação entre o não oferecimento da disciplina com as Diretrizes, e destacou ainda que o conteúdo da comunicação e jornalismo rural foi incorporado em jornalismo especializado e mantido pelos professores que ministram a disciplina, considerando *"*a herança do estado ligada ao campo e toda a sua complexidade*"*. Sobre a interferência das Diretrizes o professor pontuou que essas trouxeram mudanças significativas para a formação do jornalista, como por exemplo o estágio e o TCC individual.

> O curso de Jornalismo da UCDB já promoveu algumas alterações neste sentido e tem trabalhado em ajustes quando às exigências determinadas pelo MEC, com ajuda e referência das discussões propostas e modelos sugeridos pelo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPJ (2016).

4.3 Universidade Anhanguera Uniderp

As coordenadoras entrevistadas foram Fabiana Perim, 2016 e Raquel Caram, 2018. A contribuição das professoras foi bastante parecida. A atual coordenadora do curso, Raquel Caram, trouxe mais informações e comentários dentro de suas respostas. Assim como a UCDB, a Uniderp não oferece a disciplina comunicação ou jornalismo rural, o conteúdo e os temas referentes ao meio rural são abordados na disciplina de jornalismo especializado. Ambas citaram que a carga horária da disciplina jornalismo especializado é suficiente para abordar os temas referentes ao meio rural. Raquel (2018) destaca ainda que a temática rural é abordada naturalmente nos trabalhos dos acadêmicos.

> Vivemos em uma região onde predomina a Agropecuária e o tema, de suma importância, faz parte da realidade local, portanto, é abordado naturalmente na produção das reportagens dos acadêmicos, participação em prêmios, atividades de extensão etc. O interesse permeia os grupos de alunos, sempre contemplam nos trabalhos e atividades (2018)[18].

A professora Fabiana (2016) acredita não haver desinteresse por parte dos alunos em relação à temática rural, pois os acadêmicos participam das aulas dentro da disciplina de jornalismo especializado e, na visão dela, o tema rural não justifica ter uma disciplina exclusiva. Nessa questão, a atual coordenadora destacou a oportunidade de estágio em televisão e jornais rurais, enfatizando que há um interesse natural pelo tema.

> Muitos alunos começam a estagiar cursando nos semestres iniciais, e como a oferta de estágios em televisões e jornais rurais é grande por aqui, eles são atraídos pelo assunto e se envolvem. Ocorre um interesse natural, estimulado pelas dinâmicas em sala de aula (2016) [19]

Na questão 6 a professora Fabiana (2016) respondeu que todos os temas são abordados de forma completa na disciplina jornalismo especializado. Já a professora Raquel (2018) afirmou que a comunicação e o jornalismo rural deveriam sim receber mais atenção ao serem abordados na universidade. Ela destacou ainda a importância econômica da agropecuária e o espaço que o rural tem nas editorias de diversos veículos regionais e nacionais. *"*Dar atenção ao assunto é reportar a importância da atividade para o desenvolvimento do país*"*. Raquel (2018) destacou também a importância de se falar da questão indígena, reforma agrária, trabalho escravo, agrotóxicos e meio ambiente. Temas esses, na visão da coordenadora, muitas vezes deixado de lado pela grande mídia e que devem ser abordados e discutidos em sala de aula.

O questionamento seguinte, a respeito do despertar dos alunos pelo meio rural, foi respondido de maneira bem parecida. Ambas disseram que palestras, oficinas e atividades de extensão com a temática podem colaborar. Outro ponto destacado pela professora Raquel foi a importância de levar a discussão sobre o assunto para a sala de aula, por meio de vivências e visitas técnicas.

As duas questões que envolvem as Diretrizes Curriculares foram respondidas apenas pela atual coordenadora do curso. Para Raquel (2018), o fato do Modelo Curricular da Unesco não contemplar o jornalismo especializado e os assuntos tratados nessa disciplina, podem ter

[18] Informações obtidas por meio de aplicação de instrumental específico no ano de 2018.
[19] Informações obtidas por meio de aplicação de instrumental específico no ano de2016.

influência no fato da Uniderp não oferecer a disciplina de comunicação ou jornalismo rural. Ela informou ainda que as matrizes curriculares do curso são organizadas conforme Diretrizes Nacionais, que dão origem ao projeto pedagógico do curso. Sobre a interferência dos documentos, a coordenadora afirma que, de certa forma, eles influenciam, mas se não houver aprofundamento na graduação, os acadêmicos já formados podem buscar especializar-se na área com cursos e vivências. *"*O conhecimento e experiência serão construídos na trilha de suas vivências profissionais*"*.

Ao final de suas respostas Raquel Caram (2018) fez um comentário sobre esta pesquisa destacando a importância do assunto e a relevância das universidades se atentarem para a formação profissional.

> O assunto é importante, a pauta rural é uma constante nas redações e influencia diretamente na vida das pessoas. A pesquisa se faz necessária e acredito que simpósios e palestras sobre o assunto podem colaborar para o fomento do interesse dos estudantes sobre o tema. A metodologia de ensino, alinhada à missão institucional, deve contemplar os temas importantes à formação profissional, e para isso, as Universidades já se atentaram. Cada uma fortalece a dinâmica conforme Planos e Metodologias (2018).

4.4 Pesquisa

A pesquisa de observação direta extensiva teve como universo os profissionais que atuam no mercado de trabalho voltado para o meio rural e os acadêmicos de três Universidades de Campo Grande – MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Católica Dom Bosco e Universidade Anhanguera Uniderp. De acordo com Marconi e Lakatos (2017, p. 219), a "observação direta extensiva realiza-se através do questionário, do formulário, de medidas de opinião e atitudes". Ainda seguindo os preceitos de Marconi e Lakatos, o questionário foi utilizado como principal instrumento de coleta de dados.

> Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador (hoje se pode fazer por *e-mail*); depois de preenchido o pesquisado devolve-o da mesma forma que o recebeu (se for usado *e-mail*, maiores chances de retorno, sobretudo pela praticidade). (MARCONI; LAKATOS, 2017, p.219).

É importante destacar que foi feita a análise e, em seguida, a interpretação dos dados obtidos através da pesquisa. A importância dos dados não está apenas em si, mas em possibilitar respostas às investigações da pesquisa (BEST apud LAKATOS, 2017, p. 182).

> Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, afim de conseguir respostas para suas indagações, e procura estabelecer relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise. (MARCONI e LAKATOS, 2017, p.183).

A interpretação dos dados consta nas considerações finais do trabalho, visto que a interpretação é a atividade do pesquisador que procura dar significado mais amplo às respostas obtidas.

4.5 Acadêmicos

Participaram da pesquisa quinze acadêmicos que cursaram o último ano do curso de jornalismo. O questionário foi feito em uma plataforma *on-line*, na qual foi criado um *link* e este foi enviado aos acadêmicos via aplicativo de mensagens. Nesse momento houve a

participação de acadêmicos e representantes das turmas que tinham o contato telefônico de seus colegas de sala.

A proposta da pesquisa foi discutir a abordagem e a importância da comunicação e do jornalismo rural dentro das universidades, conhecer a visão dos participantes sobre o tema e também as consequências da possível falta de preparação dos jornalistas para lidar com a comunicação e o jornalismo rural. A pesquisa teve abordagem qualiquantitiva, visto que a coleta de dados por meio dos questionários foi composta de perguntas abertas e fechadas.

Para os acadêmicos foi preparado um questionário semiestruturado com nove perguntas: três perguntas fechadas e as demais com espaço para que os acadêmicos pudessem emitir com liberdade suas opiniões sobre o tema. O questionário foi disponibilizado para todos os alunos do último ano das três Universidades pesquisadas, porém, a participação dos acadêmicos foi voluntária. Ao todo 15 acadêmicos responderam ao questionário, número bastante relevante para pesquisa, considerando que os participantes trouxeram contribuições espontâneas extremamente importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Esse tipo de procedimento de coleta de dados, a amostragem, se tornou relevante levando em conta a voluntariedade dos participantes.

O universo total com acesso ao questionário foi de 65 acadêmicos (100%), sendo 15 participantes (23%), o que foi suficiente para compor a amostragem necessária. De acordo com Marconi e Lakatos (2017, p.177), a amostragem é um conjunto significativo de informações, considerando que nem sempre há possibilidade de pesquisar todos os indivíduos. O método da amostragem consiste em: “obter um juízo sobre o total (universo), mediante a compilação e o exame de apenas uma parte, a amostra, selecionada por procedimentos científicos”. A amostragem é um subconjunto do universo.

> A amostragem probabilística baseia-se na escolha aleatória dos pesquisados, significando o aleatório que a seleção se faz de forma que cada membro da população tenha a mesma probabilidade de ser escolhido. Essa maneira permite a utilização de tratamento estatístico, que possibilita compensar erros amostrais e outros aspectos relevantes para a representatividade e significância da amostra. (MARCONI; LAKATOS, 2017, p.244).

A seguir as perguntas realizadas, a justificativa para cada uma delas e a análise das respostas dadas pelos acadêmicos. Os gráficos foram produzidos com a intenção de ilustrar parte do que foi respondido. Algumas perguntas não possuem o gráfico considerando o tipo do questionamento e a possibilidade das respostas discursivas. O mesmo procedimento foi adotado com o questionário dos profissionais.

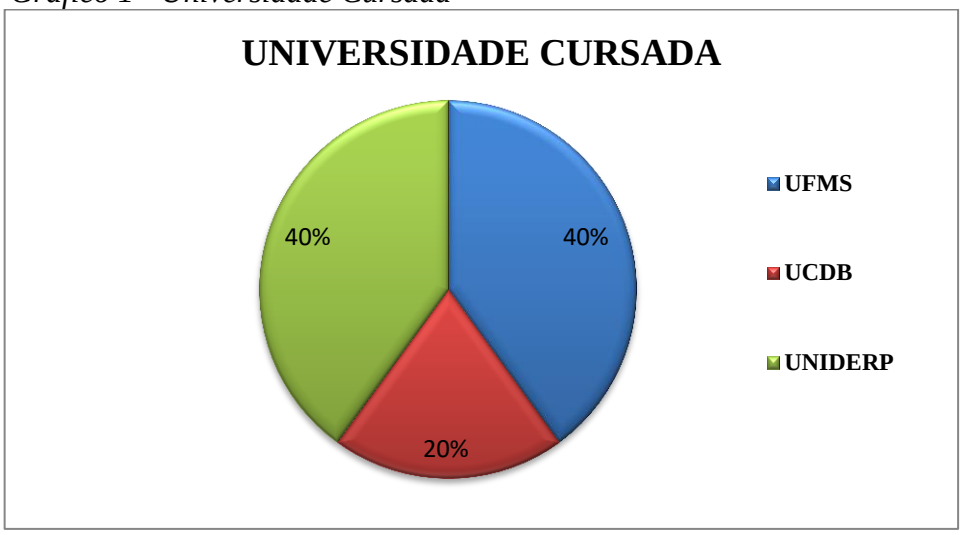
4.6 Perguntas Realizadas

O questionário foi realizado com os acadêmicos nos meses de dezembro de 2017 e janeiro de 2018.

4.6.1 Pergunta 1 – Em qual Universidade cursa a graduação em Comunicação Social / Jornalismo?

A primeira pergunta foi um filtro, utilizada para saber a quantidade de acadêmicos participantes de cada Universidade. Ao todo foram 15 participantes: Seis da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (40%), Seis da Universidade Anhanguera Uniderp (40%) e três da Universidade Católica Dom Bosco (20%). Conforme Gráfico 1:

Gráfico 1 - Universidade Cursada

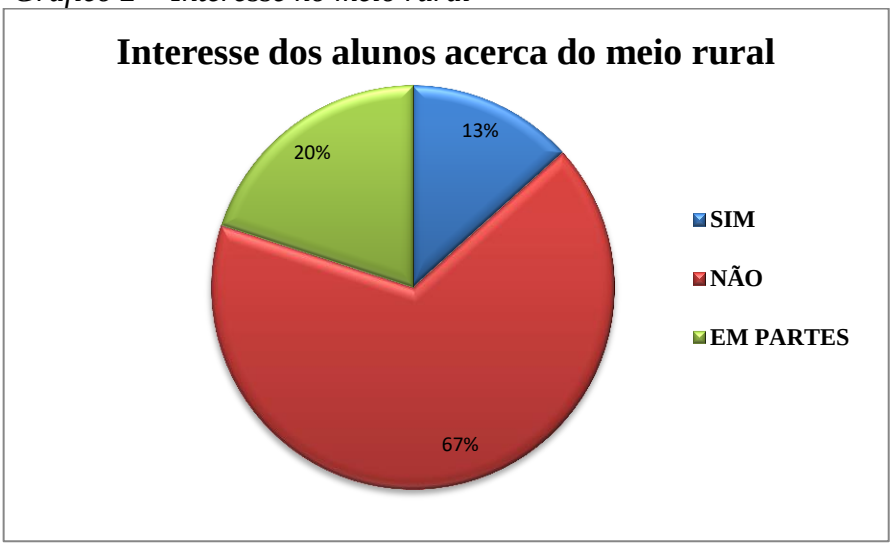


Percebeu-se uma participação menor dos alunos da Universidade Católica Dom Bosco, uma vez que apenas 3 acadêmicos responderam. A participação dos alunos da UFMS e Uniderp foi numericamente igual, seis acadêmicos de cada Universidade.

4.6.2 Pergunta 2 – Antes de iniciar a graduação em jornalismo, você tinha algum interesse no meio rural ou agronegócio? Comente.

Essa questão foi elaborada com a intenção de conhecer o perfil dos estudantes e a proximidade de cada um deles com a área rural. Dez acadêmicos (67%) disseram que nunca tiveram contato com o tema, três (20%) responderam que em partes tinham contato com o tema. Apenas dois acadêmicos (13%) responderam que “sim”, como mostra o Gráfico 2:

Gráfico 2 - Interesse no meio rural



Na análise das respostas que os acadêmicos responderam não ter interesse com o meio rural, foi possível destacar os seguintes comentários: “Não, inclusive achava desnecessário”; “Sempre foi algo distante da minha realidade”; “Muito pouco comentado em sala de aula, só fui me interessar quando surgiu a oportunidade de estágio”; “Nunca tive interesse, apesar de ser uma das principais áreas do jornalismo no estado”; “Sempre quis atuar em assessoria de imprensa, mas, nunca tinha pensado em meio rural ou agronegócio”[20] (inserir nota). A pesquisa apontou que o tema não era de interesse da maior parte dos acadêmicos participantes.

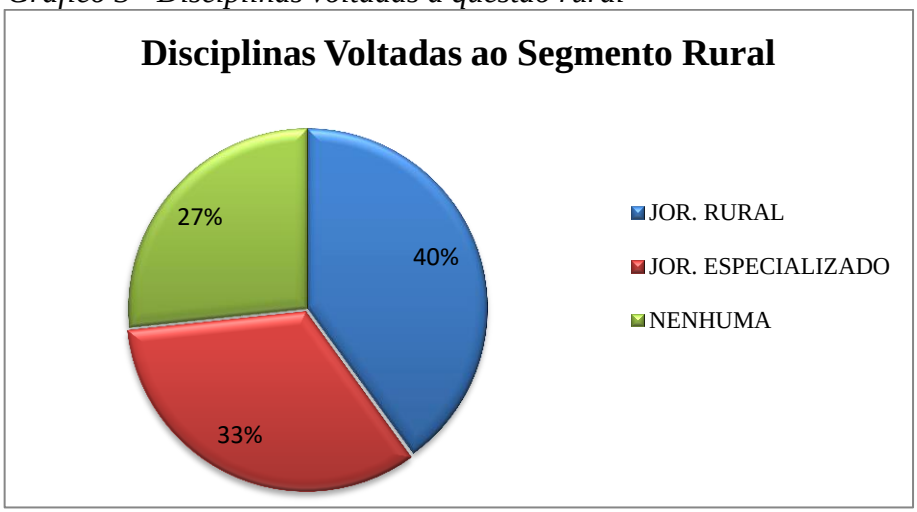
Dos 20% que responderam ter alguma proximidade, mas não se interessavam muito com o tema, as seguintes respostas foram mais relevantes: “Meu pai é produtor rural”; “Seria algo familiar, mas não era a minha preferência”; “Até comecei um curso de Técnico em Agropecuária, mas logo vi que não era minha praia”. Percebeu-se que a questão familiar teria influência assim como a “popularidade” dos temas rurais dentro do estado. Dos participantes que responderam “sim”, ambos disseram que sempre gostaram do meio e até cogitaram a possibilidade de cursar Medicina Veterinária e Zootecnia.

4.6.3 Pergunta 3 – Durante a graduação teve acesso às disciplinas voltadas ao segmento rural? Quais?

[20] Diferentes respostas dos alunos pesquisados.

O objetivo dessa pergunta era saber se os acadêmicos tiveram algum acesso à conteúdos ligados ao meio rural e agrícola durante a graduação. Seis participantes (40%) disseram ter cursado a disciplina Jornalismo Rural. Cinco (33%) tiveram a disciplina Jornalismo Especializado e quatro acadêmicos (27%) disseram que não tiveram acesso às disciplinas voltadas para o segmento, como mostra o Gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 - Disciplinas voltadas à questão rural



Dentro das respostas obtidas revelou-se que dos quinze participantes, apenas seis tiveram a disciplina de jornalismo rural, com o tema abordado durante todo um semestre letivo. Os que cursaram jornalismo especializado tiveram o tema rural abordado em apenas uma ou duas aulas durante todo semestre. Quatro acadêmicos responderam que não tiveram contato com o tema de maneira alguma, sem aulas ou palestras direcionadas ao tema. Percebeu-se que em alguns casos, o fato de ter cursado a disciplina Jornalismo Rural foi a primeira forma de contato com o tema.

4.6.4 Pergunta 4 – Dentro dos conhecimentos adquiridos durante a graduação, defina o que é comunicação rural.

Essa pergunta foi mantida no questionário com a finalidade de saber o conhecimento que cada acadêmico teria sobre o tema, considerando que em menos de seis meses esses acadêmicos estariam formados, podendo atuar no mercado de trabalho voltado para o segmento. Todos os acadêmicos (15 – 100%) responderam a questão. O que se pode perceber, de maneira geral, nas respostas foi a visão ainda difusionista dos acadêmicos, com destaque para os termos: “levar”; “divulgar”; “transmitir”; “informar”.

4.6.5 Pergunta 5 – Em sua opinião, qual a função do jornalismo rural?

Assim como a questão anterior, essa pergunta teve como objetivo descobrir o grau de conhecimento dos acadêmicos. As respostas revelaram que, de maneira geral, na visão dos acadêmicos o jornalismo rural é “levar notícias”. Esse “levar notícias” seria tanto mostrar para o meio urbano o que acontece no meio rural, como fazer com que os atores envolvidos no meio rural sejam informados sobre as notícias do segmento. A questão econômica foi citada em grande parte das respostas, assim como a necessidade de mostrar para a população o que se passa no meio rural*:* “Mostrar a importância do rural”, “Esse segmento do jornalismo é extremamente importante para fazer girar a economia”, “Função de manter o homem do campo bem informado”, “Mostrar como o agro está inserido em tudo”.

4.6.6 Pergunta 6 – Por cursar a graduação em um estado onde o campo - agronegócio, agricultura familiar, indústria - é um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento econômico, social e cultural acredita que uma disciplina voltada para o segmento rural seria importante dentro da graduação?

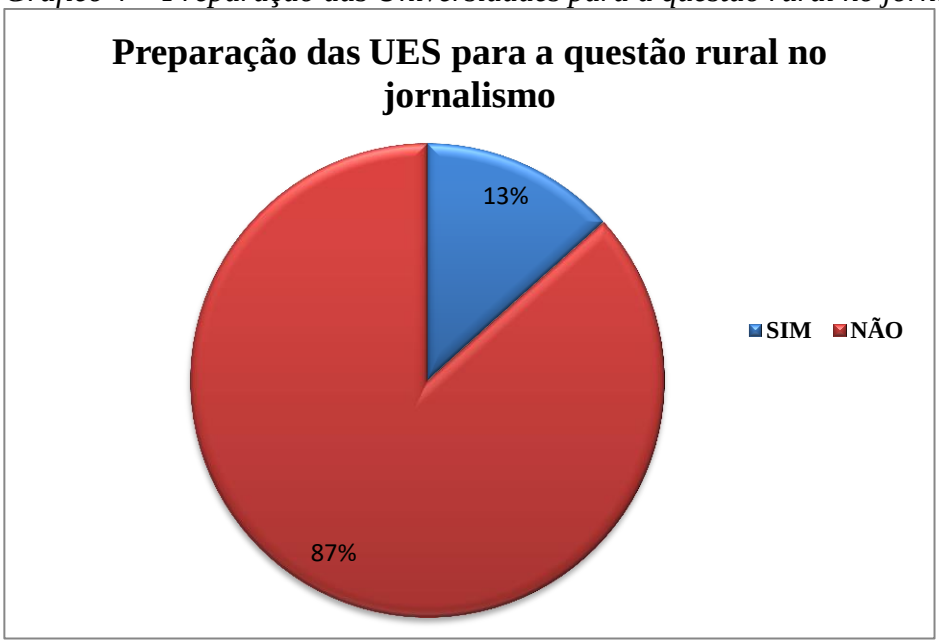
Essa pergunta tinha como objetivo saber se na opinião dos acadêmicos, cursar uma disciplina voltada para o meio rural seria relevante. Os acadêmicos foram unânimes em responder “*Sim*”.

Essa questão mostrou a relevância em se abordar o rural dentro de sala de aula considerando as características sociais, culturais e econômicas de Mato Grosso do Sul. A unanimidade nas respostas reforçou a hipótese da necessidade de abordar a comunicação e o jornalismo rural em sala de aula. Não havia espaço para comentários.

4.6.7 Pergunta 7 – Em sua opinião, as universidades preparam os acadêmicos, futuros profissionais, para atuar no mercado voltado para o segmento rural em Campo Grande - MS?

Nesta questão os acadêmicos puderam responder se na opinião deles a Universidade prepara o acadêmico para atuar no mercado de trabalho. Conforme o gráfico 4 mostra, 13 dos 15 participantes acreditam que as universidades não preparam os acadêmicos.

Gráfico 4 - Preparação das Universidades para a questão rural no jornalismo



A questão revelou que quase 90% dos participantes acredita que a Universidade não prepara adequadamente o profissional para atuar no mercado de trabalho voltado ao segmento rural. Apenas dois acadêmicos (13%) acreditam que a Universidade capacita o profissional para atuar no mercado de trabalho. Nesta questão também não havia espaço para comentários.

4.6.8 Pergunta 8 – Acredita que o agronegócio e as atividades ligadas ao meio rural são realmente a força econômica do estado? Comente.

Pergunta feita com o objetivo de fortalecer umas das propostas deste trabalho, que coloca as atividades ligadas ao meio rural como força econômica dentro de Mato Grosso do Sul. Nesta questão 100% dos participantes responderam que "*Sim*".

Ao comparar os dados dessa questão com as questões feitas anteriormente ficou claro que dentro da visão dos acadêmicos ao se falar de "rural" está se falando de agronegócio e questões econômicas.

4.6.9 Pergunta 9 – Deixe neste espaço suas considerações e ponderações sobre esta pesquisa e também sobre a formação de profissionais que poderão atuar no segmento rural e de que maneira as Universidades podem melhor explorar o tema.

Este espaço foi deixado para que os participantes pudessem deixar contribuições que julgassem relevantes, ou que pontuassem assuntos que não foram abordados nas perguntas do

questionário. Dos quinze acadêmicos, doze responderam. No geral os acadêmicos agradeceram a oportunidade de participar da pesquisa. Comentários como: “Pesquisar a comunicação rural dentro do Estado é importantíssimo. Até esse ano - que foi o meu último - eu não tinha ouvido falar sobre.”; “É ótimo uma pesquisa desse tipo, porém as universidades não investem em formar jornalistas nessa área.”; “Pelo fato de MS ser referência quando o assunto é o agronegócio, as universidades poderiam oferecer mais conhecimento, como matéria voltada apenas sobre o assunto para os acadêmicos. Desta forma, pode-se expandir mais os horizontes deste futuro profissional.”. Esses comentários representam a vontade dos acadêmicos em conhecer melhor esse setor e também a necessidade de uma abordagem mais eficiente da comunicação e do jornalismo rural dentro da universidade.

4.7. Profissionais

Participaram da pesquisa treze profissionais convidados que atuam no mercado de trabalho voltado ao segmento rural - jornal impresso, rádio, revista, televisão, sites de notícias e assessoria de imprensa. O questionário dos profissionais foi enviado via *e-mail*, mediante prévio contato com cada um deles nos meses de dezembro de 2017 e janeiro de 2018. A intenção da pesquisa ao buscar os profissionais foi saber de que maneira eles tiveram contato com o tema e se o que foi abordado durante a faculdade foi suficiente para aprimorar ou despertar a vontade de trabalhar com o jornalismo rural. Foram convidados a participar da pesquisa dezenove profissionais que atuam em veículos de comunicação e assessoria de imprensa. A participação também foi voluntária, dessa forma treze profissionais deram suas contribuições para a pesquisa. Participaram sete mulheres e seis homens, porém isso não será considerado na análise da pesquisa.

O convite para os profissionais foi feito pela proximidade da autora desta pesquisa com o mercado de trabalho. É válido mencionar neste momento a experiência da autora em trabalhar com a comunicação e o jornalismo rural, visto que os profissionais foram convidados a partir de sua atuação, experiência e contribuição para o tema pesquisado – fatores esses apontados pela autora considerando sua inserção no meio. O questionário foi idêntico para todos os participantes, com perguntas abertas e fechadas, com espaço para que os profissionais também pudessem se expressar abertamente.

A seguir serão colocadas as perguntas e a justificativa para cada uma delas. Em seguida as respostas dos profissionais. Com relação às perguntas abertas serão mencionados os comentários mais relevantes e aqueles que foram pontuados mais de uma vez pelos

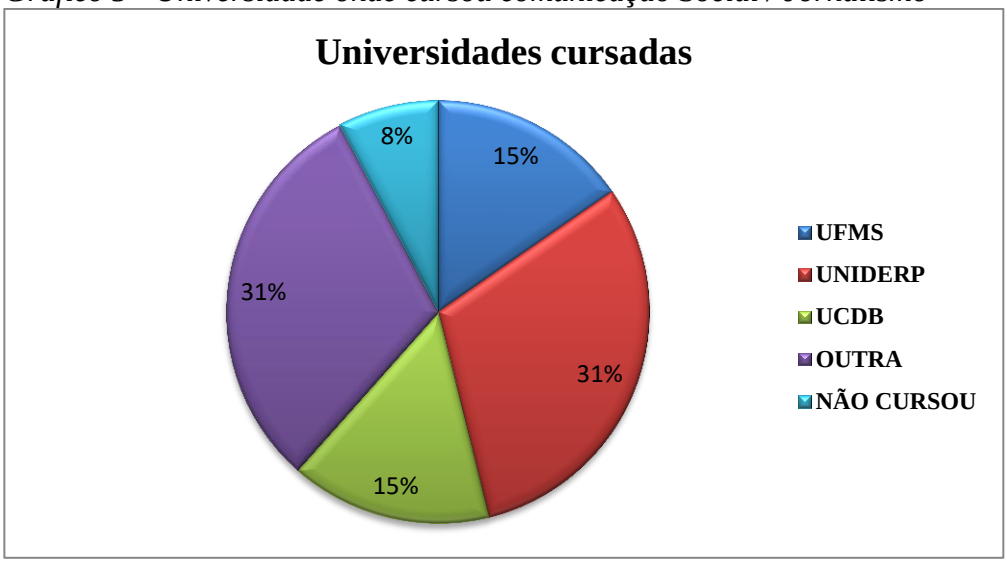
participantes. As respostas não serão todas colocadas na íntegra (todas as respostas estão nos anexos desta dissertação – página 95), apenas aquelas que tiverem maior relevância com relação à análise dos dados. Importante ressaltar que alguns profissionais foram pontuais em determinadas perguntas, respondendo apenas “sim” ou “não”, portanto em alguns tópicos, nas respostas colocadas nos anexos, não constam 13 respostas.

O questionário enviado aos profissionais teve como objetivo traçar um perfil, conhecer a forma de atuação, proximidade com tema e principalmente a opinião dos pesquisados sobre a necessidade de uma abordagem diferente dentro das Universidades. É importante justificar a participação de um profissional que atualmente trabalha em Cuiabá - Mato Grosso, porém foi formado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e atuou no telejornalismo local voltado para o segmento rural. Para facilitar a análise da pesquisa os profissionais foram divididos em dois grupos: Grupo I, composto pelos profissionais que cursaram a disciplina durante a graduação; e Grupo II, composto por profissionais que não cursaram nenhuma disciplina voltada à comunicação ou ao jornalismo rural durante a graduação. Essa separação nas análises acontece a partir da pergunta 3, considerando que a pergunta 1 e a pergunta 2 são filtros que visam traçar o perfil dos profissionais que atuam no mercado de trabalho voltado ao segmento rural.

4.7.1 Pergunta 1 – Em qual Universidade cursou a graduação em Comunicação Social / Jornalismo?

Pergunta feita para conhecer um pouco o perfil dos profissionais que atuam na imprensa local voltada para o segmento rural. Foram colocadas as Universidade locais como opção. Quatro (31%) profissionais se formaram na Universidade Anhanguera Uniderp; Dois (15%) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Dois (15%) na Universidade Católica Dom Bosco; Quatro (31%) em outras Universidades, são elas: UNIFEV – Centro Universitário de Votuporanga, UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora, UNIP – Universidade Paulista e UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo. Um entrevistado (8%) não possui graduação na área, mas possui registro profissional. O gráfico 5 ilustra o perfil dos entrevistados em relação à graduação.

Gráfico 5 - Universidade onde cursou comunicação Social / Jornalismo

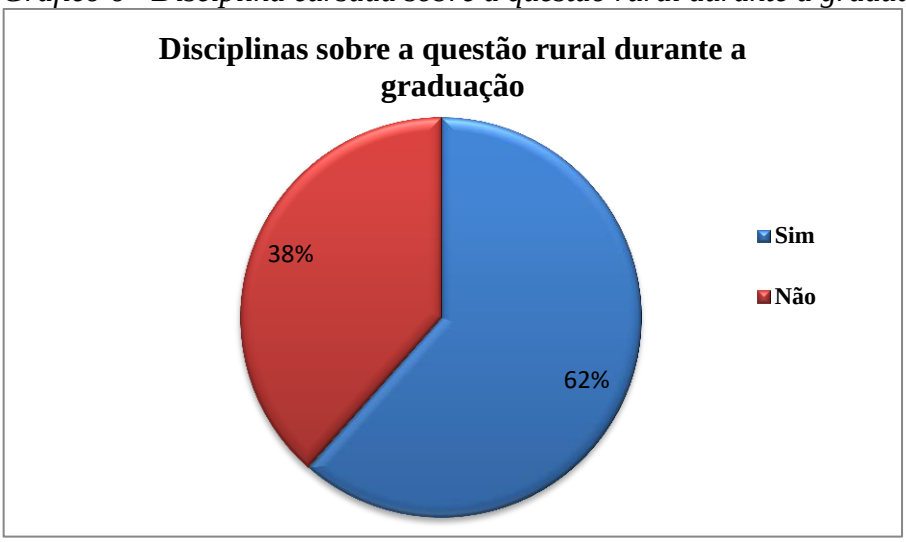


Foi possível notar a predominância, entre os profissionais que atuam no segmento, de formados por Universidades de Campo Grande. Oito profissionais são ex-alunos das três Universidades pesquisadas, quatro são de Universidades de outros estados e apenas um participante não possui a graduação em Comunicação Social, porém atua no setor há mais de vinte anos.

4.7.2 Pergunta 2 – Durante a graduação em Comunicação/Jornalismo cursou alguma disciplina voltada exclusivamente para a Comunicação ou Jornalismo Rural? Se cursou, obrigatória ou optativa?

Essa questão também foi feita com o objetivo de conhecer o perfil dos profissionais. Oito participantes (62%) disseram que tiveram acesso e cinco (38%) disseram que não tiveram acesso às disciplinas voltadas para a comunicação ou jornalismo rural. Nessa questão o profissional que não possui a formação acadêmica foi incluído no grupo dos que responderam “Não”. Todas as questões, a partir desta, possuíam opção para que o participante comentasse sua resposta. Dessa forma, as respostas mais relevantes serão inseridas para análise mais aprofundada do perfil dos profissionais. Vale ressaltar que as análises das questões seguintes serão feitas a partir da divisão dos profissionais em dois grupos: Grupo I – profissionais que cursaram a disciplina, total de oito; e Grupo II – profissionais que não cursaram a disciplina, total de cinco.

Gráfico 6 - Disciplina cursada sobre a questão rural durante a graduação



A questão possuía as escolhas "sim" ou "não" para que o participante pudesse marcar e em seguida comentar sua resposta. A pesquisa revelou que mais de 60% dos profissionais pesquisados, que atuam no mercado de trabalho local voltado para o segmento rural, cursaram a disciplina Jornalismo Rural durante a graduação.

4.7.3 Pergunta 3 – Qual a relação do seu trabalho com o agronegócio e o meio rural? Qual função desempenha no mercado de trabalho?

A terceira pergunta do questionário visou complementar o perfil dos profissionais pesquisados. Dos treze participantes, sete (7) atuam no telejornalismo, três (3) na assessoria de imprensa, dois (2) no impresso (jornal e revista) e um (1) no rádio[21].

A pesquisa mostra que mais da metade dos profissionais desempenha mais de uma função. Esse acúmulo de função acontece no mesmo veículo, na maioria das vezes, porém, há profissionais que trabalham em revista e jornal impresso ou em televisão e rádio, por exemplo. É possível notar a predominância no Grupo I de apresentadores e repórteres de TV. Dos oito integrantes desse Grupo, seis trabalham em TV, um em jornal impresso e um em assessoria de imprensa. Nessa questão as experiências anteriores citadas pelos profissionais não foi levada em consideração.

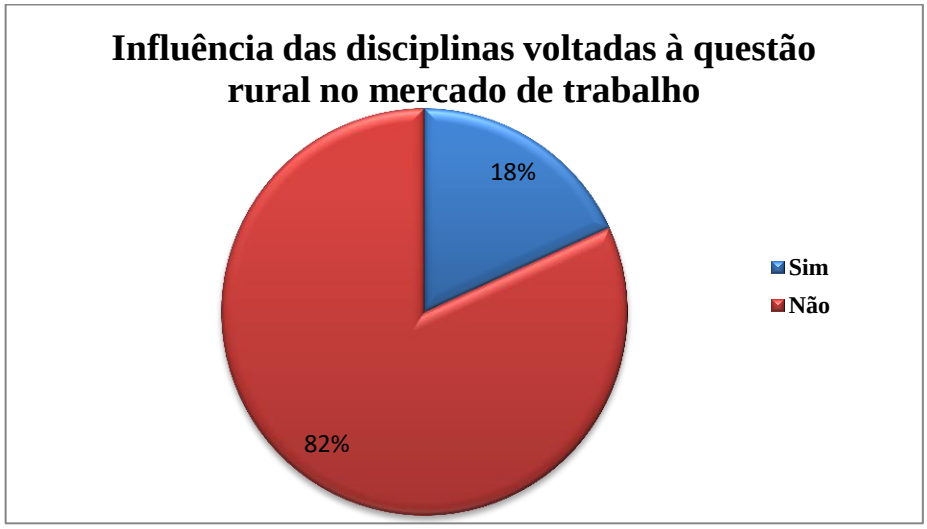
[21] As empresas e instituições em que esses profissionais atuam são: TV Morena; Sistema Brasileiro do Agronegócio (SBA e Canal do Boi); Rede Record, Canal Agrobrasil; TV Centro América (Cuiabá – Mato Grosso); Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul; Sistema Nacional de Aprendizagem Rural; Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar – Semagro; Jornal Correio do Estado; Revista DBO; e Rádio CBN.

No Grupo II, profissionais que não cursaram nenhuma disciplina voltada para comunicação ou jornalismo rural, há uma diversidade nas funções: um profissional que desempenha funções de produtor, repórter e fotojornalista para jornal impresso e revista; um apresentador de TV que também trabalha em rádio; um repórter de TV, um assessor de comunicação; e um assessor de imprensa. Os cargos e funções aqui descritos foram colocados da mesma forma como os profissionais responderam à pesquisa.

4.7.4 Pergunta 4 – Acredita que o fato de ter cursado ou não uma disciplina voltada para o meio rural influenciou sua escolha em atuar no mercado de trabalho voltado para esse segmento? Por quê?

Esse questionamento foi feito com o objetivo de saber se cursar ou não a disciplina pode ter influenciado positiva ou negativamente o profissional que atua na área. Das 11 respostas obtidas, 82% (9 respostas) disse que a abordagem na Universidade não influenciou na ida para o mercado de trabalho voltado para o segmento, como mostra o gráfico 7. Algumas respostas ainda destacaram que a disciplina ministrada mostrou uma realidade diferente do mercado de trabalho. O profissional que não cursou a graduação em jornalismo não respondeu essa questão e, além disso, um profissional não respondeu se foi influenciado. Apesar de não ter respondido "sim" ou "não", no complemento da resposta esse profissional disse que já tinha contato com o segmento, dessa forma subentende-se que esse não foi influenciado. "No meu caso foi ao contrário, eu já atuava no meio rural, então resolvi estudar comunicação para aplicar no segmento.*"*

Gráfico 7 - Influência das disciplinas voltadas à questão rural no mercado de trabalho



A pesquisa mostrou que entre os oito profissionais que cursaram a disciplina, apenas um disse que foi influenciado, porém destacou que fazer a disciplina apenas confirmou uma aptidão. *"*A faculdade é uma oportunidade de experimentação e teste aptidões. Já gostava muito do assunto. Particularmente, nunca consegui me ver escrevendo sobre algo fora das áreas de economia ou agronegócio. A disciplina na graduação confirmou o que eu sentia*".* A possibilidade de inserção no mercado de trabalho e a oportunidade do primeiro emprego também foram citadas como motivos para esses profissionais terem ingressado no mercado de trabalho voltado para o segmento rural.

4.7.5. Pergunta 5 – As informações e o conhecimento obtidos durante a graduação foram/são suficientes para desempenhar suas funções no mercado de trabalho? Realizou algum tipo de especialização ou pós-graduação relacionada ao tema?

Nessa pergunta havia a opção de responder "sim" ou "não", porém as respostas estavam conflitantes. Por exemplo: o profissional respondeu "sim", mas nos comentários escreveu que os conhecimentos obtidos durante a graduação foram insuficientes. Com dois questionamentos na mesma pergunta é possível ter havido um conflito no momento de responder "sim" ou "não", considerando que a maioria dos profissionais que participou da pesquisa fez algum curso, especialização ou mestrado na área. Dessa forma as análises serão feitas apenas a partir dos comentários dos profissionais

Com relação ao conhecimento obtido durante a graduação a pesquisa mostrou que entre os profissionais que cursaram a disciplina é unânime o fato de que a graduação deixou a desejar na abordagem da comunicação e do jornalismo rural. Os profissionais destacaram que a graduação serviu como base para que a profissão de jornalista fosse exercida, porém no quesito segmentado, rural especificamente, a abordagem foi insuficiente ou superficial como se pode observar em alguns comentários a seguir.

"Quanto aos conhecimentos obtidos na graduação foram insuficientes, visto que era apenas uma disciplina e o conteúdo de jornalismo rural é vasto e complexo"; "Suficiente para começar, porém insuficiente para evoluir. Costumo dizer que na academia somos um projeto de jornalista – sabemos o que é e como atuar apenas na teoria"; "Considero que o curso de graduação, de maneira geral, me proporcionou conhecimento técnico básico para que eu pudesse entrar no mercado de trabalho. Já em relação ao conhecimento voltado ao agro, julgo que não recebi o preparo adequado. Comecei a atuar no meio sem conhecimento algum sobre o tema.".

Outro dado bastante importante que a pesquisa revelou é o fato de que os professores que ministraram a disciplina não tendo formação específica poderia dificultar esse diálogo entre professor/aluno. “A graduação não ajudou. Os professores também não conheciam e passavam o simples”. Um profissional foi bastante crítico e direto em sua resposta, disse que o conhecimento obtido na graduação foi insignificante, que a professora da disciplina não tinha qualquer especialização e que isso reflete na atualidade, onde existem profissionais com uma visão bastante distorcida e totalmente avessa ao agronegócio.

> Foram insignificantes, eu diria. A professora da disciplina não era uma pessoa especializada em rural. Não tivemos contato com a prática do setor, não houve sequer uma visita técnica à uma instituição representante do setor, de pesquisa ou até mesmo governamental. A literatura ofertada na época era escassa. Por isso, que hoje existem muitos profissionais contra o agro, tamanha desinformação na academia (informação oriunda de questionário específico).

Com relação ao primeiro questionamento da pergunta, se as informações e conhecimentos obtidos durante a graduação influenciaram na escolha da atuação no mercado de trabalho, o Grupo II foi bastante diverso em suas considerações. Dois profissionais destacaram que não tiveram qualquer tipo de noção sobre a comunicação e o jornalismo rural, ressaltando a insuficiência do assunto na graduação. Um profissional citou que o conhecimento adquirido sobre técnicas de redação e elaboração de textos, assim como atividades práticas em laboratórios de rádio e TV foram importantes para o seu desenvolvimento enquanto jornalista. Apenas um profissional não respondeu sobre esse questionamento.

O profissional que não possui graduação em jornalismo ressaltou que não ter a graduação na área o estimulou a procurar outras formas para se obter o conhecimento técnico para atuar no mercado.

> Na verdade o fato de não ter feito faculdade de jornalismo fez com que eu me cobrasse a cada desafio e,(...) me dediquei a cada tema como se fosse único. Participei das reuniões das câmaras setoriais, ouvi os coordenadores e produzi matérias buscando ser o mais didática possível, como se estivesse escrevendo para pessoas que, assim como eu, não tinham grande conhecimento sobre o tema. Deu certo (informação oriunda de questionário específico).

Sobre o segundo questionamento da pergunta, se o profissional realizou algum tipo de especialização ou pós-graduação relacionada ao tema, entre os profissionais do Grupo I, que cursaram a disciplina, a análise das oito respostas constatou que: seis profissionais

fizeram algum curso, especialização ou mestrado na área. Apenas dois ainda não se aprofundaram na especialização do tema, os conhecimentos adquiridos são com as experiências vividas no mercado. Quanto ao aprofundamento de conhecimento técnico, a pesquisa mostra que varia desde fazer cursos ou treinamentos básicos na área (dois profissionais), curso técnico em agronegócio (dois profissionais), especialização e *marketing* rural e mestrado em Produção e Gestão Agroindustrial (um profissional), pós-graduação em comunicação, política e *marketing* e MBA em Agronegócios (um profissional).

Já no Grupo II, profissionais que não cursaram nenhuma disciplina voltada à comunicação ou ao jornalismo rural, foram dois profissionais que até o momento não fizeram nenhum curso ou especialização e três que já fizeram: dois fizeram mestrado e um fez um curso específico em agronegócio (não informado nome exato do curso). Os profissionais que não têm especialização na área também destacaram que o conhecimento técnico é adquirido com o dia-a-dia, em cada nova matéria, conversa com entrevistados, etc.

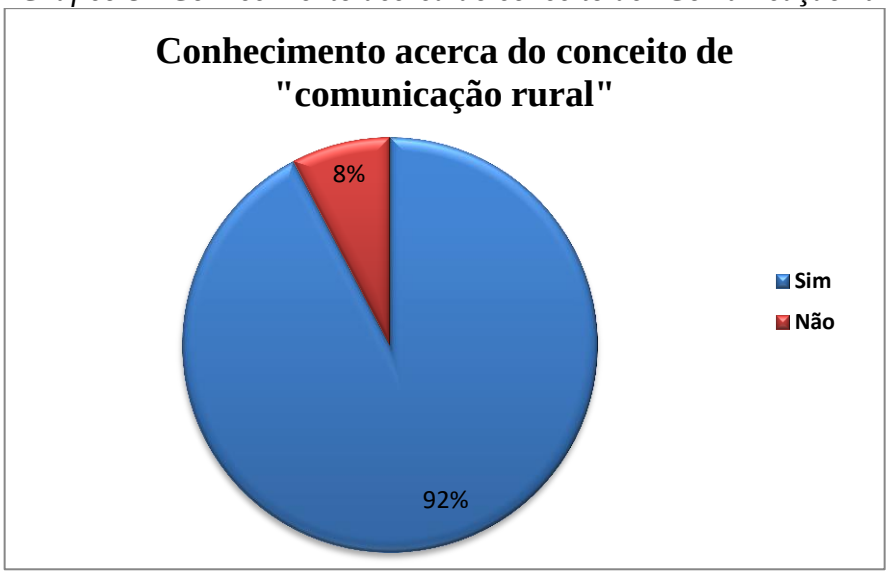
4.7.6 Pergunta 6 – É claro para você o que seja Comunicação Rural? Defina de acordo com seus conhecimentos.

Esta pergunta foi feita com o objetivo de saber o grau de conhecimento dos profissionais que atuam no mercado voltado ao segmento. Foram analisados os termos utilizados por cada um dos profissionais para fazer a definição de comunicação rural. É importante lembrar que esse conceito é definido por Juan Diaz Bordenave, em seu livro *O que é comunicação rural?*, como o conjunto de diversos fluxos: fluxos de informação, diálogo e influência entre os componentes do setor rural e entre eles (1985, p. 7).

Além do espaço para definir o que é comunicação rural, havia a opção de marcar "sim" ou "não". De todos os participantes da pesquisa apenas um profissional disse não ser claro para ele o que seria a comunicação rural, porém em um comentário simples e direto tentou definir: *"(...)* aquela direcionada ao homem do campo e que não é necessariamente exercida por um jornalista*"*.

O profissional que disse não ser claro esse conceito faz parte do Grupo I, isso mostra que mesmo aquele profissional que cursou a disciplina ainda tem limitações para definir o que é comunicação rural. Assim como nas questões anteriores, a análise das repostas nessa pergunta serão feitas a partir da divisão dos profissionais em dois grupos: Grupo I - cursaram uma disciplina e Grupo II - não cursaram disciplina.

Gráfico 8 - Conhecimento acerca do conceito de "Comunicação rural"



A pesquisa revelou que, para alguns profissionais do Grupo I, a visão de comunicação rural ainda é bastante difusionista e definições como: *"*propagação de informações*",* *"*conjunto de ações que visam passar uma mensagem*",* *"*levar informação para o meio rural*",* mostraram que a ideia de apenas transmitir conhecimento ainda é bastante viva entre os profissionais. A ideia de fluxos de informação foi bastante citada entre os participantes, assim como a interligação entre os diversos atores e setores que fazem parte do meio rural.

Uma resposta do Grupo I foi bastante completa e enfatiza o diálogo que deve existir entre os membros deste setor e que tem como finalidade melhorar a produção, a vida no campo e fora dele.

> Acredito que conceituar a Comunicação Rural – propriedade dita – pode ser um equívoco, pois ela é um processo em evolução. Assim como a distância das relações urbano-rural, a aproximação campo-cidade, e mais, a própria mentalidade do produtor, que hoje vive em transformação, com um pensamento mais empreendedor, sustentável e humano. Por outro lado, pode-se dizer que, Comunicação Rural é o conjunto de informação e ações que dialogam sobre, para e com, os membros e setores deste segmento, com intuito de melhorar os caminhos da produção que visa a melhoria de vida no campo, e fora dele também, pois quase tudo em nosso cotidiano advém do Agro (informação oriunda de questionário específico).

Já no Grupo II apenas o profissional que não cursou a graduação em Comunicação Social / Jornalismo não respondeu se é claro ou não o que seja a comunicação rural. Porém, no espaço para comentários respondeu que: *"*Comunicação rural é falar para quem produz e quem consome*".*

O profissional citou ainda que não existe um público definido para sua atuação na assessoria de imprensa e que, dessa forma, tenta escrever de forma simples e didática em todas as matérias que escreve. Mesmo não tendo formação e segurança para dizer ser claro o que é comunicação rural, o profissional mostrou que, acima de tudo, tenta se expressar de uma maneira em que todos que tenham acesso ao seu trabalho possam entender sobre o que se fala. Mesmo os profissionais que não tiveram acesso a uma disciplina voltada para comunicação ou jornalismo rural definiram, com suas palavras o que no entendimento deles é a comunicação rural.

As respostas foram bem completas, destacaram a importância da linguagem e do conhecimento específicos para área, além da questão de fluxos e troca de informações entre meio rural e sociedade. O comportamento do público rural diante da comunicação também foi citado, visto que a linguagem, seja ela técnica ou popular, é um tanto quanto diferente do meio urbano. Entre as respostas deste Grupo, a que está mais completa cita que a comunicação rural é um conceito abrangente e que nela trabalham agentes bem distintos:

> A Comunicação Rural é um conceito abrangente. Nele estão concentrados diversos níveis de processo: estão ai as necessidades básicas de informações do indivíduo, das famílias e comunidades rurais (e entre elas) assim como o fluxo de informações entre o urbano e o rural (e vice-versa, consolidando o processo de comunicação clássico). Na comunicação rural trabalham agentes bem distintos, como a propaganda, as redes sociais fechadas em sistemas de pequenos grupos rurais (em fazendas, por exemplo), o agrojornalismo e elementos de paralinguagem como a inflexão vocal dos capatazes e funcionários (na condução de comitivas) e as várias entoações de berrantes no manejo de animais (informação oriunda de questionário específico).

A pergunta revelou que mesmo os profissionais que não tiveram uma disciplina voltada para o meio rural tem uma visão bastante rica sobre a comunicação rural, assim como os profissionais que cursaram uma disciplina. Ficou claro que para os profissionais a comunicação rural é um assunto difícil de conceituar por sua complexidade e amplitude, porém os profissionais que participaram da pesquisa tentam de alguma forma se expressar e definir o que, na visão deles, é comunicação rural.

4.7.7 Pergunta 7 – É claro para você o que seja Jornalismo Rural? O defina de acordo com seus conhecimentos.

Da mesma como a questão anterior, essa pergunta teve como objetivo descobrir o grau de conhecimento dos profissionais. As respostas revelaram que de maneira geral, na visão dos profissionais o jornalismo rural, é "levar notícias". Esse "levar notícias" seria tanto mostrar para o meio urbano o que acontece no meio rural, como fazer com que os atores envolvidos no meio rural sejam informados sobre as notícias do segmento. A questão econômica foi citada em grande parte das respostas, assim como a necessidade de mostrar para a população em geral o que se passa no meio rural.

Novamente as análises mais aprofundadas foram feitas levando em consideração a separação dos Grupos I e II. Entre as respostas dos profissionais do Grupo I, foram citadas definições como: "(...) um dos ramos do jornalismo especializado na qual são divulgadas todas as notícias/informações que dizem respeito ao meio rural e ao interesse do setor agropecuário*"*.

Foram comentadas também as questões referentes à "tradução" de dados e de informações técnicas para o público em geral. As respostas mostraram que mesmo com utilização de termos diferentes nas respostas, os profissionais entendem que jornalismo rural é levar notícias para o público de maneira simples e direta.

A reposta que mais se aproxima daquilo que se espera de um jornalista é: "É a apuração, abordagem e, em alguns casos, análises, do meio rural convertendo informações ou dados do campo, do meio rural, em notícias. Distinto do que hoje é chamado de agribusiness ou agronegócio, muito mais voltado para o fator mercadológico, comercialização e cenários macro e micro do setor."

As respostas mostraram que os profissionais do Grupo I se importam bastante com a questão da linguagem apropriada, levar informação, noticiar de maneira clara as informações técnicas que permeiam o meio rural e, principalmente, o fato de que nesse caso o receptor daquilo que é noticiado nem sempre faz parte do segmento.

As respostas no Grupo II foram bastante diversificadas. As questões da linguagem apropriada e da necessidade de conhecimentos específicos da área foram citadas, assim como o receptor que pode ser qualquer pessoa, ligada ou não ao meio rural. Apenas um profissional respondeu que diferentemente da comunicação rural, na visão dele o jornalismo rural tem um

público específico. Uma resposta do Grupo II é bastante completa e levanta a questão do jornalismo rural enquanto disciplina oferecida na graduação.

"Jornalismo rural é (ou deveria ser) a disciplina oferecida na graduação que norteia a cobertura jornalística de assuntos ligados ao meio rural, fornecendo conhecimento acerca de práticas agrícolas, mercado de grãos, a influência do agronegócio na economia local e nacional, etc. Do ponto de vista da assessoria de imprensa, o Jornalismo Rural pode fornecer conhecimento acerca das práticas profissionais de comunicação adotadas na gestão da relação entre empresa, público (nesse caso, o produtor rural) e a imprensa."

Assim como na questão anterior, todos os profissionais definiram de acordo com seus conhecimentos o que na visão deles é jornalismo rural.

4.7.8 Pergunta 8 – Em sua opinião, as universidades preparam os acadêmicos, futuros profissionais, para atuarem no mercado voltado para o segmento rural? Por quê?

Essa pergunta foi feita com a intenção de saber se na opinião dos profissionais as universidades preparam os acadêmicos para atuar no mercado de trabalho. Mais de 90% dos profissionais responderam "não", como mostra o Gráfico 9.

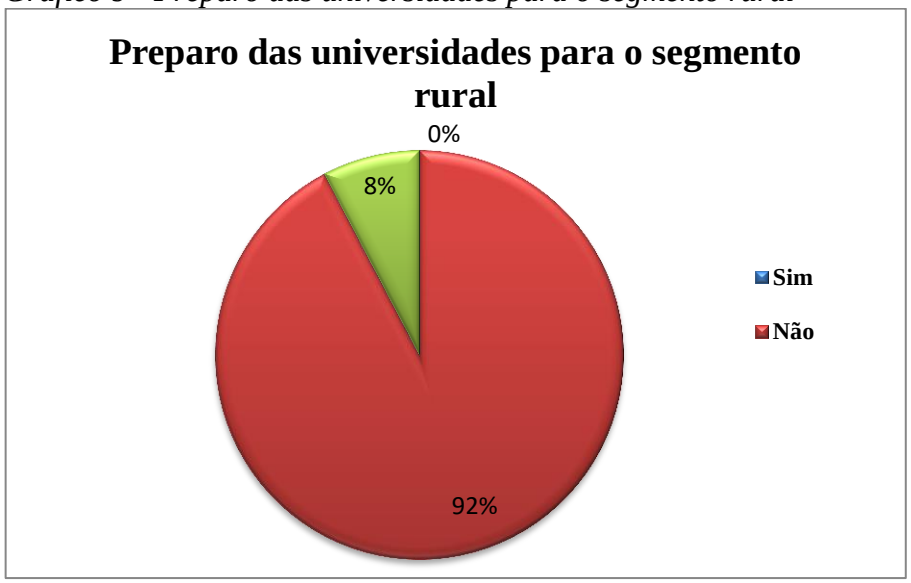
O Grupo I foi enfático nas respostas. O fato de apenas uma Universidade de Campo Grande oferecer a disciplina Jornalismo Rural foi citado por um profissional que argumentou que é necessário rever esse cenário considerando as características de Mato Grosso do Sul. É importante lembrar que dentro das Universidades pesquisadas, apenas a UFMS ainda oferece a disciplina.

Outros pontos citados foram a falta de atividades práticas, a diferença entre os temas levantados na graduação e a realidade do mercado de trabalho, a superficialidade da disciplina, a falta de conhecimento e preparação técnica dos professores que ministram a disciplina. Uma resposta reúne esses argumentos e cita que talvez as universidades privadas ainda busquem preparar os profissionais.

> Creio que não. Apesar de estar em um Estado (MS) com tradição e vocação rural os alunos não são preparados para tal. Percebo haver um pequeno esforço acadêmico nas universidades (em especial as privadas) para ter futuros profissionais preparados para este setor. Todavia ainda longe da prática profissional. Na universidade pública há um certo descaso com o tema, (meu entendimento particular) é comum alguns alunos de comunicação social e de outras áreas de humanas interpretam a produção agropecuária como algo elitista e pouco producente para sociedade. Posicionamento equivocado e

> pouco questionado em salas de aula (informação oriunda de questionário específico).

Gráfico 9 - Preparo das universidades para o segmento rural



O profissional que se formou em Mato Grosso do Sul mas que hoje atua no mercado de trabalho em Mato Grosso relatou que lá a situação é bastante complicada, considerando também as características econômicas e sociais do local.

> Além da experiência que relatei sobre a minha formação, recentemente voltei às universidades (em Cuiabá) para conversar com alunos de jornalismo e notei claramente um triste desconhecimento sobre o tema. Vale lembrar que hoje vivo num estado ícone na produção de alimentos, referência mundial no cultivo de grãos e produção de carne bovina. Por aqui não há nada na grade acadêmica específica para o segmento rural, nem mesmo um semestre dedicado ao tema (como tive oportunidade de cursar - mesmo com as deficiências relatadas - na minha formação entre 2002-2005). Quem se forma e tenta uma vaga nesta cobertura, precisa passar um bom tempo adaptando-se ao universo rural, esforçando-se - inclusive - para compreender termos básicos da linguagem campestre (informação oriunda de questionário específico).

No Grupo II um profissional respondeu que “sim”, acredita que a universidade prepara os acadêmicos porém, no complemento da resposta citou que isso acontece se o acadêmico cursar veterinária ou agronomia – essa resposta aparece como “*em partes*” no gráfico. Considerando o complemento dessa resposta pode-se concluir que 100% dos profissionais pesquisados acham que a universidade não prepara o futuro profissional para o mercado de trabalho. A formação generalista do jornalista, assim como dos professores, também foi citada em uma das respostas, que reúne os argumentos citados na maioria das respostas dadas pelos profissionais do Grupo II.

> Não, porque, na verdade, a formação generalista do jornalista (e do professor), assim como a grade generalista de disciplinas da graduação, geralmente não dão ao aluno a oportunidade de se aprofundar em conhecimentos segmentados, em temas específicos. Além disso, existe muito desconhecimento e até mesmo preconceito por parte dos educadores acerca do que é o agronegócio, dificultando ainda mais o despertar de interesse de alunos, pessoas em plena formação profissional (informação oriunda de questionário específico).

Essa questão revela que, na visão dos profissionais, a universidade pode fazer muito mais pela formação dos acadêmicos. A superficialidade, a falta de conhecimento técnico dos professores, assim como um certo “preconceito” com o tema dificultam a abordagem de assuntos ligados ao segmento rural e agronegócio.

4.7.9 Pergunta 9 – Acredita que a população é bem informada sobre assuntos relacionados ao campo (agronegócio e seus gargalos, agricultura familiar, questão indígena, entre tantos outros temas que permeiam o segmento rural)? O que “faltaria” nesse diálogo?

Essa questão buscou saber, principalmente, a opinião dos profissionais sobre a lacuna existente entre os assuntos ligados ao campo e a população de maneira geral. Na visão dos profissionais a população não é bem informada e diversos fatores são apontados como motivos para essa lacuna no diálogo. Nessa análise não houve a separação entre Grupo I e Grupo II, visto que as respostas, a visão de todos os profissionais é bastante parecida. Apenas um profissional respondeu “sim”, porém seu complemento de resposta revelou que ele também acredita que “falta” alguma coisa nesse diálogo entre meio rural e população em geral.

*"*Em partes. Por MS ser um dos Estados mais produtivos do Brasil ainda temos muito a evoluir no segmento rural. Faltam veículos especializados e profissionais experientes.*"* Os profissionais apontaram que muitas vezes as pautas relacionadas ao meio rural são direcionadas apenas ao agronegócio – questões econômicas, e que, muitas vezes, assuntos importantes como questão indígena e agrotóxicos, por exemplo, são abordados de maneira superficial e tendenciosa.

Gráfico 10 - Opinião sobre o nível de informação da população acerca das questões do campo

A formação e falta conhecimento técnico do profissional que trabalha no mercado foram citados como motivos por esse ruído no diálogo entre rural e público em geral. Uma resposta reúne os questionamentos levantados na maioria das respostas e ainda traz à tona a questão dos canais segmentados, que cumprem com sua função de se comunicar com um público específico.

> Sinto que os canais segmentados cumprem perfeitamente este papel. Porém, estes veículos falam diretamente para um público específico. A grande massa, que normalmente tem na tv aberta uma das principais janelas para ver o que acontece no mundo, ainda não recebe informações à altura da discussão - extremamente complexa, por sinal. Penso que falte - além de mais profissionais especializados no assunto - uma abertura maior para a produção e veiculação de notícias e

> produtos específicos sobre os temas do campo. Sou um defensor do jornalismo especializado, seja no rural, no esporte, no meio ambiente, na economia, na política. Só assim, com conhecimento de causa, o conteúdo produzido ganha mais qualidade e pode ter uma chance maior de chegar com maior clareza e profundidade, ao receptor esperado (informação oriunda de questionário específico).

A pesquisa revela que na opinião dos profissionais a falta de conhecimento técnico de quem escreve a noticia é fator bastante relevante e contribui negativamente em determinados assuntos.

4.7.10 Pergunta 10 – Deixe neste espaço suas considerações e ponderações sobre esta pesquisa e também sobre a formação de profissionais que poderão atuar no segmento rural e de que maneira as Universidades podem melhor explorar o tema.

De maneira geral, os profissionais agradeceram a oportunidade de participar da pesquisa, enfatizaram a necessidade de melhor abordar temas segmentados dentro das universidades porém, destacaram também a importância do acadêmico, futuro jornalista, sempre buscar se aperfeiçoar na área.

4.8 Análises e Discussões

Neste tópico serão analisadas e discutidas as respostas de todos os participantes da pesquisa: primeiro os coordenadores, na sequência os acadêmicos e por últimos os profissionais. A intenção deste tópico é interpretar as respostas a partir do ponto de vista da autora da pesquisa.

O questionário respondido pelos coordenadores revelou, primeiramente, que alguns são extremamente interessados em discutir a abordagem da comunicação e do jornalismo rural na universidade, considerando as respostas completas e com informações detalhadas sobre o curso, a atuação dos professores e a grade curricular. Enquanto outros foram bastante pontuais, respondendo apenas “sim”, “não” ou “não há nada que especifique a necessidade de uma disciplina com esta temática”, por exemplo. Com relação a responder o questionário, todos os coordenadores foram bastante solícitos e responderam dentro do prazo que foi estipulado.

Dos seis coordenadores entrevistados, apenas um já ministrou as disciplinas comunicação rural e jornalismo rural, considerando que tal experiência pode ter contribuído

para que este coordenador tivesse uma visão diferenciada dos demais. Todos foram unânimes em concordar que a agropecuária contribui para o desenvolvimento do estado, assim como concordaram que o mercado de trabalho voltado ao segmento rural disponibiliza oportunidades tanto para acadêmicos (estágio) quanto para profissionais formados.

Outra questão levantada pelos coordenadores foi a necessidade de abordar temas que fujam da lógica econômica do agronegócio e tratem de questões relativas à agricultura família, agrotóxicos e desmatamento, por exemplo. Isso mostra que todos têm uma visão ampla sobre as potencialidades, entraves e gargalos que permeiam o meio rural. Considerando a realidade de Mato Grosso do Sul, é fundamental que coordenadores, assim como os professores universitários, percebam a necessidade de se trabalhar os temas relacionados ao meio rural e agronegócio.

É possível notar que há entre alguns coordenadores certo preconceito e uma visão, de certo modo, distorcida sobre o agronegócio, principalmente. Há muitos assuntos polêmicos, que envolvem o meio rural e que são abordados na mídia de maneira tendenciosa, superficial e sem conhecimento técnico adequado, isso pode ser resultado desse preconceito que se tem de tratar do "agro" em sala de aula. Relevante destacar que mesmo as Diretrizes Curriculares permitindo a abordagem de disciplinas que tenham referência com o local, as universidades não se preocuparam em inserir a comunicação e o jornalismo rural, pelo contrário, as particulares tiraram essas disciplinas da matriz curricular e a federal deixou de oferecer como disciplina obrigatória, sendo colocada como optativa e inserindo jornalismo especializado – que aborda o tema, porém com muita superficialidade.

A participação dos acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e da Universidade Uniderp Anhanguera foi numericamente maior que a Universidade Católica Dom Bosco, considerando que as duas Universidades citadas primeiro tiveram uma palestra referente à comunicação e ao jornalismo rural no Estado com a autora dessa pesquisa. Essa proximidade pode ter influenciado na maior participação dos acadêmicos. Outro fato relevante é que os alunos da UFMS tiveram, durante o sétimo semestre do curso, a disciplina de Jornalismo Rural, onde a autora dessa pesquisa participou como palestrante convidada em uma das aulas.

Na segunda questão ficou nítida a falta de interesse ou proximidade com o meio rural e agronegócio. Dos quinze participantes, dez disseram nunca ter tido interesse pela área. O que mais chamou a atenção foi que o interesse na área para alguns foi "despertado" a partir do momento em que os acadêmicos viram a oportunidade de atuar no mercado de trabalho. Este

fato fortaleceu ainda mais uma das hipóteses deste trabalho, em que as possibilidades de atuar no marcado local voltado para o segmento rural são consideráveis.

Constatou-se que menos da metade dos participantes teve acesso à disciplina jornalismo rural. Destaca-se que os seis acadêmicos que responderam "sim" são todos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, aja visto que é a única a possuir ainda em sua grade a disciplina citada. É importante notar que quatro acadêmicos (27%) disseram nunca ter tido acesso ao tema em sala de aula. Isso pode ser resultado da pouca abordagem do tema na disciplina de jornalismo especializado. Se o aluno que cursa essa disciplina falta uma aula, por exemplo, ele deixa de ter acesso à discussão abordada naquele determinado dia, ficando assim com uma lacuna permanente em sua formação, pois, durante o restante da carga horária da disciplina, não haverá outra oportunidade para tal discussão.

Ao analisar as respostas da quarta questão foi possível identificar algumas diferenças entre as respostas dos alunos que cursaram a disciplina de jornalismo rural, os que cursaram jornalismo especializado e os que disseram não ter tido acesso ao tema durante a graduação. Esse cruzamento de dados entre as perguntas 3 e 4 mostrou que mesmo aqueles que disseram não terem tido acesso, de alguma forma definiram, na visão deles, o que seria comunicação rural. Dentre os alunos que cursaram a disciplina uma resposta foi bastante relevante e mostrou a amplitude e complexidade do tema.

> A comunicação rural permite divulgar e estabelecer a interlocução entre pesquisadores técnicos, administradores e economistas de instituições universitárias e de órgãos públicos estaduais e federais junto as diversas categorias de trabalhadores rurais. Além disso, deve-se levar em conta o interesse do público (com adequação de linguagens, de formatos e veículos) para informar desde o grande produtor até o médio e pequeno agricultor familiar (informação oriunda de questionário específico)..

As respostas trouxeram à tona as questões econômicas principalmente referentes ao agronegócio. Como:

> É uma comunicação voltada para todos, já que na minha visão, o "rural" ou agronegócio move várias camadas da sociedade, move a economia, a moda, a alimentação, saúde, entre outros setores. A comunicação rural tem um papel importante em levar as notícias sobre o assunto para o Brasil e até mundo, já que somos fonte de exportação (informação oriunda de questionário específico).

Ficou claro que para os acadêmicos a comunicação rural se refere à divulgação dos números do agronegócio e, além disso, serve para fazer a interlocução entre o meio rural e o

urbano. “Comunicação rural é fazer com que a área rural também seja presente nas mídias e mostrar a importância dela*”*.

Quando questionados sobre jornalismo rural, ficou evidente que para os acadêmicos essa prática serve para divulgar, informar, levar notícias e mostrar o setor rural para a sociedade em geral. Foram citadas novamente as questões econômicas, relativas à geração de empregos e potencial produtivo do setor. Isso mostra que, para os participantes da pesquisa, o jornalismo rural trata especificamente do agronegócio. Em nenhuma das respostas foram citadas questões referentes à agricultura familiar, campesinato, trabalhadores sem-terra, indígenas, pesquisas tecnológicas, entre tantos outros assuntos que merecem destaque. Ficou claro também que no entendimento dos acadêmicos o jornalismo rural é basicamente falar economicamente sobre o agronegócio. Não houve diferenciação entre as respostas dos acadêmicos que cursaram ou não a disciplina.

Ao analisar a pergunta 6, onde 100% dos participantes disseram ser importante ter uma disciplina dentro da graduação voltada para o segmento rural, foi possível confirmar a necessidade de se falar de comunicação e jornalismo rural dentro da sala de aula. A visão equivocada e distorcida que parte da sociedade tem do meio rural poderia ser melhor trabalhada na universidade, considerando a heterogeneidade que envolve o meio rural, tanto econômica quanto social e culturalmente.

A pergunta sete revelou que 87% dos participantes, ou seja 13 dos 15 acadêmicos, acreditam que a universidade não prepara o futuro profissional para atuar no mercado de trabalho. Esse fato fortalece ainda mais esta pesquisa que visou discutir a importância de se tratar a comunicação e o jornalismo rural na universidade. Considerando a amplitude do tema e as oportunidades no mercado de trabalho, ter esse resultado mostra que o acadêmico sai da universidade sem ter, mesmo que breve, o conhecimento da área.

Ao comparar as respostas das questões anteriores com a pergunta número oito, ficou evidente que, para todos os acadêmicos, falar em meio rural significa falar de agronegócio e seu potencial econômico. Essa questão justificou ainda mais a necessidade de se tratar nesta dissertação das forças e produtividade do campo.

Os comentários feitos pelos acadêmicos demonstram a necessidade de uma abordagem diferente e eficiente da comunicação e do jornalismo rural dentro da universidade, considerando a importância do agronegócio, mas também mostrar a realidade do campo. Ao final das análises foi possível identificar um comentário bastante rico e que congrega as necessidades e parte da realidade quando se trata de falar de meio rural.

> Uma das áreas mais importantes da nossa sociedade não recebe investimentos e preparo da maneira que deveria. Por ser um setor tão importante, que afeta diretamente e diariamente nossas vidas, deveria oferecer para as pessoas/profissionais um leque maior de capacitação. Algumas instituições realizam esse trabalho, porém, são poucas as pessoas que tem acesso a essa formação. Acredito que o jornalismo rural possa ganhar mais força e espaço para que a sociedade entenda como funciona esse sistema e porque ele atinge cotidianamente em nossas vidas. E levar para as pessoas os conhecimentos e histórias fantásticas que o agro tem. Levar reflexão para as pessoas, levantar situações precárias que muitas vezes o setor enfrenta e precisa de um apoio. Além disso, incentivar projetos, incentivar novas possibilidades de inovação no campo, etc (informação oriunda de questionário específico).

Analisar as respostas dos profissionais foi tarefa bastante difícil, considerando que todos os que participaram da pesquisa fizeram questão de contribuir de todas as maneiras em suas colocações. A divisão feita entre Grupo I e Grupo II aconteceu para facilitar as análises e, dessa forma, facilitar a visualização das respostas a partir da informação do profissional ter cursado ou não a disciplina. O que se pode notar é que todos os participantes estão bastante satisfeitos, atuando no mercado de trabalho voltado para o segmento rural. Dos treze entrevistados, oito são ex-alunos de universidades de Campo Grande, alguns deles estão no mercado desde o estágio, isso mostra que as oportunidades de trabalho são reais e aqueles profissionais que valorizam o tema e se dedicam a ele conseguem atuar no mercado.

Foi possível constatar uma diversidade na atuação dos profissionais, isso mostra mais uma vez a diversidade e oportunidades que o mercado possibilita. O Canal do Boi foi citado em muitas respostas reforçando a sua participação positiva, quando se trata de oportunidade de estágio e emprego para jornalistas. Outra constatação foi o acúmulo de funções citado pelos profissionais, essa prática é bastante comum no mercado de trabalho local, porém é desgastante e nem sempre remunerada adequadamente.

Mesmo para aqueles profissionais que cursaram alguma disciplina voltada para o meio rural na universidade, essa abordagem acadêmica não influenciou a ida ao mercado de trabalho. Dessa forma é possível constatar que a abordagem ao tema na universidade pode ser superficial e, muitas vezes, retratar uma realidade diferente do mercado de trabalho.

Ficou claro que para atuar no mercado voltado para o segmento rural é necessário aprofundar-se no tema. O fato de a maioria ter cursado uma pós-graduação ou mestrado na área reforça, em partes, a insuficiência da graduação e a necessidade de ter conhecimento técnico e aprofundado da temática rural.

Sobre as definições de comunicação e jornalismo rural, todos os profissionais responderam e buscaram contribuir em suas colocações, reforçando a importância de se trabalhar esses temas na graduação. Alguns buscaram com suas palavras e experiência definir os conceitos, outros trouxeram definições já constatadas por autores que trabalham esses temas. Quando questionados sobre a preparação dos acadêmicos na universidade, os profissionais foram unânimes em dizer que a universidade não prepara os acadêmicos para atuar no mercado de trabalho voltado para o segmento. Essa resposta reforça ainda mais uma das hipóteses propostas nesta pesquisa, de que a abordagem da comunicação e do jornalismo rural na universidade não é relevante para capacitar o futuro jornalista.

Com relação a bem informar a população sobre os assuntos referentes ao campo ficou ainda mais evidente a dificuldade que o setor tem de se comunicar. Os veículos segmentados ainda conseguem fazer esse elo com menos dificuldade, porém a grande mídia, muitas vezes, não aborda os assuntos de forma atraente o suficiente para que o público urbano se interesse.

Os comentários deixados pelos profissionais reforçaram a necessidade de se falar mais do meio rural e agronegócio, a importância de levar essa discussão para o nível acadêmico e, acima de tudo, se falar mais sobre comunicação e jornalismo rural em sala de aula. Palestras com profissionais que atuam no segmento, parcerias com órgãos e instituições que desenvolvem ações ligadas ao campo, assim como, parcerias com empresas podem melhorar a abordagem da temática rural em sala de aula e dessa forma refletir positivamente na atuação do profissional no mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos com acadêmicos e profissionais fortaleceram ainda mais as hipóteses propostas inicialmente, de que há uma lacuna entre universidade e mercado de trabalho e que o jornalismo rural pode e deve ser explorado de maneira mais produtiva dentro da sala de aula.

A relevância econômica do setor do agronegócio é evidente, a busca por informações e até mesmo notas históricas sobre o tema sempre acabam chegando a um mesmo ponto: a contribuição do setor rural para a economia nacional. Mato Grosso do Sul a cada dia se consolida como importante produtor agropecuário, assim como grande gerador de serviços para o agronegócio e áreas que indiretamente são ligadas a ele, e caminha junto com outros estados da federação nessa contribuição econômica. Além dessa questão, diversos outros pontos igualmente importantes caminham juntos com o agronegócio, porém o que se pode perceber é que temas como: questão indígena, fundiária, desmatamento, agrotóxicos ou defensivos agrícolas, agricultura familiar, quilombolas, acabam sendo deixados de lado quando o meio rural ou agronegócio viram notícia.

Com a pesquisa o que se pode perceber é que e a comunicação e o jornalismo rural não são abordados de maneira eficaz nas universidades. Falta interesse dos alunos pelo tema, algumas vezes o professor regente da disciplina não tem ligação ou experiência com o meio rural, o que se discute na faculdade muitas vezes não é o que se encontra no mercado de trabalho. Há lacunas, ruídos, que prejudicam a abordagem do tema na universidade, o que acaba refletindo na atuação do profissional no mercado profissional. A formação e capacitação dos jornalistas para atuar no meio rural e agronegócio parece ter sido ignoradas nos cursos de comunicação, mesmo aqueles localizados em estados eminentemente agrícolas, como é o caso de Mato Grosso do Sul.

Mesmo os profissionais que atuam na área acreditam que falta interesse, dedicação, zelo ao se falar de meio rural. Falta debate, conscientização dos problemas enfrentados pelo homem do campo. Lembrando que esse homem do campo seria o agricultor familiar, o indígena, o quilombola, o grande empresário rural e tantos outros atores que tiram seu sustento e o de sua família da terra. Independentemente do que e como se produz, os gargalos existem para todos. Existe certo preconceito para se falar de agronegócio e meio rural, pois a visão que se tem, na maioria das vezes, é aquela do grande produtor de soja ou o pecuarista que cria milhares de cabeças de gado – visão que retrata o desconhecimento da importância da

agropecuária para o desenvolvimento nacional e local. É importante ressaltar que a comunicação e o jornalismo rural devem ir muito além das discussões sobre agronegócio.

Uma das hipóteses da pesquisa era a contribuição positiva que o setor traz para o mercado de trabalho para os jornalistas – hipótese essa confirmada com as respostas de acadêmicos que disseram ter oportunidade de estágio na área e também pelos profissionais que além do estágio durante a graduação, tiveram a oportunidade de se firmar no mercado de trabalho. Os veículos e empresas voltados para a temática rural possibilitam para muitos acadêmicos o primeiro contato com o mercado regional de trabalho, é um vasto campo de oferta de vagas de trabalho e isso reforça ainda mais a necessidade de trazer os assuntos ligados ao campo e ao agronegócio para sala de aula.

Infelizmente o que se percebe é que a comunicação e o jornalismo rural perderam espaço nas universidades, houve redução na oferta dessas disciplinas, são raras as pesquisas que tratam desses temas. O foco acaba sempre se voltando para o agronegócio e economia, isso resulta, muitas vezes, em discussões vazias e polarizadas. Importantes questões como, por exemplo: reforma agrária, desmatamento, demarcações indígenas, são na maioria dos casos, abordados sem que todos os lados envolvidos sejam ouvidos. A grande mídia acaba por produzir matérias buscando o "mocinho" e o "bandido", abordagens tendenciosas e superficiais. A mídia especializada no segmento se comunica bem com o setor, mas às vezes ignora o fato do homem do campo não ser apenas o produtor ou grande empresário rural. Este fato pode sofrer interferências de outros interesses que fogem do foco desta pesquisa.

O profissional que trabalha com comunicação rural, o jornalismo rural, jornalismo em agronegócio ou agro jornalismo, a denominação neste momento não importa, deve acima de tudo, buscar a informação, se atentar para a multiplicidade de indivíduos envolvidos, levar em consideração a cultura e saberes populares que fazem parte da vida de cada "homem do campo", conhecer os pontos positivos e mais ainda os entraves que fazem parte do meio rural e do agronegócio. É preciso tirar o véu do preconceito e saber que o campo tem muito a oferecer.

Ainda pouco se fala sobre a formação acadêmica dos jornalistas em Mato Grosso do Sul. É muito difícil definir o que seria uma formação adequada para este profissional, porém é fundamental tratar o tema e buscar discussões que contribuam para agregar assuntos teóricos, filosóficos e culturais. Essa pesquisa contribuiu para levar as discussões sobre comunicação e jornalismo rural para as universidades e também para os profissionais, despertando em ambos a relevância de se tratar do tema.

Com relação às Diretrizes Curriculares Nacionais é importante dizer que, mesmo com muitas críticas, elas têm buscado formar jornalistas com capacidade técnica e intelectual para desenvolver a profissão. É inegável que a universidades locais contribuem para o esquecimento da comunicação e do jornalismo rural em suas grades, as novas diretrizes não excluem essas disciplinas, pelo contrário dão liberdade para as universidades adequarem sua grade à realidade local.

O objetivo é que o acadêmico saia da universidade compreendendo sua função enquanto comunicador na área rural, apto a escrever ou falar sobre o tema, sempre ouvindo e olhando para todos os lados da história, com capacidade e discernimento crítico. As dificuldades de se fazer um jornalismo sério e imparcial são muitas, não apenas na área rural, mas é importante que o bom profissional tem espaço sempre, e deve dar voz à agricultura familiar, à sustentabilidade, ao meio ambiente, aos indígenas, ao produtor rural, ao empresário sempre com ética, seriedade e conhecimento sobre aquilo que está falando.

A realidade do mercado de trabalho, somada ao fim da obrigatoriedade do diploma, tem implicações diretas no ensino de jornalismo, assim é fundamental uma visão critica sobre o ensino, que forme jornalistas dinâmicos e preparados para atender as necessidades da sociedade e de seu entorno.

REFERÊNCIAS

ANTONIOLI, Maria Elisabete. Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional. **Revista Brasileira de ensino de jornalismo**. Brasília, v. 4, n. 15, p. 182-197, jul./dez. [2014 ISSN: 1981-4542] Disponível em: http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/368/229 Acesso em: 10 jan. de 2017.

ARAÚJO, M. J. **Fundamentos do agronegócio**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Notícias. **MEC homologa diretrizes curriculares nacionais de Jornalismo**. Publicada em 13 de setembro de 2013. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/sbpjor/2013/09/13/mec-homologa-diretrizes-curriculares-nacionais-de-jornalismo/>. Acesso: 26 de jun. 2016.

BORDENAVE, J. D. **Além dos meios e mensagens**: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORDENAVE, J. D. **O que é comunicação rural**. 2º.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos, 101.

_____. Comunicação rural: discurso e prática. In: BRAGA, G. M.; KUNSCH, M. M. K. (Orgs). Comunicação Rural: Discurso e Prática. 11° Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 1988. **Resumos...** Viçosa/MG: Editora Universitária, 1993, p. 11-21.

BORGATO, Sérgio. **Comunicação rural para uma nova era**: experiência do canal do boi no uso de novas tecnologias em telecomunicações, a serviço do homem do campo. Campo Grande. Editora UCDB, 2001.

BUNGESNTABG, D. J. **Agronegócio com sustentabilidade**: A eficiência das cadeias produtivas do agronegócio em Mato Grosso do Sul. Brasília: Embrapa Gado de Corte, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho nacional de educação. Parecer nº 39/2013, sobre a homologação das diretrizes curriculares nacionais para o curso em graduação de jornalismo (Portaria Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009). **Diário Oficial [da] União**, 12 set. 2013, secção 1, p. 10. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13063-pces039-13-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 26 jun. 2016.

BUENO, Wilson da Costa. **Mídia, agronegócio e insustentabilidade.** [201-]. Seção jornalismo em agrobusiness. Disponível em: <http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo_agrobusiness/artigo5.php>. Acesso em: 12 ago. 2017.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARAES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso do Sul.**4 ed. Campo Grande – MS: Papelaria Brasília, 1995.

CARVALHO, Geraldo Bueno. **Jornalismo rural na comunicação social do vale do Paraíba, estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2001. Disponível em: <http://www.novoscursos.ufv.br/posgrad/ufv/posextensaorural/www/wp-content/uploads/2012/02/Geraldo-Bueno-de-Carvalho.pdf>. Acesso: 20 jan. 2015.

CEPEA. **PIB do agronegócio Brasil**: relatório PIBagro brasil. São Paulo: Centro de estudos avançados em economia aplicada – USP, dez. 2016. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Relatorio%20PIBAGRO%20Brasil_DEZEMBRO.pdf.>. Acesso: 10 mar. 2017.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

DIAS, J. C. **A Imprensa Rural no Brasil**. **Histórias da Agricultura e da Propaganda Agrícola.** São Paulo, Editora Barleus 2011.

ESSELIN, P. M. A história do Mato Grosso do Sul. In: **MS Zoneamento Ecológico Econômico do MS**. Campo Grande: Semac, v. 1, 2008. Cap. 1, p. 11-20.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Paradigmas em comunicação rural. In: **Alô Pantanal. Estudo sobre a relação entre um programa de rádio e três comunidades rurais do município de Corumbá-MS.** São Bernardo do Campo, UMESP, 1998, p. 3-35 (dissertação de mestrado)

FREIRE, P**. Extensão ou Comunicação?.** Ed. 15. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUNTRAB. **Dados do CAGED**. Disponível em: <http://www.funtrab.ms.gov.br/dados-caged/>. Acesso: 20 nov. 2017.

GRAZIANO DA SILVA, J. Por um novo programa agrário. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**. Campinas, v.23, n.2, maio/ago.1993.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (Brasil). **Dados Produção Agropecuária no Brasil** - Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#economia> Acesso: 10 de maio 2016.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (Brasil). Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama>. Acesso: 10 jan. 2017.

KUNSCH, M.M.K. **Comunicação e Educação -** Caminhos Cruzados. São Paulo: Loyola, 1986.

_____, (Org.). **Ensino da Comunicação:** Qualidade na Formação Acadêmico Profissional. São Paulo: ECA – USP: Intercom, 2007.

MAIO, Ana Maria Dantas de. Jornalismo Agropecuário: do êxodo da grande mídia à sobrevivência no jornal local sob o comando das assessorias. **Jornalismo Especializado no Brasil**: teoria prática e ensino. UMESP, 2015, p.09-29

_____. **A retórica do campo:** um estudo sobre a comunicação nas cooperativas de café. 2005. 158 f. , 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/89395>. Acesso: 10 jan. 2018

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. [são Paulo]: Atlas, 2017. 368 p.

MARQUES DE MELO, J. O espaço da comunicação rural nas escolas de comunicação social. In: BRAGA, G. M.; KUNSCH, M. M. K. (Orgs). Comunicação Rural: Discurso e Prática. 11° Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – 1988. **Resumos...** Viçosa/MG: Editora Universitária, 1993, p. 73-78.

_____. Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão. In: XXXII congresso brasileiro de ciências da comunicação. **Resumos...** Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf> Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. A Batalha da Qualidade no ensino de comunicação: novos (antigos) desafios. In: KUNSCH, M. M. K. (Orgs). **Ensino de Comunicação** – Qualidade na Formação Acadêmico Profissional. São Paulo. ECA-USP. Intercom, 2007.

MEGIDO, J. L. T; XAVIER, C. **Marketing e Agribusiness**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. (Org.). **O campo da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). **História do Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <http://www.ms.gov.br/a-historia-de-ms/>. Acesso: 15 mar.2016.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>. Acesso: 20 dez. 2017.

MEDITSCH, Eduardo. A aplicação das novas diretrizes curriculares: oportunidade para o reencontro do ensino de jornalismo com o que foi perdido em sua história. In: **O ensino de comunicação frente às Diretrizes Curriculares**. In: ALMEIDA. Fernando F.; MELO, Marcelo Briseno; SILVA, Robson Bastos (Orgs.). São Paulo: INTERCOM, 2015.

NIXON, Raymond. **Analisis sobre Periodismo**. Quito/PER., CIESPAL 1963.

NÚÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L. (Org.). **Fundamentos do Ensino -** Aprendizagem no Novo Ensino Médio: das Ciências Naturais e Matemática. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PEREIRA, Michely R. M. M.; PEREIRA; Tiago Santos. **Segmentação e especialização: modos de ver, entender e fazer jornalismo**. Maringá: Centro Universitário de Maringá, 2009.

PIMENTA, Caroline. P. **Jornalismo e Divulgação Científica:** Uma análise de reportagens sobre ciência e tecnologia em um programa rural da televisão brasileira. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/petian-carolinejornalismo-divulgacao-cientifica.pdf>. Acesso: 8 jul. 2017.

QUEIROZ. A. C. F. A Pesquisa em Comunicação no Brasil - as contribuições da Intercom. In: **I Seminário de Comunicação Rural na UFV**, Viçosa: 1994.

RAMALHO, Roberto. **Exercício profissional**: a atividade jornalística e o STF. Observatório da Imprensa, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?>. Acesso: 8 jan. 2018.

RODRIGUES, J. Barbosa. **História de Mato Grosso do Sul.** Sao Paulo: Do Escritor, 1985.

SCHUCH, A. Hélio. **Qualidade no ensino de jornalismo**. [S.l.] Sala de Prensa, 2000. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art126.htm>. Acess: 23 abr. 2010.

SPENILLO, G. O Fenômeno da Comunicação Rural na era tecnológica – busca de novos caminhos. In: CALLOU, A. B. F. (Org.). **Comunicação rural, tecnologia e desenvolvimento local**. São Paulo: Intercom; Recife: Bagaço, 2002. p. 29-43. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/da643139709db041c80 bc785af76ef34.pdf>. Acesso: 01 jun. 2016.

TAUK SANTOS, M. S.; CALLOU, A. B. F**.** Formação de Comunicadores Rurais – Novas Estratégias para enfrentar o Século XXI. **Revista Contexto e Educação**. Editora UNIJUÍ. Ano 16, n° 63, set. 2001, p. 119 – 130.

UNESCO. **Modelo curricular da UNESCO para o ensino do jornalismo**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/modelo_curricular_ da_unesco_para_o_ensino_do_jornalismo>. Acesso em 26 jun. 2016.

ENTREVISTAS

Fabiana Perin. Entrevista respondida via correio eletrônico no dia 25 de maio de 2016. UNIDERP.

Inara Silva. Entrevista respondida via correio eletrônico no dia 8 de março de 2018. UCDB.

Katarini Miguel. Entrevista respondida via correio eletrônico no dia 10 de fevereiro de 2018. UFMS

Marcos Paulo da Silva. Entrevista respondida via correio eletrônico no dia 24 de julho de 2016. UFMS.

Oswaldo Ribeiro. Entrevista respondida via correio eletrônico no dia 17 de agosto de 2016. UCDB.

Raquel Caram. Entrevista respondida via correio eletrônico no dia 8 de fevereiro de 2018. UNIDERP.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário Respondido Pelos Acadêmicos.

Pergunta 1 - Em qual Universidade cursa a graduação em Comunicação Social / Jornalismo?

A primeira pergunta foi um filtro, utilizada para saber a quantidade de acadêmicos participantes de cada Universidade. Ao todo foram 15 participantes: Seis da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (40%), Seis da Universidade Anhanguera Uniderp (40%) e três da Universidade Católica Dom Bosco (20%). Conforme gráfico:

Pergunta 2 - Antes de iniciar a graduação em jornalismo, você tinha algum interesse no meio rural ou agronegócio? Comente.

- *"Mais ou menos, meu pai é produtor rural, então sempre tive um interesse".*
- *"Não, inclusive achava desnecessário!".*
- *"Não. Nunca me interessei pela área."*
- *"Sempre gostei do meio rural e até cogitei cursar zootecnia".*
- *"Seria algo familiar, mas não era minha preferência".*
- *"Não. Quando ingressei, já pensava em online".*
- *"Não, apenas radio e tv".*
- *"Não, sempre foi algo distante da minha realidade. Muito pouco comentado em sala, só fui me interessar quando surgiu a oportunidade de um estágio".*
- *"Não, era bem pouca a proximidade e conhecimento com o meio rural e sobre como era desenvolvido os trabalhos (até mesmo os tipos de trabalhos que engloba este setor)".*
- *"Não".*
- *"Nunca tive interesse, apesar de ser uma das principais áreas do jornalismo no estado".*
- *"Já tive, comecei um curso de técnico em agropecuária, mas logo vi que não era a minha praia".*
- *"Sim, gostaria de cursar Medicina Veterinária".*
- *"Não, nunca me interessei pela área".*
- *"Não, sempre quis atuar em assessoria de imprensa mas nunca tinha pensado em meio rural ou agronegócio"*

Pergunta 3 - Durante a graduação teve acesso à disciplinas voltadas ao segmento rural? Quais?

- *"Apenas uma disciplina, chamada jornalismo especializado, um dos tópicos dela é sobre o jornalismo rural".*

- *"Sim, duas disciplinas a jornalismo rural e a jornalismo ambiental".*

- *"Sim. Na disciplina de jornalismo rural, lecionada pelo professor Marcelo Câncio".*

- *"Sim. jornalismo rural, como disciplina optativa".*

- *"Jornalismo rural e alguns momentos no laboratório de tele".*

- *"Sim. Na matéria de jornalismo especializado".*

- *"Apenas a sua palestra".*

- *"Muito pouco, não era um disciplina específica. Chama "jornalismo especializado", pelo qual cada 2 semanas uma modalidade diferente era "estudada", confesso que aprendi mais no estágio do que nas aulas".*

- *"Eu tive uma matéria na grade, jornalismo rural, e foi daí que pude ter um pouco de contato de como era abordado esse tema dentro do jornalismo. Foi bem raso essa apresentação, pois, durante o semestre foram apresentados os veículos (do Estado e Brasil) que trabalhavam com o meio rural. Pouco se falou de como era feito o jornalismo rural (instituições que normalmente usamos como fonte, termos, etc)" .*

- *"Não".*

- *"Não tive diretamente, em alguns casos os professores tendo em conta a importância deste segmento para o curso tentavam incluir algumas palestras e alguns exemplos em sala".*

- *"Uma palestra somente".*

- *"Não".*

- *"Sim. Disciplina Jornalismo Rural, elencada como optativa na minha grade curricular".*

- *"Sim, na disciplina de redação jornalística".*

Pergunta 4 - Dentro dos conhecimentos adquiridos durante a graduação, defina o que é comunicação rural.

- *"É uma comunicação voltada para todos, já que na minha visão, o "rural" ou agronegócio move várias camadas da sociedade, move a economia, a moda, a alimentação, saúde, entre outros setores. A comunicação rural tem um papel importante em levar as*

notícias sobre o assunto para o Brasil e até mundo, já que somos fonte de exportação. E principalmente, dentro do Estado do MS, onde a economia é movida pelo rural".

- "Comunicação rural é toda forma de comunicação por meios como rádio, televisão, jornal e internet que especialmente discorram sobre assunto do âmbito rural e o que nele há".

- "É a área da comunicação voltada aos assuntos relacionados ao campo".

- "Comunicação rural é fazer com que a área rural também seja presente nas mídias e mostrar a importância dela".

- "É aquilo que faz o intermédio entre os grandes e pequenos produtores, empresas e consumidores".

- "Jornalismo voltado para o segmento do agronegócio, afim de atualizar os telespectadores sobre o assunto de seu interesse".

- "Toda informação, noticia que envolva o campo e o agronegócio".

- "É o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural".

- "A comunicação rural permite divulgar e estabelecer a interlocução entre pesquisadores técnicos, administradores e economistas de instituições universitárias e de órgãos públicos estaduais e federais junto as diversas categorias de trabalhadores rurais. Além disso, deve-se levar em conta o interesse do público (com adequação de linguagens, de formatos e veículos) para informar desde o grande produtor até o médio e pequeno agricultor familiar".

- "Um fluxo de informações, diálogo e influência entre os componentes do setor rural e os demais setores afetados pelo funcionamento da agricultura".

- "Comunicação Rural é o segmento destinado a transmitir informações referentes ao meio Rural e a tudo o que está presente nele".

- "Notícias sobre agronegócio".

- "Não sei dizer".

- "Comunicação rural é entender a linguagem desse meio e os seus desafios, como os termos técnicos e "jargões", além de ultrapassar o preconceito em relação a populações do campo e tentar transmitir isso, de modo fidedigno e correto, para o público em geral nos veículos de comunicação".

- *“A veiculação de conteúdos em diversos meios sobre a área que é nossa maior fonte de rende e referência para os outros estados. É informar e dar voz ao que acontece nesse meio”.*

Pergunta 5 - Em sua opinião, qual a função do jornalismo rural?

- *“Levar notícias e informar a todos sobre a economia que o agronegócio, mostrar uma visão diferente do que as pessoas tem sobre o rural, gerar empregos e movimentar a economia”.*

- *“Todo país tem algum tipo de produção seja ela agrícola, pecuária, agropecuária, enfim e essa produção faz parte da economia dos países, envolvem pessoas famílias, sociedade e, portanto é algo de interesse público. O jornalismo rural atende o interesse público da sociedade no âmbito rural”.*

- *“Abordar temas que envolvem o meio rural”.*

- *“Mostrar a importância do rural, do agro e as possibilidades que esse campo oferece. A geração de empregos no jornalismo rural que existe”.*

- *“Como estado em que a agropecuária é a maior forma de economia local, esse segmento do jornalismo é extremamente importe para girar a economia, manter os produtores e consumidores informados, principalmente pela educação no campo ainda ser fraca”.*

- *“Informar os pecuaristas, fazendeiros, enfim, pessoas que trabalham neste meio”.*

- *“Assim como os jornais levam as notícias do cotidiano para todos; o Jornalismo Rural tem a função de manter bem informado o homem do campo que vive longe da cidade e das inovações tecnológicas que, às vezes, pode significar a diferença entre Lucro e Prejuízo”.*

- *“Mostrar como o agro está inserido em tudo, desde o que se come, até o que vestimos”.*

- *“É um segmento muito importante que deve levar para a sociedade o conhecimento de como funciona a economia do país através do meio rural, e também, sobre como o agronegócio atua diretamente nas nossas necessidades cotidianas (vestimentas, alimentos, automóveis...). A função é mostrar como este setor atua diretamente em nossas vidas e levantar questões sobre esse conjunto de convivência no ecossistema, além disso, a conscientização da sustentabilidade, etc . Seja por meio de assessoria, repórter de tv/impresso/online”.*

- *“Falar sobre o agronegócio, cotação, entre outras coisas”.*

- *“O jornalismo Rural tem a função de noticiar tudo aquilo que envolva o meio Rural”.*

- *"Informar o homem do campo, empresários, movimentando a economia".*

- *"Levar a informação a atuantes da área e interessados nela".*

- *"Mostrar o desenvolvimento e participação do agronegócio para a economia local e nacional, mostrar os conflitos rurais, atualizar sobre cotações e demais aspectos financeiros que permeiam essa área".*

- *"Levar a informação as pessoas sobre a área com intuito de que todos se interessem em conhecer e saber pelo menos o básico de como funciona e quais os benefícios dele para no Estado".*

Pergunta 6 - Por cursar a graduação em um Estado onde o campo- agronegócio, agricultura familiar, indústria - é um os grandes responsáveis pelo desenvolvimento econômico, social e cultural acredita que uma disciplina voltada para o segmento rural seria importante dentro da graduação?

Nesta questão não havia espaço para comentários.

Pergunta 7 - Em sua opinião, as universidades preparam os acadêmicos, futuros profissionais, para atuarem no mercado voltado para o segmento rural em Campo Grande - MS?

Nesta questão também não havia espaço para comentários.

Pergunta 8 - Acredita que o agronegócio e as atividades ligadas ao meio rural são realmente a força econômica do Estado? Comente.

- *"Sim. Porque dentro do Estado a movimentação do agronegócio é muito grande, basicamente move a economia dele. Também existe uma questão territorial, já que aqui no Estado possuímos muitas fazendas e a maioria está em produtividade, sem contar do clima propício para a plantação de soja, arroz e milho".*

- *"Sim, são a força econômica do estado e são importantes".*

- *"Não podemos negar que o Estado de Mato Grosso do Sul tem sua economia baseada no agronegócio".*

- *"Sim. O meio rural gera muito emprego, tanto na área jornalística como na área rural mesmo. As atividades ligadas ao rural são as grandes riquezas e força predominante do estado".*

- *"Com certeza. Mato Grosso do Sul é uma potência no agro e referência no país".*

- *"Sim. Se potencializarmos as nossas qualidades certamente, teremos mais chances de sucesso; e isso vale pro nosso Estado que traz o agronegócio enraizado na nossa cultura e história".*

- *"Sim! Elas que movimentam a economia do estado e fazem com que MS tenha um grande reconhecimento quando se fala de agronegócio".*

- *"Acredito que o agronegócio seja responsável por essa força econômica, porém, acredito também que há uma necessidade em abordar os problemas e dificuldades dessa atividade (que reflete diretamente para o consumidor final). Vejo que o interesse e o conhecimento são muito pouco da sociedade pra entender como o agronegócio funciona, e justamente por MS ser uns dos Estados de renome rural, a população tem pouco conhecimento de como funciona este setor, como ele influencia a economia do Estado".*

- *"Sim. É a maior fonte de renda e de exportação a meu ver".*

- *"Acredito que sim, ainda mais em um Estado como o que vivemos onde a força está realmente no meio rural. Estas atividades são de certa forma, a vida do Estado e o que faz com que o Estado fique em evidencia e seja conhecido como tal".*

- *"Acredito que sim, pelo grande número de fazendas e criações. Soube até os 'tccs' dos cursos de economia em sua grande maioria são voltados para o agronegócio".*

- *"Sim, acredito. Por outro lado, na maioria das vezes, o lado social e humano é deixado de lado para se falar de lucro e desenvolvimento econômico. O jornalismo rural, em mãos que visam lucro, pode acabar passando por cima de populações menos favorecidas historicamente como os indígenas, que são detentores (inclusive por lei) de muitas terras no estado de Mato Grosso do Sul e em outras regiões do Brasil. O jornalismo rural pode ser excludente nesse sentido".*

"- Sim, temos que valorizar a nosso bem maior e estudar e aplicar o jornalismo nele é a melhor coisa a se implantar".

Pergunta 9- Deixe neste espaço suas considerações e ponderações sobre esta pesquisa e também sobre a formação de profissionais que poderão atuar no segmento rural e de que maneira as Universidades podem melhor explorar o tema.

- *"Pesquisar a comunicação rural dentro do Estado é importantíssimo. Até esse ano - que foi o meu último - eu não tinha ouvido falar sobre, então, creio que se dentro do Estado as pessoas estiverem estudando e se aperfeiçoando nesse campo, fica muito mais fácil para explorar esse tema e para aumentar esse campo de trabalho. Incluir uma matéria sobre o Jornalismo Rural na Universidade não é algo importante apenas para o profissional, é algo para se levar para a vida, já que o estudo sobre o agronegócio move vários outros campos".*

- *“É ótimo uma pesquisa desse tipo, porém as universidades não investem em formar jornalistas nessa área. Na UFMS ela era antes uma disciplina obrigatória mas agora se tornou optativa. Deviam investir mais, fazer palestras, abordar mais e mostrar como o tema é abrangente”.*

- *“Seria ótimo que os cursos de jornalismo permitissem que os alunos se aprofundassem no segmento rural, mas o período da graduação, seja ela integral ou não, é muito curta pra isso, há inclusive segmentos que nem são abordados”.*

- *“Pelo fato de MS ser referência quando o assunto é o agronegócio, as universidades poderiam oferecer mais conhecimento, como matéria voltada apenas sobre o assunto para os acadêmicos. Desta forma, pode-se expandir mais os horizontes deste futuro profissional”.*

- *“Já que somos considerados o "Celeiro" do Brasil em termos de produção de alimentos, nada melhor do que ter pelo menos, um semestre de jornalismo rural pra conhecermos o nosso próprio 'Quintal' e assim teremos jornalistas mais qualificados pra falar sobre os nossos agronegócios”.*

- *“Todos colegas pelo qual eu convivo do meio universitário comentam sobre o descaso com o jornalismo rural, o foco sempre é tv e polícia, acabam esquecendo que a economia do MS é o agro e não dão muita importância. Todos que pretendem seguir na área rural, precisam se aprofundar e buscar experiências, fora da universidade e por conta própria”.*

- *“Uma das áreas mais importantes da nossa sociedade não recebe investimentos e preparo da maneira que deveria. Por ser um setor tão importante, que afeta diretamente e diariamente nossas vidas, deveria oferecer para as pessoas/profissionais um leque maior de capacitação. Algumas instituições realizam esse trabalho, porém, são poucas as pessoas que tem acesso a essa formação. Acredito que o jornalismo rural possa ganhar mais força e espaço para que a sociedade entenda como funciona esse sistema e porque ele atinge cotidianamente em nossas vidas. E levar para as pessoas os conhecimentos e histórias fantásticas que o agro tem. Levar reflexão para as pessoas, levantar situações precárias que muitas vezes o setor enfrenta e precisa de um apoio. Além disso, incentivar projetos, incentivar novas possibilidades de inovação no campo, etc”.*

- *“Podem melhorar mudando a grade de ensino e fornecer o conhecimento na área a qual o estado é uma potência”.*

- *“Acredito que assim como outros segmentos o jornalismo Rural deveria ser mais explorado, mais explicado e colocado em discussão nas salas de aula, para preparar de um*

forma ainda melhor os profissionais que futuramente estarão no mercado, já que o que vemos nos dias de hoje, são escassos profissionais e aqueles que se destinam a isso ainda estão muito despreparados".

- *"Seria essencial a adição de matérias voltados para o meio rural, já que o Estado tem força para o ramo".*

- *"Fico feliz e tocado pela iniciativa, o jornalismo rural precisa de mais atenção mesmo. Eu mesmo conheço bem pouco da área e confesso ter pensado inúmeras vezes para responder algumas perguntas. Encerro minha graduação em 2018 e gostaria se possível, estudar um pouco mais sobre".*

ANEXO B – Questionário Respondido pelos Profissionais

Pergunta 1 - Em qual Universidade cursou a graduação em Comunicação Social / Jornalismo?

Pergunta feita para conhecer um pouco do perfil dos profissionais que atuam na imprensa local voltada para o segmento rural. Foram colocadas as Universidade locais como opção. Quatro (31%) profissionais se formaram na Universidade Anhanguera Uniderp; Dois (15%) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Dois (15%) na Universidade Católica Dom Bosco; Quatro (31%) em outras Universidades, são elas: UNIFEV – Centro Universitário de Votuporanga, UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora, UNIP – Universidade Paulista e UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo. Um entrevistado (8%) não possui graduação na área, mas possui registro profissional.

Pergunta 2 - Durante a graduação em Comunicação/Jornalismo cursou alguma disciplina voltada exclusivamente para a Comunicação ou Jornalismo Rural? Se cursou, obrigatória ou optativa?

- *"Não. O perfil do curso era essencialmente urbano até pela localização da universidade".*

- *"Sim. Tivemos aulas, mas não foram suficientes para conhecimento, na verdade não tinha nada a ver com a prática".*

- *"Sim. Foi uma matéria obrigatória, no sétimo semestre de curso. Mas que, no meu ponto de vista, colaborou de maneira pouco significativa para minha atuação como repórter no jornalismo rural".*

- *"Sim. Dentro da própria grade da UFMS havia um espaço para o jornalismo rural. A disciplina ocupava um semestre da grade e era obrigatória. Porém, era ministrada por um professor que não tinha um grande vínculo com o tema. Era um excelente profissional, entretanto, não era especializado na cobertura rural e não trabalhava com o assunto no seu dia a dia".*

- *"Não. Quando fui à faculdade já trabalhava no setor do agronegócio. Na Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo".*

- *"Sim. Obrigatória. O único fato que me fez lembrar que tive a disciplina foi uma viagem promovida pelo professor de jornalismo rural ao Pantanal como uma atividade alternativa. A viagem, porém, teve apenas cunho turístico. Além desta ocasião, não me recordo das aulas desta matéria".*

- *"Não. Mudei de universidade no início do meu terceiro ano de curso. Na grade da Uniderp (que deixei), havia disciplina de jornalismo rural na época, mas na universidade para onde fui, não tinha nada parecido com isso".*

- *"Sim. Na matriz curricular do curso tinha uma disciplina obrigatória denominada Jornalismo Rural, mas que estava na grade apenas por um único período (semestre)".*

- *"Sim. Disciplina de Jornalismo Rural, 1 semestre, obrigatória, assim como Jornalismo Ambiental".*

- *"Sim. Era disciplina obrigatória e ocorreu no último ano do curso (na época anual). As aulas abordavam situações do elo de produção das cadeias produtivas (e não agro ou de mercado). Criamos um programa de TV sobre o tema".*

Pergunta 3 - Qual a relação do seu trabalho com o agronegócio e o meio rural? Qual função desempenha no mercado de trabalho?

- *"Jornalista (produtor, repórter, fotojornalista, revisor)".*

- *"Eu sou jornalista e trabalho com produção de conteúdos, reportagens e apresentações voltadas para área".*

- *"Eu sou repórter da Record TV MS e nós fazemos um programa que já foi diário, atualmente é semanal, voltado para o jornalismo rural e agronegócio".*

- *"Meu trabalho é responsável por divulgar o agronegócio para a massa, por meio da publicação de notícias. Uma maneira de mostrar a importância do agronegócio para a economia do país e consequentemente para o dia a dia da população. E difundir informações que podem se transformar em conhecimento".*

- *"Me formei no final de 2005 e um semestre antes de concluir o curso já estava envolvido com o jornalismo rural, como repórter do Canal Rural em Mato Grosso do Sul. Dali em diante não desgrudei mais desta área. Permaneci como repórter do Canal Rural até o início de 2013 (sendo que em 2010 me mudei para Cuiabá para dar sequência ao trabalho agora em Mato Grosso). Do Canal Rural migrei para a TV Centro América (afiliada à Rede Globo em MT), onde assumi o cargo de editor-chefe e apresentador do programa MT Rural e do quadro Momento Agro (criado por mim e exibido às quartas e sextas-feiras durante o Bom Dia Mato Grosso - jornal matinal da empresa).Também exercia o trabalho de repórter agro na emissora, com reportagens para o Globo Rural. No início de dezembro (2017) voltei para o Canal Rural, onde assumi o cargo de apresentador, com participações diárias no programa Mercado e Companhia, ancorado por São Paulo".*

- *"Total. Apresento um programa sobre tecnologia de pastagens que vai ao ar pelo Canal do Boi. Recente comecei uma coluna rural na Rádio CBN. Minha função é apresentador de conteúdos jornalísticos rurais".*

- *"Sou editora e apresentadora de um programa de televisão voltado para agricultura (Agricultura BR – Canal do Boi). São três edições diárias que, juntas, somam 4 horas. Abordamos principalmente acompanhamento de safra, divulgação de relatórios e análise do mercado físico e futuro de commodities agrícolas. Juntamente com o meu colega de apresentação, apuramos as notícias mais relevantes do dia e produzimos o texto que falaremos no ar".*

- *"Sou assessora de imprensa da Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul. Portanto, estatísticas e dados econômicos ligados ao agronegócio, além de informações sobre agricultura, gestão rural, mercado, entre outros, fazem parte da minha rotina".*

- *"Atualmente trabalho como Analista de Comunicação. É um trabalho voltado para o comunicação corporativa, externa e interna, assessoria e atendimento de imprensa, e também desempenho tarefas ligadas com a área de marketing. Hoje, o meu principal cliente é o produtor rural, bem como o trabalhador do campo".*

- *"Fui assessora do Sistema Famasul durante 3 anos e atualmente sou jornalista no Portal Correio do Estado na editoria de Economia e Agronegócio (Correio Rural)".*

- *"Trabalho com jornalismo voltado para o agronegócio desde 2001 como profissional e um pouco antes disso como estudante. Quase não tenho experiência fora deste universo. Atualmente sou editor-chefe e apresentador de televisão em uma TV especializada em agronegócio, o Canal do Boi. Tenho também colunas especializadas sobre o tema: uma na folha do Fazendeiro (circulação em MS) na qual escrevo análises de mercado pecuário; em outra, Rural Centro (portal nacional) escrevo sobre fundamentos da produção dos EUA e Brasil e consumo internacional principalmente de soja. Com isso, trago apontamentos sobre o mercado spot e físico para o produtor brasileiro. O agro é global. Antes e/ou conjuntamente atendo agências de propaganda voltadas para a produção rural; assessoro/assessorei algumas das mais importantes leiloeiras rurais do País e também instituições como Acrissul, Sindicato Rural de Campo Grande, Três Lagoas e Camapuã".*

- *"Meu trabalho está diretamente relacionado ao meio rural e, consequentemente ao agronegócio. O foco está na elaboração de conteúdo especializado, oferecendo informações relevantes e imprescindíveis para a tomada de decisão no campo. Atualmente estou editor-chefe do programa MS Rural, um programa semanal que vai ao ar todos os domingos".*

- *“Sou assessora de Comunicação da equipe da Semagro (Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar). As pautas sobre pecuária e agricultura são de minha responsabilidade, bem como os temas que dizem respeito à sanidade animal e vegetal, pois atendo a Iagro (Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal)”.*

Pergunta 4 - Acredita que o fato de ter cursado ou não uma disciplina voltada para o meio rural influenciou sua escolha em atuar no mercado de trabalho voltado para este segmento? Por que?

- *“Não. A graduação geralmente te dá uma noção linear de mercado. A visão verticalizada vem com o tempo e com a experiência. O que me influenciou, na verdade, foi a especialização, o mestrado e a enorme demanda de mercado na área em nossa região”.*

- *“Sim. Nunca quis trabalhar com esta área, foi por um acaso e no momento era a oportunidade que tive para entra no mercado de trabalho”.*

- *“Sim. Como comentei anteriormente, a disciplina que cursei de Jornalismo Rural foi diferente do que encontrei depois no mercado de trabalho. Me interessei por este segmento por acompanhar ainda na época do estágio na TV Record o trabalho dos profissionais que lidavam com isso diariamente”.*

- *“Não. O agronegócio já era algo presente na minha família e portanto de extrema importância na minha formação social. E dentro da profissão de jornalismo já era algo que eu acompanhava, antes mesmo da faculdade”.*

- *“Sim. Acredito que no meu caso a escolha pelo segmento foi pela oportunidade que encontrei à minha frente. Aproveitei a porta aberta pelo Canal Rural e me apaixonei pelo tema. Dali em diante, tudo foi se encaixando. Busquei me aprofundar nos assuntos pertinentes ao agro e assim me encantei cada vez mais pelo segmento”.*

- *“Não. No meu caso foi ao contrário, eu já atuava no meio rural, então resolvi estudar comunicação para aplicar no segmento”.*

- *“Sim. Não me senti incentivada pela universidade a atuar no meio rural, tanto é que mal me lembro da disciplina. Entrei no mercado de trabalho deste segmento por oportunidade, não foi uma escolha intencional”.*

- *“Não. Acredito que, caso eu tivesse cursado uma disciplina voltada para esse tema, eu poderia ter saído da universidade com uma visão menos equivocada ou incompleta sobre o agronegócio. No entanto, só fui conhecer o que é de fato esse setor já no mercado de trabalho, formada”.*

- *"Sim. Isso é algo inerente. Nasci no interior, em Aquidauana, desde pequeno tive contato com o meio rural. Meus avós tinham uma pequena propriedade, um sítio, e sempre gostei da lida no campo. Sempre foi uma paixão, algo intrínseco na minha cultura. Além disso, o primeiro emprego, foi em um canal de televisão especializado para o público rural (Canal do Boi), em 2008, onde atuei como estagiário (durante o último semestre da faculdade em 2007), produtor-executivo e diretor de programa. Atuar num a instituição que representa os interesses e feitos da classe produtora é mais que uma profissão, é um deleite.*

- *"No meu caso não, pois, na época tiver oportunidade em política e quando iniciamos a carreira optamos pelo primeiro local que oferecer emprego. Depois que conheci o jornalismo rural me apaixonei e decidi mudar de especialização".*

- *"A faculdade é uma oportunidade de experimentação e teste aptidões. Já gostava muito do assunto. Particularmente, nunca consegui me ver escrevendo sobre algo fora das áreas de economia ou agronegócio. A disciplina na graduação confirmou o que eu sentia.".*

- *"O mercado de trabalho é muito dinâmico e exigente. Um profissional precisa estar preparado para atuar em diversas frentes. No começo da carreira isso é quase regra, independentemente de sonhos. No meu caso, aceitei o desafio de fazer jornalismo segmentado, gostei e há 7 anos atuo nesta área".*

Pergunta 5 - As informações e o conhecimento obtidos durante a graduação foram/são suficientes para desempenhar suas funções no mercado de trabalho? Realizou algum tipo de especialização ou pós-graduação relacionada ao tema?

- *"De forma nenhuma. Quando formamos não tínhamos qualquer noção de mercado e de atuação no agrojornalismo. Após uma especialização em marketing estudei melhor o campo de atuação. No mestrado "Produção e Gestão Agroindustrial" (quando já atuava no mercado nacional do jornalismo de agronegócios) consolidei conhecimentos, inclusive a campo, na área de nutrição animal, ciclo de lavouras, genética, biomassa, produção sustentável, manejo de pragas, etc. Tudo isso com o jornalismo aplicado".*

- *"A graduação não ajudou. Os professores também não conheciam e passavam o simples. Busquei uma formação técnica voltada para o agronegócio para conhecimento".*

- *"A graduação foi minha base para que eu pudesse exercer a profissão, não há dúvidas. No entanto, no quesito jornalismo rural, eu ainda aprendo a cada matéria, cada viagem ao campo, cada entrevista com o produtor".*

- *"Fiz mestrado em tv digital e sempre busquei qualificação extra na minha formação como jornalista".*

- *“Quanto às informações específicas ao jornalismo rural, o conteúdo visto na universidade não foi suficiente. Entendo que o papel da "matéria" na grade acadêmica era apenas para apontar aos futuros profissionais a existência de uma alternativa de mercado. Para me atualizar, fiz uma pós-graduação em Comunicação, Política e Marketing (Estácio de Sá) e cursei um MBA em Agronegócios (Esalq/USP). Este último, ainda incompleto (falta a monografia..rs).*

- *“As técnicas de redação, elaboração de textos, os laboratórios de rádio e tv foram importantes para meu desenvolvimento profissional. Embora tenha começado um curso específico de agribusines, não termina pelo fato de a faculdade ter encerrado o curso antes do prazo de conclusão”.*

- *“Considero que o curso de graduação de maneira geral me proporcionou conhecimento técnico básico para que eu pudesse entrar no mercado de trabalho. Já em relação ao conhecimento voltado ao agro, julgo que não recebi o preparo adequado. Comecei a atuar no meio sem conhecimento algum sobre o tema”.*

- *“Na graduação, o conhecimento obtido acerca de economia, legislação, entre outros, que também fazem parte do escopo de temas ligados ao agronegócio, é muito superficial e básico. Até o momento, tudo o que aprendi foi trabalhando há 3 anos e 5 meses com temas dessa natureza”.*

- *“Foram insignificantes, eu diria. A professora da disciplina não era uma pessoa especializada em rural. Não tivemos contato com a prática do setor, não houve sequer uma visita técnica à uma instituição representante do setor, de pesquisa ou até mesmo governamental. A literatura ofertada na época era escassa. Por isso, que hoje existem muitos profissionais contra o agro, tamanha desinformação na academia. Ainda não tive oportunidade de fazer uma pós-graduação ligada diretamente ao Agro, mas está nos meus planos a médio prazo. Mas já fiz curso pela instituição para otimização das atividades com foco no público-alvo”.*

- *“Fiz um curso técnico de nível médio em ‘Técnico em Agronegócio’, com intuito de ampliar meus conhecimentos no meio agropecuário. Quanto aos conhecimentos obtidos na graduação foram insuficientes, visto que era apenas uma disciplina e o conteúdo de jornalismo rural é vasto e complexo”.*

“A disciplina na graduação serviu para eu confirmar uma aptidão. Depois da faculdade fiz especialização em Marketing Rural e depois mestrado em Produção e Gestão Agroindustrial. Em especial, os dois cursos de “pós” ajudaram muito no mercado de trabalho e também para remuneração. Quando se fala em agronegócio é importante lembrar

que é o setor com o maior nível de investimento tecnológico quando comparado a qualquer outro no país. É claro que é um cenário heterogêneo, mas o quanto mais ambientado o jornalista estiver, melhor é o desempenho".

- *"Suficiente para começar, porém insuficiente para evoluir. Costumo dizer que na academia somos um projeto de jornalista – sabemos o que é e como atuar apenas na teoria. Quando caímos no mercado, vemos o quanto ainda precisaríamos aprender no curso, aprofundar em diversas frentes desta profissão. Eu, particularmente, senti na pele o quanto a faculdade é superficial, frágil, inconclusiva e despreparada para formar um profissional. Fiz diversos cursos e treinamentos na área. Ainda preciso fazer o mestrado - a falta de tempo ainda é o maior problema".*

- *"Na verdade o fato de não ter feito faculdade de jornalismo fez com que eu me cobrasse a cada desafio e, quando cheguei na Semagro me dediquei a cada tema como se fosse único. Participei das reuniões das câmaras setoriais, ouvi os coordenadores e produzi matérias buscando ser o mais didática possível, como se estivesse escrevendo para pessoas que, assim como eu, não tinham grande conhecimento sobre o tema. Deu certo".*

Pergunta 6 - É claro para você o que seja Comunicação Rural? A defina de acordo com seus conhecimentos.

- *"A Comunicação Rural é um conceito abrangente. Nele estão concentrados diversos níveis de processo: estão ai as necessidades básicas de informações do indivíduo, das famílias e comunidades rurais (e entre elas) assim como o fluxo de informações entre o urbano e o rural (e vice-versa, consolidando o processo de comunicação clássico). Na comunicação rural trabalham agentes bem distintos, como a propaganda, as redes sociais fechadas em sistemas de pequenos grupos rurais (em fazendas, por exemplo), o agrojornalismo e elementos de paralinguagem como a inflexão vocal dos capatazes e funcionários (na condução de comitivas) e as várias entoações de berrantes no manejo de animais".*

- *"Acredito que sim. É levar informação para o setor rural".*

- *"Não é muito claro o conceito, nunca parei para estudar sobre a Comunicação Rural como um todo, ao invés do Jornalismo Rural. Mas imagino que deva ser aquela direcionada ao homem do campo e que não é necessariamente exercida por um jornalista".*

- *"É um processo de troca de informações entre o meio e restante da sociedade".*

- *"Acredito que o termo se refira a todo universo de assuntos relacionados ao campo, independentemente dos emissores (jornalistas, pecuaristas, agricultores), mas com*

um receptor definido (o homem do campo). De maneira geral, a comunicação que gere interesse à quem está no campo".

- "É a comunicação com linguagem específica e conhecimentos específicos do mercado rural. O público rural tem outro comportamento diante da comunicação, é desejável que as informações produzidas tenham temas específicos e linguagem apropriada. Maior exemplo é a segmentação da TV com canais voltados exclusivamente ao setor rural".

- "Na minha visão, comunicação rural é um conjunto de ações que visam passar uma mensagem acerca do tema para o público alvo. Esta mensagem pode ser transmitida através de diversas formas de abordagem (institucional, publicitária ou jornalística, por exemplo) e diferentes meios de comunicação".

- "Comunicação rural é um conceito abrangente. Nos cursos de Agronomia, por exemplo, esse tema diz respeito à extensão rural e às práticas voltadas aos produtores rurais".

- "Acredito que conceituar a Comunicação Rural – propriedade dita – pode ser um equívoco, pois ela é um processo em evolução. Assim como a distância das relações urbano-rural, a aproximação campo-cidade, e mais, a própria mentalidade do produtor, que hoje vive em transformação, com um pensamento mais empreendedor, sustentável e humano. Por outro lado, pode-se dizer que, Comunicação Rural é o conjunto de informação e ações que dialogam sobre, para e com, os membros e setores deste segmento, com intuito de melhorar os caminhos da produção que visa a melhoria de vida no campo, e fora dele também, pois quase tudo em nosso cotidiano advém do Agro".

- "Fui compreender a comunicação rural somente depois de me especializar (pós-graduação em Assessoria de Comunicação). A partir daí iniciei uma série de pesquisas que resultaram em publicações científicas, no qual compreendi a diferença entre comunicação rural e jornalismo rural. A comunicação Rural se define por reunir o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e os demais setores da nação".

- "Creio ser claro. Trata-se de um modelo de comunicação que mantém em sua trajetória ou fluxo informações, conceitos, definições, entre outros, elementos do setor produtivo rural. A engrenagem ocorre entre os seus pares e aqueles impactados pelo setor ou interessados nele. Definição que lembra muito o conceito de cadeias produtivas.".

- "É a União de diversos atores e setores do agronegócio: poder público e iniciativa privada, produtores, trabalhadores, turistas, veículos de comunicação, etc. Todos interligados pelos interesses do segmento, onde diversas ferramentas possibilitam a

propagação de informações, sejam elas transmitidas por radiodifusão, telecomunicação ou por qualquer outro meio informativo on line ou impresso".

- *"Comunicação rural é 'falar para quem produz e para quem consome'. Não existe um público definido quando se fala em Governo então, como já disse, escrevo da forma mais simples e didática o possível, todas às vezes".*

Pergunta 7 - É claro para você o que seja Jornalismo Rural? O defina de acordo com seus conhecimentos.

- *"Resumindo: é a prática do jornalismo na comunicação entre as indivíduo/comunidades rurais e delas com a indivíduo/sociedade urbana (e vice-versa)".*

- *"Acredito que seja os trabalhos que realizamos voltados para área e veiculados/apresentados em vários meios de comunicação, seja eles jornais, televisão, internet, entre outros".*

- *"Bem, não sei se a definição está correta, mas vou dizer o que entendo por jornalismo rural. Acredito que é você (jornalista) abordar temas dentro do agro, na linguagem de quem o vivencia todos os dias e constrói esse setor. E para isso é preciso ir além do superficial, conhecendo de fato sobre o que se fala. Na minha visão, o maior desafio".*

- *"É um segmento do jornalismo especializado que atua no segmento do agronegócio e que tem como desafio fazer a ligação, entre o setor produtivo e o público em geral".*

- *"Toda e qualquer cobertura que diga respeito ao que acontece no campo e/ou fora dele, mas que gere algum reflexo a este segmento em especial. Entretanto, penso que reportar o que aconteça no mundo rural não seja uma mensagem produzida apenas para este público, mas sim, para todos os perfis de públicos (do campo ou não)".*

- *"Para o jornalismo rural é fundamental que o profissional entenda o comportamento do homem do campo, entenda um pouco sobre práticas agronômicas e veterinárias, mercado, sazonalidade, produtividade agrícola, produtividade pecuária. Com a falta de noções sobre estes temas, é praticamente impossível passar a mensagem que deseja. Ratifico que é necessário conhecer a linguagem do campo!"*

- *"Penso que jornalismo rural seja uma das vertentes da comunicação rural. Tem como finalidade traduzir as informações do meio, geralmente bastante técnicas, em uma linguagem de fácil compreensão do público leigo em geral".*

- *"Jornalismo rural é (ou deveria ser) a disciplina oferecida na graduação que norteia a cobertura jornalística de assuntos ligados ao meio rural, fornecendo conhecimento acerca de práticas agrícolas, mercado de grãos, a influência do agronegócio na economia local e nacional, etc. Do ponto de vista da assessoria de imprensa, o Jornalismo Rural pode fornecer conhecimento acerca das práticas profissionais de comunicação adotadas na gestão da relação entre empresa, público (nesse caso, o produtor rural) e a imprensa".*

- *"Jornalismo Rural é o segmento da Comunicação Social que informa sobre os acontecimentos, assuntos, serviços e instituições do Agro. Daí engloba-se canais especializados neste setor: canais de tv, sites, jornais e revistas impressos, programas de rádio, tv e web, e a assessoria de comunicação voltada à essa esfera".*

- *"Jornalismo Rural é um dos ramos do jornalismo especializado na qual são divulgadas todas as notícias/ informações que dizem respeito ao meio rural e ao interesse do setor agropecuário (antes, dentro e fora da porteira)".*

- *"É a apuração, abordagem e, em alguns casos, análises, do meio rural convertendo informações ou dados do campo, do meio rural, em notícias. Distinto do que hoje é chamado de agribusiness ou agronegócio, muito mais voltado para o fator mercadológico, comercialização e cenários macro e micro do setor.".*

- *"É o segmento do jornalismo responsável por levar ao público especial notícias que possam não apenas informar, mas, questionar, contribuir para a formação intelectual e evolução das atividades".*

- *"Jornalismo rural, ai sim, você escreve especificamente para um público. Revistas, sites segmentados. Acredito que isso seja Jornalismo rural".*

Pergunta 8 - Em sua opinião, as universidades preparam os acadêmicos, futuros profissionais, para atuarem no mercado voltado para o segmento rural? Por que?

- *"Hoje mais do que ontem. Torço que menos do que amanhã. Há muito o que fazer. Grande maioria dos recém formados ainda chega ao mercado sem saber distinguir conceitos e grandezas básicas como produção/produtividade, porcentagem/ponto percentual, hectare/alqueire, etc. E o que é pior: boa parte tem medo de perguntar. A essência do jornalismo é saber perguntar. O bom jornalista pergunta até dormindo. E será que os cursos orientam os futuros profissionais sobre o uso de EPI´s no campo?"*

- *"Na minha época de formação não. Falta mais conhecimento e preparação por parte dos professores mostrarem que existem várias vertentes dentro do jornalismo rural, não é só impresso ou televisão".*

. - "Primeiro, não há como fazer jornalismo rural sem ir à campo e, segundo, que os temas abordados na universidade não são os mesmo que nos deparamos no mercado".

-"Acredito que é um setor especializado que ainda não é trabalhado de forma direta na grade curricular das faculdades de jornalismo".

-"Além da experiência que relatei sobre a minha formação, recentemente voltei às universidades (em Cuiabá) para conversar com alunos de jornalismo e notei claramente um triste desconhecimento sobre o tema. Vale lembrar que hoje vivo num estado ícone na produção de alimentos, referência mundial no cultivo de grãos e produção de carne bovina. Por aqui não há nada na grade acadêmica específica para o segmento rural, nem mesmo um semestre dedicado ao tema (como tive oportunidade de cursar - mesmo com as deficiências relatadas - na minha formação entre 2002-2005). Quem se forma e tenta uma vaga nesta cobertura, precisa passar um bom tempo adaptando-se ao universo rural, esforçando-se - inclusive - para compreender termos básicos da linguagem campestre".

- "Depende! Se for acadêmico de veterinária ou agronomia, sim! Se na nossa área da comunicação, não! De modo geral as universidades não possuem grade curricular ou estão preparadas para isso (pelo menos ainda não conheço alguma que tenha essa especificidade). Mesmo para outro segmento (ex.: esporte, economia, etc) cabe ao profissional buscar o aprimoramento".

- "A minha experiência na universidade mostrou que o curso não inseriu de maneira séria o meio rural como umas das editorias do jornalismo. A meu ver, para formar um profissional apto a atuar nesta área seria interessante, em primeiro lugar, fazer o aluno enxergar a magnitude do setor e, posteriormente, ensiná-lo a traduzir os dados para uma linguagem adequada".

- "Não, porque, na verdade, a formação generalista do jornalista (e do professor), assim como a grade generalista de disciplinas da graduação, geralmente não dão ao aluno a oportunidade de se aprofundar em conhecimentos segmentados, em temas específicos. Além disso, existe muito desconhecimento e até mesmo preconceito por parte dos educadores acerca do que é o agronegócio, dificultando ainda mais o despertar de interesse de alunos, pessoas em plena formação profissional".

- "Assim como relatei a minha experiência com o JR na academia, acredito que com as mudanças de grades, voltadas ainda mais para essa comunicação globalizada e digitalizada, essa disciplina perdeu mais ainda o valor. Ainda mais em um estado que tem sua economia baseada no setor produtivo, a academia deveria voltar ainda mais atenção para iniciativas do segmento rural".

- *"Se levarmos em conta que temos em Campo Grande 4 universidades que oferecem a graduação em jornalismo e somente uma, a UFMS possui a disciplina específica já temos um panorama de que é preciso debater a ementa pedagógica do curso. Ainda que o jornalismo rural seja um dos componentes do jornalismo especializado, precisamos deixar claro que nosso Estado possui como principal matriz econômica o Agronegócio. Então se faz urgente rever este cenário e investir na especialização dos futuros profissionais".*

- *"Creio que não. Apesar de estar em um Estado (MS) com tradição e vocação rural os alunos não são preparados para tal. Percebo haver um pequeno esforço acadêmico nas universidades (em especial as privadas) para ter futuros profissionais preparados para este setor. Todavia ainda longe da prática profissional. Na universidade pública há um certo descaso com o tema, (meu entendimento particular) é comum alguns alunos de comunicação social e de outras áreas de humanas interpretam a produção agropecuária como algo elitista e pouco producente para sociedade. Posicionamento equivocado e pouco questionado em salas de aula. ".*

- *"Porque a formação é insuficiente, superficial".*

- *"Não acredito que a universidade prepare especificamente para qualquer tema. Vale a tendência e o esforço pessoal, além da dedicação a estudar qualquer tema a que se proponha escrever. Já fiz social, política e hoje faço agro. Em todas as situações tive que produzir ao mesmo tempo em que ia 'aprendendo'".*

Pergunta 9 - Acredita que a população é bem informada sobre assuntos relacionados ao campo (agronegócio e seus gargalos, agricultura familiar, questão indígena, entre tantos outros temas que permeiam o segmento rural)? O que "faltaria" neste diálogo?

- *"Invariavelmente a sociedade rural brasileira se comunica muito bem entre ela mesma, mas pessimamente com a sociedade urbana. Isso acontece justamente pelo desconhecimento ou mau uso dos processos e recursos de comunicação disponíveis. Hoje é impossível, por exemplo, fazer agrojornalismo (como chamamos o jornalismo rural) no ar condicionado dentro da elegante sala no charmoso prédio da Avenida Paulista. O bom agrojornalista vai a campo e pisa em bosta de vaca, como costumo dizer. Outro detalhe é a descentralização do agrojornalismo brasileiro do Sudeste para o Centro-Oeste. No meu caso, por exemplo, trabalho há 16 anos para publicações nacionais de agrojornalismo sediadas em São Paulo. Resido em Campo Grande e daqui sigo para reportagens no Pantanal, Paraguai, Mato Grosso, Goiás, Paraná, interior e litoral de São Paulo, Minas Gerais e até mesmo na*

Amazônia e Nordeste. Campo Grande, em particular, está no olho do furacão do agronegócio brasileiro".

- "Acredito que primeiramente os profissionais deveriam ter um pouco mais de conhecimento e um cuidado ao escrever as matérias, pois somos formadores de opiniões e dependendo do que escrevemos é o que vendemos e o que as pessoas compram e acreditam, e sabemos que muitas notícias, informações não são passadas corretamente, tendo até distorções, ou palavras mal ditas ou colocadas. Pouca se divulga o rural, o que acontece com mais frequência em meios de comunicação especializados ou programas, acredito que poderia ser mais explorado, explicado".

- "Com certeza não. Acho que infelizmente a população de forma geral não se dá conta da importância do agronegócio para o mundo em muitos aspectos. E por isso, limitam-se as notícias do segmento rural apenas para o homem do campo e aqueles que estão diretamente inseridos neste meio. Além disso, acho que o fato de ainda terem tão poucos profissionais de comunicação interessados na área também influência na falta de informação ou maneira como ela passada".

- "O jornalismo rural já evoluiu muito, já está conquistando a "massa", mas ainda é um caminho longo e cheio de desafios. Acredito que essa é uma tendência mundial, de valorização do setor produtivo. Já que vivemos atualmente situações de falta de alimentos, fome e escassez de recursos naturais. Por isso essa aproximação entre setor produtivo e população em geral deve ser estreitada ainda mais".

- "Sinto que os canais segmentados cumprem perfeitamente este papel. Porém, estes veículos falam diretamente para um público específico. A grande massa, que normalmente tem na tv aberta uma das principais janelas para ver o que acontece no mundo, ainda não recebe informações à altura da discussão - extremamente complexa, por sinal. Penso que falte - além de mais profissionais especializados no assunto - uma abertura maior para a produção e veiculação de notícias e produtos específicos sobre os temas do campo. Sou um defensor do jornalismo especializado, seja no rural, no esporte, no meio ambiente, na economia, na política. Só assim, com conhecimento de causa, o conteúdo produzido ganha mais qualidade e pode ter uma chance maior de chegar com maior clareza e profundidade, ao receptor esperado".

- "Não! A população desconhece o segmento, possui uma noção muito superficial sobre o que é o agronegócio na sua totalidade. Nem mesmo sabem que o setor é o grande responsável pela balança comercial (acho que nem sabem o que é balança comercial). Como a comunicação/jornalismo dá mais ênfase para os setores industrial e comercial, a

importância do homem do campo é ofuscada. Ninguém ao ir a um supermercado e comprar qualquer item produzido no campo lembra-se do produtor rural. Isso pelo fato de as embalagens e propagandas dos produtos levarem o consumidor enxergar da indústria para frente, nunca da indústria para o setor primário. Por outro lado, o jornalismo sensacionalista mostra questões (indígenas, sem terras) de modo incoerente com a realidade, o que influencia diretamente no pensamento e na opinião pública".

- *"Enxergo que a população brasileira em geral não tem noção da relevância do agronegócio para o país. Eu, inclusive, não dava a devida importância antes de começar a atuar no meio. No entanto, percebo que aos poucos assuntos envolvendo o agro começam a entrar mais na mídia, fazendo com que o público receba mais informações e, assim, possa formar opinião. Apesar disso, penso ser ainda muito vaga a compreensão de todos os aspectos envolvendo o setor".*

- *"O conhecimento que a população tem acerca desses temas já chega às pessoas "peneirado" pelos conceitos/ideias/concepções de formadores de opinião e da própria mídia. Sendo assim, nem sempre a informação que chega à população é mais equilibrada ou justa. Vivemos em uma sociedade polarizada, onde tudo parece resumir-se em quem é de direita e de esquerda. Para que esse diálogo possa fluir de fato, um dos caminhos é a formação de jovens com mentalidade mais consciente, globalizada, menos idealizada e mais real acerca do que é o agronegócio brasileiro".*

- *"Acredito que o próprio setor ainda está aprendendo a se comunicar, e isso vem acontecendo paulatinamente. Pois o produtor hoje está sedento por informação, experiência e conhecimento, e quer responder à altura do que a sociedade exige hoje. Além de pensar na tecnologia a ser empregada na sua empresa rural, hoje o produtor também está em busca de se aperfeiçoar para combater o rótulo de "vilão" e aspectos caricatos – chapéu de palha, roupa rasgada e etc. Mas não é apenas um erro da academia, faltam iniciativas do próprio setor para chamar atenção da sociedade. É preciso que instituições representantes da classe, como os sindicatos, federações e demais entidades, se façam mais agentes transformadores da realidade social. Em adição, a Embrapa - e demais empresas de pesquisa como as Fundações -, berço do saber cientifico para o homem do campo, abra suas portas para sociedade de uma maneira mais pedagógica e interativa. Um exemplo que deu certo, foi o Congresso Acadêmico da Aprosoja MS – Associação dos Produtores de Grãos – que atraiu um público diverso e bem heterogêneo, não restringindo a apenas alunos de ciências agrárias, para a participação no evento. Enfim, são iniciativas que podem direta ou indiretamente agregar valor ao campo".*

- *“Não acredito que a população seja bem informada, pois, na maioria das vezes a pauta que permeia o agronegócio versa sobre a questão econômica, deixando em segundo plano, as questões sociais e culturais. Faltam nas pautas, uma análise mais apurada e a produção de conteúdos mais aprofundados sobre temas que ainda são considerados tabus: questão indígena, agrotóxicos, efeito dos gases estufa, entre outros”.*

- *“ A população geral é muito desinformada em relação ao agronegócio – não conhece ou entende a base da matriz econômica nacional – a imprensa tem grande responsabilidade sobre isso; na agricultura familiar, boa parte da população acredita ser de subsistência (inclusive muitos dos agricultores familiares). A pequena propriedade precisa ser vista como um negócio, ser viabilizada, rentável, atingir nichos de mercado. Um agricultor familiar pode ser um grande produtor em uma pequena propriedade; na questão indígena há total desinformação e muita paixão envolvida. É necessário estabelecer e respeitar os direitos dos cidadãos brasileiros, todos eles. Não vou entrar no mérito indígena, daria muitas páginas. Entretanto, em ambos os casos citados, falta preparo do jornalista ao abordar temas importantes para sociedade e seu desenvolvimento; é preciso tratar as temáticas com isenção e, por fim, estar disposto a ouvir a entender a diferença. ”.*

- *“Em partes. Por MS ser um dos Estados mais produtivos do Brasil ainda temos muito a evoluir no segmento rural. Faltam veículos especializados e profissionais experientes”.*

- *“Não. Falta muito ainda. Contudo, vejamos pela ótica da campanha ‘Agro é tudo’ da Rede Globo, onde são exibidos filmes curtos explicando de onde vem e para que são utilizados alguns produtos da agricultura e pecuária. Já é um começo. Na minha opinião o caminho é esse e, aliado a eleição de um maior número de representantes do setor no executivo e legislativo e mais união dos produtores, teremos menos ruídos nessa comunicação”.*

Pergunta 10- Deixe neste espaço suas considerações e ponderações sobre esta pesquisa e também sobre a formação de profissionais que poderão atuar no segmento rural e de que maneira as Universidades podem melhor explorar o tema.

- *“Hoje a vida produtiva no campo pressupõe o uso de tecnologias modernas e de mecanismos sustentáveis. Os problemas sociais se equivalem ao contexto urbano (sem terra/sem teto/ minorias/indígenas, etc) e suas aberrações devem ser denunciadas pelo jornalismo (é a nossa função social). Torço para que as universidades consigam aproximar o acadêmico cada vez mais próximo desta realidade, ajudando a fazer a ponte necessária para uma interação maior entre as cidades e o campo. Uma coisa que deve inquietar muito os*

acadêmicos é a remuneração na atividade. Em uma próxima oportunidade sugiro a abordagem do tema. Parabéns pela iniciativa desta pesquisa. Tomara que eu possa ter contribuído um pouco com este trabalho".

- *"Bem, eu não tive nada que me acrescentasse na faculdade neste assunto. Tudo o que sei é na prática e busquei conhecimento. Acredito que os professores de universidade devem ter experiência na área ou ter vivido algo. É um segmento que precisa cuidado ao escrever, montar um texto seja para televisão, site ou jornal. Não tive na faculdade apresentação de instituições que possamos buscar informações, não sei como é hoje. Mostrar para os alunos que o rural não é só boi, soja, milho e produtor rural, que o mundo agro vai muito, além disso, dar oportunidades dos alunos praticarem e se for possível levarem ao campo, acompanhar e até colocar eles para fazerem os mesmos trabalhos que os profissionais da área desenvolvem".*

- *"Estamos em um estado onde o agronegócio comanda a economia e é o que tem segurando nosso PIB. Um setor repleto de oportunidades que nos abre um leque de assuntos e vivências. Porém, vejo que na área de comunicação voltada para o profissional jornalista, ainda não há disciplinas ou projetos que explorem todo esse potencial e mostrem para o futuro profissional o quanto este segmento pode ser apaixonante. Talvez, se dentro das universidades os alunos tivessem outra abordagem de temas segmentados, seria mais fácil enfrentar o mercado de trabalho".*

- *"Assim como todo jornalismo especializado, acredito que o profissional precisa buscar formação extra para melhorar sua capacidade de atuação. O papel da universidade, na graduação, é dar as ferramentas básicas para a formação de um jornalista, capaz de atuar na profissão, independente da área. Acredito também que a faculdade tem o papel de Despertar novos interesses sobre áreas específicas, mas é de extrema importância a prática do mercado".*

- *"A pesquisa é de suma importância! O jornalismo rural precisa avançar. Precisamos estar preparados para noticiar com cada vez mais qualidade um setor que tende a se tornar mais e mais importante no mundo. As previsões para as próximas décadas são de um crescimento expressivo da população mundial. Vai ser preciso produzir mais alimentos e caberá ao Brasil cumprir esta missão. Com um segmento em evidência, noticiar com qualidade é passo fundamental para esclarecer à população os desafios, metas e contradições presentes neste universo tão complexo. Apoio integralmente a pesquisa, e penso que assim - botando o "dedo na ferida" - tenhamos chance de nivelar desde os bancos universitários um conhecimento mínimo sobre o tema.*

Acredito que incluir jornalismo rural na grade seja o primeiro passa. Contar com profissionais que tenham realmente vivenciado o tema para lecionar seria o passo seguinte e -daí em diante - fomentar discussões em torno do assunto. A mudança, claro, não virá de um dia para outro. Mas dar início a este projeto, trará frutos importantes, na minha opinião".

- "As considerações já estão implícitas nas questões anteriores. Par explorar melhor o tema, as universidades poderiam ampliar as discussões, apresentações, promover seminários com profissionais com experiência na área!"

- "A iniciativa de questionar os profissionais envolvidos com o jornalismo rural sobre as questões abordadas nesta pesquisa é um importante passo para diagnosticar as falhas que existem na educação do agronegócio nas universidades de comunicação do Estado, uma vez que somente após atuar no meio é possível julgar a qualidade do ensino. Penso que a inclusão de aulas práticas in loco, acompanhando o dia a dia dos envolvidos das diferentes cadeias produtivas, seria uma maneira atraente e eficaz de inserir o tema ao aluno. A partir deste contato, o futuro profissional teria mais propriedade e sensibilidade para cumprir com a sua missão de levar informação clara, correta e sucinta à sociedade".

- "Abrir as portas das universidades para o diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento, e com o objetivo de pensar o agronegócio como um vasto campo profissional, precisa ser uma alternativa. Propostas de projetos interdisciplinares, que levem em consideração o fato de que o agro absorve profissionais das mais diferentes formações acadêmicas podem ajudar nesse processo. Além disso, é preciso abrir espaço para a discussão de temas como a sustentabilidade, a preservação ambiental, a sustentabilidade econômica do agronegócio, as influências políticas sobre as atividades agropecuárias, entre outros, dando voz a maior quantidade possível de opiniões plurais dando ao acadêmico, dessa forma, a chance de ouvir e conhecer de fato outras visões acerca dessas temáticas".

- "Não acredito que a população seja bem informada, pois, na maioria das vezes a pauta que permeia o agronegócio versa sobre a questão econômica, deixando em segundo planto, as questões sociais e culturais. Faltam nas pautas, uma análise mais apurada e a produção de conteúdos mais aprofundados sobre temas que ainda são considerados tabus: questão indígena, agrotóxicos, efeito dos gases estufa, entre outros".

- "Acredito que o curso de comunicação social, independente da habilidade oferecida: jornalismo, propaganda e publicidade e relações públicas (ainda existe em outros

estados) deveria oferecer uma formação mais apurada nas questões que fazem parte do agronegócio brasileiro.

Jornalistas e publicitários precisam conhecer mais sobre o meio, sobre seus diferenciais para ter a competência de interpretar os dados do setor para população. Ninguém é obrigado a saber sobre tipos de forragem, mas, precisam compreender todo o processo de produção do leite até chegar a gôndola dos supermercados.

Não basta apenas investir em marketing rural, que está relacionado a vendas, mas, entender no mínimo, os três principais processos: antes da porteira, dentro da porteira e depois da porteira.

Uma excelente opção é promover a integração dos acadêmicos de comunicação social e ciências agrárias, para que ambos entendam a formação do outro. Quem sabe assim poderíamos formar profissionais com mais conhecimento e experiência profissional".

- "A pesquisa aborda situações relevantes para atuação de profissionais de jornalismo que estão nesta área. Não somos muitos e, provavelmente, é ainda a única editoria(s) a ter vagas de trabalho. De maneira muito direta, não gosto da preparação recente em acadêmicos de jornalismo para a área rural. Já contratei diversos recém-formados e poucos estagiários. Aqueles com algum conhecimento ou informação sobre o tema é porque tem/tinham experiências pessoais. Desses lembro bem, estão em posições de destaque no Canal do Boi ou em outras emissoras agro pelo país e veículos especializados. Creio que a universidade precisa encontrar ferramentas para estreitar os estudos acadêmicos com o mercado de trabalho especializado, com seus profissionais e com o meio rural, etc. É necessário vivenciar o ambiente".

- "Agradeço a oportunidade pela participação deste importante trabalho de pesquisa. É notória a necessidade de mais espaço na grade curricular para o jornalismo segmentado. As Universidades podem e devem elaborar planos para otimizar, aprofundar e trazer a realidade do mercado de trabalho para suas salas de aula. Só assim teremos profissionais mais comprometidos e preparados para enfrentar os desafios que o jornalismo nos traz todos os dias".

- "Não é possível que alguém se especialize na produção de conteúdo voltado para o Agro se não entrar de cabeça nos temas. Portanto, acredito que não apenas uma disciplina mas, um semestre inteiro para quem quer se especializar. Tem que ir nas propriedades, participar de dias de campo, visitar exposições, tem que experimentar o dia a dia da zona rural".